

PRISCILA RESENDE SILVEIRA

TECENDO SABERES NO TEIA/UFV: *PRÁXIS* E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Dissertação a ser apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS- BRASIL
2014

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

S587t
2014 Silveira, Priscila Resende, 1987-
 Tecendo saberes no Teia/UFV : práxis e extensão
 universitária / Priscila Resende Silveira. – Viçosa, MG, 2014.
 vii, 144f. ; 29 cm.

Inclui anexo.

Orientador: Daniela Alves de Alves.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.139-143.

1. Práxis (Filosofia). 2. Extensão universitária.
3. Programa Teia/UFV. I. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Ciências Sociais. Programa de Pós-graduação
em Educação. II. Título.

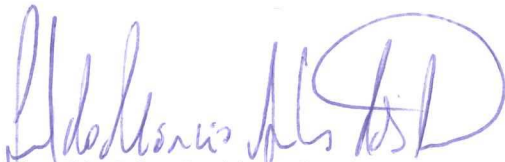
CDD 22. ed. 378.175

PRISCILA RESENDE SILVEIRA

**TECENDO SABERES NO TEIA/UFV: PRÁXIS E EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 26 de setembro de 2014.



Geraldo Marcio Alves dos Santos
(Coorientador)



Cezar Luiz de Mari



Dilenio Dustan Lucas de Souza



Daniela Alves de Alves
(Orientadora)

Dedico este trabalho a um ser tão especial que agora vive em mim trazendo mais brilho à minha vida e me inspirando nesses últimos meses a prosseguir na caminhada: meu filho Guilherme.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a todos os membros e parceiros do Programa Teia da Universidade Federal de Viçosa pela colaboração na a realização desse trabalho.

Agradeço aos professores: Daniela Alves de Alves, Willer Araújo Barbosa, C  zar Luiz de Mari, Geraldo Márcio Alves dos Santos e Dilenio Dustan de Lucas por todo carinho e dedica  o.

Agradeço aos meus familiares e esposo por todo amor incondicional mesmo nos momentos em que o meu tempo foi consumido pelas horas destinadas ao trabalho.

*“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na
palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”*

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

Resumo	vi
Abstract	vii
INTRODUÇÃO.....	1
1. A EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA TEIA/UFV	12
1.1 Pressupostos e Projetos do Teia/UFV 2013	12
1.2 A minha experiência no ano de 2013	28
1.3 O Terreiro-cultural na comunidade de Ribeirão Preto	37
1.4 A Troca de Saberes.....	45
1.5 A Comissão de Comunicação da Troca de Saberes 2013	62
2. AÇÕES E PERSPECTIVAS NO TEIA/UFV	67
2.1 As trajetórias dos membros e os pressupostos do Programa Teia/UFV	69
2.2 O significado atribuído ao Teia	77
2.3 As ações significativas segundo os integrantes do Programa	80
2.4 O Teia nas comunidades envolvidas	83
2.5 As ações de ensino e pesquisa do Programa	88
3. PRÁXIS E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	91
3.1 Discussão dos Aspectos Históricos da Extensão Universitária	91
3.2 Agroecologia, Movimentos Sociais e Cultura Local	107
3.3 A <i>Práxis</i> e a Experiência do Programa Teia/UFV	111
3.4 O Programa Teia e a Extensão: convergências e divergências	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
ANEXO 1	144

Resumo

SILVEIRA, Priscila Resende, Universidade Federal de Viçosa, setembro de 2014. **Tecendo saberes no Teia/UFV: *Práxis* e Extensão Universitária.** Orientadora: Daniela Alves de Alves. Coorientador: Geraldo Márcio Alves dos Santos.

Este trabalho objetiva a compreensão: do que é o Programa Teia da Universidade Federal de Viçosa; das concepções de Extensão Universitária que se entrelaçam ao Programa; e das relações entre *práxis* e a Extensão Universitária. Esta pesquisa contou com uma inserção no Teia durante o ano de 2013 em reuniões semanais e em duas ações: a Troca de Saberes da Universidade Federal de Viçosa e o Terreiro-cultural de Ribeirão Preto em Guidoal, Minas Gerais. Buscou-se ainda fazer uma análise de entrevistas semiestruturadas realizadas com 3 estudantes e 2 professores do Programa. Por conseguinte, procurou-se verificar como a extensão realizada pelo Programa pode apontar questões que provoquem na Universidade a participação efetiva dos cidadãos, com espaços que valorizem os diversos saberes colaborando para uma maior legitimidade social da Universidade e promovendo o protagonismo dos sujeitos na realidade social.

Abstract

SILVEIRA, Priscila Resende, Universidade Federal de Viçosa, September, 2014. **Weaving knowledge in the Teia / UFV : Praxis and University Extension.** Adviser: Daniela Alves de Alves. Co- Adviser: Geraldo Márcio Alves dos Santos.

This work aims the understanding of: what is the Web Program of the Federal University of Viçosa; the conceptions of University Extension that intertwine the Program; and the relationship between Praxis and University Extension. This research counted on my inclusion in the Program during the year 2013 in weekly meetings and in two actions: the Knowledge Exchange of the Federal University of Viçosa and Cultural-Yard of Ribeirão Preto in Guidoal, Minas Gerais state. It was attempted to make a further analysis of semi-structured interviews with three students and two professors from the program. Therefore, it was examined how the extent held by the program can point issues that cause the effective participation of citizens in the University, with spaces that enhance the different kinds of knowledge contributing to greater social legitimacy of the University and promoting the role of the subject in the social reality.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa de mestrado intitulada “Tecendo Saberes no Teia/UFV: *Práxis* e Extensão Universitária” é o resultado de esforços na busca por aspectos que auxiliem a compreensão: do que é o Programa Teia/UFV; das concepções de Extensão Universitária que se entrelaçam ao Programa; e das relações entre *práxis* e a Extensão Universitária.

O Programa Teia/UFV é, aqui, o objeto de pesquisa, devido à sua relevância no contexto atual como uma das referências na construção de conhecimentos na Extensão Universitária.

Este trabalho contou com a minha inserção, enquanto integrante, nas reuniões semanais do Programa nas quais eu realizei um trabalho de pesquisa-ação baseado nos pressupostos de Santos (2005) e Severino (2007), durante o ano de 2013. Além das reuniões, tive a oportunidade de acompanhar dois momentos distintos proporcionados a partir das vivências no Programa, em 2013: a Troca de Saberes da Universidade Federal de Viçosa e o Terreiro-cultural em Guidoal, Minas Gerais.

Além das inserções supracitadas, este trabalho conta com o material colhido por meio de entrevistas semiestruturadas que realizei com 3 estudantes e 2 professores do Programa.

Neste trabalho buscou-se verificar de que modo uma Extensão Universitária que procure em sua proposta e em suas ações estar ligada à diversidade epistêmica e à *ecologia de saberes*¹ pode apontar questões que provoquem na Universidade, além de discussões sobre a criação de espaços mais democráticos os quais contem com a participação efetiva dos cidadãos, espaços que valorizem também os diversos saberes e colaborem para uma maior legitimidade social da Instituição Universitária por meio do protagonismo dos sujeitos na realidade social.

Investigou-se um programa de extensão em nível local que reafirma em sua proposta a *diversidade epistêmica* proposta por Santos (2011). De modo que a *diversidade epistêmica* apontada pelo autor é a necessária desconstrução de um conceito de ciência predominante

¹ A ecologia de saberes é uma lógica que se contrapõe a monocultura do saber, partindo do princípio de incompletude de todos os saberes, de modo que cada saber deva contribuir para o estabelecimento de um diálogo. O confronto e o diálogo entre os saberes é o confronto e o diálogo entre diversos processos, através dos quais práticas ignorantes se transformam em práticas diferentemente sábias. A ecologia dos saberes permite, não só superar a monocultura do saber científico, como a ideia de que os saberes não científicos são alternativos ao saber científico. A ideia de alternativa pressupõe a ideia de normalidade e esta, a ideia de norma, pelo que, sem mais especificações, a designação de algo como alternativo tem uma conotação latente de subalternidade (SANTOS, 2002).

socialmente que desconsidera diversos saberes, adotando um sentido único para o conhecimento.

Ao adentrar nos aspectos desta extensão, especificamente, fez-se necessário apontar alguns aspectos históricos da Extensão em nível global e nacional e analisar: as práticas atuais; a presença de resquícios do passado extensionista no Brasil; bem como o porquê da necessidade de se criar novos modos de se pensar e fazer a Extensão.

Ao longo do tempo, o conceito de Extensão Universitária, compôs as práticas das atividades curriculares das universidades e passou por diversas modificações que deixaram rastros na variedade de suas definições, modelos, funções, concepções, práticas e ideologias. Os momentos de mudanças da Extensão tiveram a influência de momentos históricos diversos: a Revolução Industrial no século 18, o Movimento de Córdoba na Argentina em 1918 e, especificamente no Brasil: a Lei 5.540/68 em 1968; a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996.

No Brasil, em 1987, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), redefiniu a Extensão Universitária com a legalização de suas atividades tornando-a obrigatória em todas as Instituições de Ensino Superior (IES) (SOUSA, 2010).

Atualmente encontramos instituições de ensino superior, programas e projetos de extensão com concepções diferenciadas entre si, variando, ainda, de acordo com o histórico de cada universidade.

Em momentos distintos, a ação extensionista concebeu um “saber superior” que deveria se sobrepôr a um “inferior”, concebeu sujeitos universitários detentores de saberes socialmente valorizados em detrimento de povos “sem voz”. No Brasil, este quadro começa a ser modificado, ao final da década 1930, no governo Vargas. Neste momento a Extensão começa a ser concebida de modo processual, mais comprometida com as mudanças sociais e pensada a partir da militância política, com um modelo representado pelo Movimento Estudantil de Córdoba na Argentina (1918) que contou com a participação dos estudantes em prol: de uma reforma das universidades latino-americanas; da transformação social em oposição ao modelo de reprodução ideológica do desenvolvimento capitalista e em oposição ao modelo de extensão francês de prestação de serviços (SOUSA, 2010).

Uma proposta de Extensão Universitária mais democrática, instrumentalizadora, no sentido de um processo dialético teoria/prática, problematizadora de forma interdisciplinar, com uma visão ampla e integrada da realidade social, começa a despontar em 1987 com o

FORPROEX e também se encontrou expressivamente no pensamento de Freire (2011), no qual a Extensão teria de ser uma relação dialética, de sistematicidade, de reconhecimento do outro e de sua cultura, de apropriação pelo outro do conhecimento com liberdade para transformá-lo (SERRANO, 2010).

Atualmente, a Extensão Universitária ainda vivencia a consolidação do fazer acadêmico, proposta pelo Plano Nacional de Extensão e explicitado por Paulo Freire. A consolidação de tal fazer ainda está em processo no qual é preciso o rompimento com paradigmas que ainda refletem perspectivas de uma *colonialidade do poder e do fazer*. Esse tipo de colonialidade desde o século XVI foi exercida através de uma visão de “superioridade” dos saberes ocidentais perante os orientais que atravessou as línguas, as identidades, os seres, as histórias e os modos de estar no mundo (SANTOS, 2006).

A Extensão Universitária, neste sentido, é uma possibilidade de potencializar a valorização dos diversos saberes a serviço da democracia. Este passo a ser conquistado requer conceber a Extensão Universitária enquanto elo entre homens e mulheres, saberes e culturas, espaço do *diálogo* e do aprendizado construído socialmente.

Posta uma discussão dos principais aspectos históricos da Extensão que estão presentes neste trabalho buscou-se explorar alguns aspectos de uma proposta de extensão local atuante na Universidade Federal de Viçosa (UFV) com o Programa de Extensão Universitária Teia/UFV, proposta esta que visa colaborar com uma concepção de Extensão Universitária na perspectiva transformadora.

Esse programa de extensão, desde 2005, busca ações integradoras com intensa participação popular, tendo em vista a interligação extensão-ensino-pesquisa por meio de metodologias participativas. O Programa pretende, desde sua criação, gradualmente, fortalecer os vínculos entre a sociedade e a universidade por meio de uma *ecologia de saberes*, a qual, segundo Santos (2005), é o aprofundamento da pesquisa-ação, com estratégias para que os saberes “leigos” dialoguem com os científicos, de maneira que um saber enriqueça o outro dentro da Universidade.

Na proposta do Programa Teia/UFV a *ecologia de saberes*, enquanto estratégia metodológica, para disseminar o conhecimento na Universidade se diferencia de modelos como: a) *difusionismo*, b) *assistencialismo* ou c) *prestação de serviços*:

- a) *Difusionismo*: é um modelo que visa apenas divulgar, impor ou estender um conceito, sem levar em conta muitas vezes as experiências e os objetivos das

pessoas atendidas. Este modelo ganha força a partir da década de 1930 e decai a partir da década de 1960, por meio da mobilização popular. Tal mobilização trouxe a mudança de um modelo de difusão do conhecimento para o de inserção na realidade sócio econômica, política e cultural do país, trazendo luzes, assim, para um olhar focado na transformação social.

- b) *Assistencialismo*: refere-se à influência do modelo americano de extensão cooperativa, incorporada à prática universitária como prestação de serviços sob a forma de cursos práticos, conferências e serviços técnicos e assistenciais (JEZINE, 2004).
- c) *Prestação de Serviços*: é a Extensão enquanto busca de solução para os problemas sociais, girando em torno do “atendimento de necessidades sociais emergentes”. Algumas universidades públicas federais através dos seus programas, atividades e eventos organizados atendem carentes e desempregados, promovendo cursos profissionalizantes, assistência técnica e serviços assistenciais (JEZINE, 2004).

Entretanto, para Santos (2005), a Universidade se constitui como *prestação de serviços* quando se pensa que ela tem como destinatária a sociedade de modo geral, o que se diferencia da orientação exclusiva para atividades rentáveis com o intuito de arrecadar recursos extra-orçamentários, ou seja, uma privatização da Universidade Pública. Desta maneira, a prestação de serviço à sociedade se dá, não no atendimento à “necessidades sociais emergentes” como no ultimo modelo de extensão supracitado o qual é criticado pela proposta do Programa Teia/UFV, mas no apoio solidário na resolução de problemas da exclusão e da discriminação sociais, de tal modo que se dê voz aos grupos excluídos e discriminados (SANTOS, 2005).

A proposta do Teia/UFV se pauta na *troca de saberes entre o saber científico e o popular* e na interação entre ações e projetos envolvidos no Programa os quais contam com a colaboração de parcerias.

No Programa, as ações em conjunto dos projetos articulados possuem temáticas em comum, que, de modo transversal, orientam o Programa metodologicamente, constituindo, assim, eixos temáticos que “sustentam uma teia”. Os eixos temáticos são: Agroecologia, Saúde, Gênero, Economia Solidária, Cultura e Educação Popular, os quais moldam

metodologicamente uma proposta de construção do conhecimento e de atuação interdisciplinar do Programa nos contextos dos projetos de extensão, das comunidades e dos movimentos sociais vinculados ao Programa.

A proposta do Programa de articular o *conhecimento científico* e o *popular* se caracterizada pelo envolvimento em ações com: assentamentos de reforma agrária, movimento dos atingidos por barragens, sindicalismo, agricultura familiar, docentes e discentes da Educação Básica nas redes de ensino público e comunitário em Escolas Família Agrícolas (EFAs), moradores da periferia do município de Viçosa e com acadêmicos e professores do: Centro de Ciências Agrárias, Centro de Ciências Biológicas, Centro de Ciências Exatas e Centro de Ciências Humanas da UFV.

O Programa Teia/UFV se propõe a colaborar para o questionamento sobre a Extensão Universitária na instituição que atua, bem como procura constantemente reafirmar a necessidade de reformulação da concepção de extensão para que esta possa atingir seu compromisso social enquanto transformadora da realidade social.

A tessitura da extensão universitária promovida pelo Programa possui potencialidades na interação entre os sujeitos populares e universitários, abrindo espaços de *diálogo* nos quais possam habitar a convivência de variados saberes e de variadas consciências da realidade. De modo que é na convivência destes variados saberes que se constituem as consciências dos sujeitos no Programa e o modo como transformam a realidade no contexto extensionista.

Compreender como o Programa e os sujeitos que o compõe, transformam a realidade dentro de um contexto de extensão o qual busca ações transformadoras é o problema de pesquisa aqui colocado.

Para identificar os modos de transformar a realidade e de conceber tais transformações a partir das ações e dos sujeitos do Programa Teia/UFV, este trabalho compreende que tais transformações acontecem “pela ação do homem sobre a matéria e criação –através dela – de uma nova realidade”, isto é pela *práxis*. Vázquez (2011, p. 267).

Além disso, se os modos de transformação da realidade variam “de acordo com o grau de penetração da consciência do sujeito ativo no processo prático e com o grau de criação ou humanização da matéria transformada destacado no produto de sua atividade prática”, pode-se falar em diversos níveis de *práxis*. Vázquez (2011, p. 267).

Desta maneira, este trabalho retrata noções da *práxis* realizada no Programa Teia, sendo que o conceito de *práxis*, segundo Vázquez (2011), não é único, pois possui

nitidamente distinções nas *formas e níveis de práxis*, além de ser um conceito com uma constituição histórica de avanços, retrocessos e sínteses.

Segundo Vázquez (2011), os aspectos históricos da *práxis* revelam que é no pensamento de Marx que o conceito foi entendido como atividade real que transforma o mundo para responder às necessidades práticas de transformação da realidade, oriundas da consciência do homem como ser criador e transformador.

Na antiguidade grega a filosofia ignorou e rejeitou o mundo prático, vendo na atividade material e manual algo de inferior, ao contrário da atividade intelectual e contemplativa que assegurava um domínio sobre a natureza.

Em Platão e Aristóteles o pensamento e a ação, a teoria e a prática se manteriam em unidade apenas na política (*práxis política*) em que a primazia da relação pertenceria à atividade teórica, esta guiaria a relação sem receber nada da prática.

Já no período renascentista, segundo Vázquez (2011, p. 45), a *práxis* sofre uma mudança radical, em que “o homem de animal teórico passa a ser também sujeito ativo, construtor e criador do mundo... o homem ente de razão, também é ente de vontade”. Pela razão e de acordo com o desenvolvimento da ciência e da técnica no novo modo de produção capitalista, aliados aos interesses da burguesia ao homem é permitido transformar a natureza e compreendê-la. De modo que a transformação da natureza já não mais se destina aos escravos como na Antiguidade, mas aos homens livres, contudo, a contemplação ainda ocuparia um lugar privilegiado, ao mesmo tempo, o trabalho passar a ser enaltecido.

A burguesia em busca de seus interesses, no século 18, com a Revolução Industrial, respondendo a interesses de classe e de produção, eleva o trabalho humano sem, no entanto, valorizá-lo com o significado humano contido nesta atividade.

Segundo Vázquez (2011) os economistas clássicos do século 18 – Adam Smith, David Ricardo, entre outros, exaltaram a *práxis material* produtiva da sociedade burguesa e com isso, viram no trabalho humano a fonte de toda riqueza social e todo o valor. No entanto, Marx e Engels superaram este ponto de vista, elaborando um novo conceito de *práxis* no qual se relacionam a transformação da natureza exterior e a transformação que se opera ao mesmo tempo na natureza humana por meio do trabalho. Segundo o autor, foi decisivo o momento em que se descobre o caráter social da *práxis material*, do trabalho que até então era visto apenas nas atividades teóricas, artísticas e políticas. Assim, o homem passa a ser visto como ser ativo e criador durante o Renascimento.

A *práxis*, portanto, se torna uma categoria fundamental no marxismo e central na filosofia, esta cria uma distinção de toda a filosofia anterior, cuja, compreensão, segundo o autor, depende da própria compreensão do marxismo (VÁZQUEZ, 2011).

O *Manifesto* foi um marco na teoria de Marx e a tentativa de uma passagem da teoria para a prática, um documento teórico e prático, que inspiram a revolução eminente na Europa fundamentam a *práxis revolucionária* do trabalhador.

Deste modo, segundo o autor, a ruptura de Marx com o pensamento anterior da filosofia tradicional não poderia ser caracterizada em termos puramente teóricos ou epistemológicos, mas sim em termos práticos, rompendo a filosofia como mera interpretação do mundo para uma “teoria da *práxis revolucionária* em particular, e da atividade prática humana em geral. Assim entendido, o marxismo é essencialmente a *filosofia da práxis*” Vázquez (2011, p. 176).

Portanto, o termo *práxis* atualmente não coincide com seu significado original em grego, de modo que passou a ocupar lugar central na filosofia marxista, como teoria do mundo e também elemento de sua transformação.

Seria na transcendência da consciência comum no seu âmbito imediato, abstrato e limitado e na superação de um ponto de vista limitado e mistificado da consciência idealista sem retrocessos a um estado pré-filosófico que se daria a *consciência da práxis*, num ponto de vista objetivo, científico, a respeito da atividade prática do homem em que se unem conscientemente pensamento e ação (VÁZQUEZ, 2011).

Esta constatação das mudanças históricas sofridas pelo conceito de *práxis* e da existência de uma *consciência da práxis* que une conscientemente pensamento e ação, se ligam ao problema de pesquisa aqui posto, no que diz respeito aos modos de transformação da realidade, ou seja, na identificação das noções de *práxis* no Programa Teia/UFV.

É por meio da compreensão do modo como alguns sujeitos do Programa Teia transformam a realidade que se identificou algumas potencialidades e limites: nas ações dos sujeitos, na opção pela *práxis* enquanto categoria para a análise do referido estudo e no contexto desta pesquisa que, por nossa opção, se limitou ao espaço da UFV.

Por conseguinte, este trabalho é uma tessitura na qual, após a apresentação da proposta do Programa, buscaram-se as noções de *práxis*: na metodologia, nas ações, bem como nas tensões existentes no Programa.

Analizou-se a proposta e as ações do Programa, por meio dos discursos que revelam a *práxis* de alguns membros envolvidos e algumas ações acompanhadas, juntamente com os

aspectos da realidade atual do Programa Teia. Em tal análise teve-se em vista uma concepção de que “A educação é definida pela concretização de sua proposta e não apenas pelo modo de fazê-la (mais ou menos didático) o que vale é o quanto a proposta educacional em atuação consegue a sua pretensão em seu projeto.” Cury (1989, p 16).

Outra compreensão que se teve em vista nesta pesquisa foi a de que há sociedades, como a brasileira, profundamente divididas e injustas, e que o "oprimido" é a denúncia da "desumanização opressora" como caminho político de emancipação. Além disso, historicamente, sempre houve interesses de determinados setores sociais sobre o controle de outros e a Educação (institucionalizada ou não) certamente se constitui em uma das vias mais eficientes para a consecução de tais interesses (NÓVOA, 1979).

Estas duas compreensões acima citadas fazem com que se leve em consideração que é necessário entender o modo como esse Programa, enquanto um projeto: se concretiza dentro de seus *limites e potencialidades* e as *ferramentas metodológicas* das quais se utiliza.

Para compreender as tessituras entre a proposta do Programa e alguns aspectos da realidade do mesmo, foi preciso um levantamento de alguns de seus aspectos históricos, o tipo de extensão que realiza e que *mudanças sociais* ele consegue promover dentro de suas possibilidades.

Diante da proposta do Programa Teia e do discurso dos membros envolvidos, analisou-se como se dão: a *interligação entre extensão-ensino-pesquisa*; as ações que articulam o *saber científico* e o *saber popular* e a *articulação entre projetos e eixos temáticos*.

O primeiro capítulo deste trabalho se destina à relação entre a *Empiria e o Conceito de Práxis*: relata o lugar de onde fala a pesquisadora e aspectos da observação e análise qualitativa trazendo um panorama do Programa (reuniões e observações), identificando quais as metodologias participativas do Programa.

Ainda no primeiro capítulo, foi descrito resumidamente os projetos de extensão que compõe o Programa, bem como as ações acompanhadas em 2013 (Terreiro-cultural em Guidoal, MG e Troca de Saberes 2013).

No segundo capítulo faz-se uma abordagem descritiva das entrevistas feitas com estudantes e professores do Programa. Concomitante a esta abordagem faz-se um paralelo com os aspectos da práxis que são desvelados nessas entrevistas.

No terceiro capítulo sobre a *Extensão e o Teia/UFV* teceu-se um apanhado histórico da Extensão; as mudanças na concepção de Extensão na modernidade; as questões que o

Programa Teia traz para a Extensão (convergências, divergências e críticas); quais as conexões com os movimentos sociais e com a cultura local;

O modo como a *práxis* se apresenta no Programa inclui a perspectiva das pessoas envolvidas, no que tange a observação das reuniões, como também no que se coletou com as entrevistas semiestruturas realizadas com cinco estudantes e dois professores.

O enfoque qualitativo, do qual se utilizou para esta pesquisa, é uma opção na qual é dada como possibilidade ao pesquisador que “(...) participe e interfira na realidade pesquisada, podendo propor mudanças baseadas no resultado do que foi observado, no entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos” (Richardson, 1999, p. 80).

Analisar qualitativamente o Programa Teia, tendo como foco, o modo com a *práxis* se apresenta no Programa inclui a perspectiva das pessoas envolvidas, no que tange a observação das reuniões, como também no que se coletou com as entrevistas semiestruturas realizadas com cinco estudantes e dois professores.

Na pesquisa em educação, enquanto atividade complexa fez-se necessária a captação dos significados que os sujeitos constroem no qual os dados são analisados a luz das concepções sociais, ideológicas e culturais, devendo pressupor a transformação da realidade empreendida pelos sujeitos da prática, incluindo o pesquisador.

Ciência e prática educativa são fenômenos sociais e políticos retratados por determinados tempos históricos e, portanto, pela: intencionalidade, concepções ideológicas e interesses sociais.

A realidade não é (autêntica) realidade sem o homem, assim como não é (somente) realidade do homem... Como homem ele está junta e concomitantemente na natureza e na história (KOSIK, 1976, p.248-249).

Desta forma, com as mudanças históricas ao longo do tempo muda-se também a percepção da realidade, dos sujeitos e, portanto, os modos de pesquisa.

De maneira que essa pesquisa, ao analisar as noções de *práxis* na realidade empírica do Programa Teia/UFV, demonstra que também há outras perspectivas desta mesma realidade analisada que não são contempladas pelas noções de *práxis*.

Estabeleceu-se aqui, o diálogo das possibilidades e limites da *práxis* no que diz respeito ao contexto do Programa Teia/UFV. De modo a não desvalorizar uma teoria, mas de colocá-la num debate possível com as demais em vista da compreensão mais ampla de uma determinada realidade.

Assim, a pesquisa qualitativa torna-se apropriada neste estudo no âmbito de uma realidade, de um contexto de extensão universitária, uma vez que o objeto de estudo é de natureza social e cultural, onde se busca observar interações entre sujeitos e comunidades locais. É, portanto, o tipo de pesquisa mais apropriada para situações onde o pesquisador se insere no ambiente a ser investigado.

Num primeiro momento, após um mapeamento de informações sobre o Programa, se fez inferências sobre as mesmas e, diante das informações colhidas em documentos, optou-se pela inserção nas reuniões semanais do Programa com um acompanhamento das atividades do mesmo durante o ano de 2013.

Ao pressupor, diante de inferências e observações, a existência de noções de *práxis* no Programa Teia/UFV, este estudo demandou a pesquisa bibliográfica sobre: as teorias sobre Extensão Universitária; as noções de *práxis* e os aspectos da história do Programa Teia desde a sua criação em 2005.

No que diz respeito à coleta de dados, a pesquisa também contou com a análise documental: das edições da Troca de Saberes da UFV; dos catálogos de Extensão da UFV; do Plano de Desenvolvimento Institucional da UFV (PDI-UFV); do Plano Nacional de Extensão Universitária (PNE) e de materiais de mídia, de modo geral, sobre o Programa Teia/UFV.

A partir destes procedimentos procurou-se verificar as possibilidades e potencialidades existentes nas experiências empíricas (reuniões e entrevistas) com as noções de extensão e de *práxis* de maneira a estabelecer um diálogo entre o campo teórico e prático.

A inserção nas reuniões e atividades do Teia em 2013 se deu por meio da pesquisa-ação, maneira de observação dos fenômenos que propõe intervenções na realidade pesquisada, constituindo uma das maneiras de se realizar a pesquisa de enfoque qualitativo. A pesquisa-ação como instrumento metodológico se fez presente, além das reuniões semanais, em outras atividades realizadas pelo Programa: V- Troca de Saberes da UFV e o Terreiro Cultural em Guidoal (MG).

A pesquisa-ação é, segundo Severino (2007, p. 120), “... um diagnóstico e a análise de uma determinada situação... propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos, mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas”.

A *pesquisa-ação* é uma via de construção de uma nova relação com o conhecimento e com as novas racionalidades e consiste na definição e execução participativa de projetos de pesquisa, envolvendo as comunidades e organizações sociais populares a braços com problemas cuja solução pode beneficiar dos resultados da pesquisa (SANTOS 2005).

Com a utilização desta modalidade metodológica, o presente trabalho, pretende colaborar com os envolvidos no Programa Teia/UFV por meio de um olhar diferenciado sobre o Programa que possa trazer luzes para repensar ações atuais e futuras.

Para tanto, como um dos instrumentos metodológicos utilizados, foram feitas 5 entrevistas semiestruturadas com 2 professores e 3 estudantes envolvidos no Programa.

A entrevista semiestruturada para Triviños (1987, p. 146):

(...) tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

A entrevista semiestruturada parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, junto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que recebem as respostas do informante.

O modelo de entrevista para os 3 estudantes participantes encontra-se no anexo 1 e o modelo de entrevista para os 2 professores se encontra no anexo 2 deste trabalho².

A pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e as entrevistas foram analisadas por meio da Análise do Discurso tendo como base a teoria de Mikhail Bakhtin que admite que o signo é ideológico e que a linguagem é social:

O signo e a situação social estão indissolivelmente ligados. Ora, todo signo é ideológico (...) A palavra é o signo ideológico por excelência: ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a ‘ideologia do cotidiano’, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas (BAKHTIN, 2010, p.16).

² Ver anexo 1 na página 153.

Sendo assim, uma das características da linguagem é ser suporte da ideologia que se interioriza em discursos e práticas cotidianas.

Cada signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também é um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material... Um signo é um fenômeno do mundo exterior (BAKHTIN, 2010, p.33).

Por meio da Análise do Discurso verifica-se que a palavra é um produto ideológico de uma realidade, que a reflete e pode descortinar uma outra realidade possuindo, portanto, um significado ideológico, tendo em vista o significado das palavras num determinado contexto.

Para as entrevistas foram considerados: o significado das palavras para os participantes, as circunstâncias nas quais um comentário foi feito, tom e intensidade do comentário, a mudança de opiniões durante as discussões, as respostas baseadas em experiências pessoais e as ideias preponderantes.

A observação da realidade do Programa Teia/UFV me levou a inferências sobre o modo como as noções de *práxis* se constituem no sentido de tecer *diálogos* entre a Extensão Universitária e a proposta de extensão do Programa Teia, de modo que também se construa uma *interface* entre as noções de Extensão e cotejando nelas articulações com as noções de *práxis*, bem como os *limites e possibilidades* desta.

1. A EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA TEIA/UFV

1.1 Pressupostos e Projetos do Programa Teia/UFV 2013

O Teia/UFV, desde sua criação em 2005, tem como proposta a articulação entre movimentos e projetos de extensão. O Programa procura promover ações de reconhecimento e trocas de conhecimento entre os projetos por meio de *metodologias* diversas, como: reuniões; Terreiros-culturais; oficinas e excursões pedagógicas; e ações conjuntas, de parceria e ou apoio entre os projetos, estudantes, docentes e populares das comunidades e municípios envolvidos no Programa.

O Programa tem como perspectiva construir espaços de conhecimentos públicos fundamentalmente pelo *diálogo* entre os saberes: científicos; leigos; populares; tradicionais; urbanos e camponeses, buscando a constituição de experiências e de tentativas de

interconhecimento na universidade pública e em comunidades. São utilizadas metodologias em que todos possam intervir por meio de relações mais horizontais inauguradas pelo *diálogo* e reciprocidade no ensino-aprendizagem sem necessariamente haver aqueles que exclusivamente ensinam e aqueles que exclusivamente aprendem.

Em 2006, o Teia/UFV ampliou-se em 17 projetos, com as propostas de avanço nas ações de reconhecimento mútuo e de articulação e aproximação com as comunidades por meio de ações conjuntas.

Em 2007, com 19 projetos, o prosseguimento das ações do Programa foi direcionado para o reconhecimento da Economia Popular Solidária (EPS), fase em que houve a tentativa de fortalecimento das atividades embrionárias implantadas durante a fase 2006, por exemplo, as feiras de troca.

Em 2008 o Programa apontou para a Educação e para a Economia Popular Solidária (EPS), no sentido de abranger um número maior de comunidades e trabalhar com o movimento teórico-prático-metodológico. No sentido de fortalecer e divulgar a EPS foi intensificada a parceria com a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFV) a qual é um programa de extensão que objetiva promover o desenvolvimento sustentável da região. Essa articulação buscou, além de fortalecer a educação para EPS, ampliar as atividades de incubação da ITCP numa perspectiva de rede.

Em 2008, o Programa buscou constituir maiores conexões com os Movimentos Sociais a partir de demandas dos mesmos, na tentativa de avançar na ocupação da Universidade Pública e na construção do conhecimento por meio do movimento da realidade popular.

Em 2009, o Programa foi composto por 31 projetos. No respectivo ano foram ampliados os eixos de atuação do Programa para além do eixo Educação e Economia Popular Solidária (EPS): Políticas Públicas, Educação, Formação e Meio Ambiente.

Em 2010, pesquisas documentais sobre os trabalhos realizados dentro do ambiente do Programa deram maior sustentação teórico-metodológica ao mesmo, o qual evidenciou, assim, maior afinidade com os discursos de Boaventura de Sousa Santos enquanto principal referencial teórico, aderindo, desta maneira, a um novo posicionamento sobre a Universidade Pública, com base em uma ciência pluriversitária (SANTOS, et.al., 2013).

Em 2011, as articulações com os projetos buscaram ampliar os horizontes e expectativas bem como a agenda de atividades do Programa.

Dentre os movimentos e eventos apoiados pelo Teia em 2011 estão: o Abril Vermelho, o Viçosa em Transição e o Fórum Paraibano de Promoção da Igualdade Racial (FOPPIR³).

A partir de 2012 o Programa Teia se organizou a partir de Coletivos Temáticos: Agroecologia; Saúde; Tecnologias Sociais; Economia Popular Solidária; Educação; Cultura e Comunicação Populares; Gestão e Sistematização. Esses Coletivos, por meio da interação e demandas dos projetos envolvidos, buscaram promover ações com base em excursões pedagógicas, avaliação e planejamento em comuns. Nesse mesmo ano, constituíram alguns dos projetos existentes no Programa Teia: o Apêti-agroflorestal; o Cursinho Popular Paula Cândido; o Ética e Cidadania no Cursinho Popular do DCE/UFV; o Grupo de Agricultura Orgânica e Agroecologia (GAO); o Gengibre; o Projeto de Assessoria e Consultoria dos Atingidos por Barragens (PACAB); o Tecendo Sonhos, o Saúde Integral em Permacultura (SAUIPE) e o Estágio Interdisciplinar de Vivências da Zona da Mata (EIV-ZM). Além disso, como uma das ações do Programa, iniciou-se semanalmente a *Rede de Distribuição Raízes da Mata*⁴, com a comercialização de produtos de base agroecológica em prol do fortalecimento da Economia Popular Solidária. Os projetos supracitados, atualmente, ainda compõem o Programa, conseqüentemente serão explicitados a diante neste trabalho.

Já, em 2013, o Teia/UFV, concebe uma proposta que vigora de janeiro a dezembro do respectivo ano, com o título: *Teia – interações múltiplas por uma ecologia dos saberes*. O Programa tem como coordenadores um professor do departamento de Educação e uma professora do departamento de Solos, ambos da Universidade Federal de Viçosa. Nesta proposta, o Programa procura a articulação com alguns municípios próximos a cidade de Viçosa: Ervália, Espera Feliz, Guiricema, Fervedouro, Araponga, Caiana, Caparaó, Divino, Guidoal, Guaraciaba, Diogo Vasconcelos, Acaiaca e Barra Longa. O público-alvo se constitui em: trabalhadores e trabalhadoras rurais vinculados a assentamentos de reforma

³ O Fórum pela Promoção da Igualdade Racial – FOPPIR nasceu em 2004 e busca interação e ação conjunta, articulada, voltada para a inserção social das etnias, sobretudo, a etnia negra, bem como o exercício da cidadania em sua plenitude, cuja formação de consciência crítica e luta organizada pela implantação e execução de políticas para igualdade racial são os principais objetivos. Disponível em: http://www.fomene.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=17&Itemid=31. Acesso em: 30 de março de 2014.

⁴ Ver página 36

agrária e os atingidos por barragens; sindicatos; agricultores familiares; docentes e discentes da Educação Básica das redes de ensino público e comunitário (o sistema de ensino oficial ainda não reconhece as escolas comunitárias Escolas Família-Agrícolas como não pertencentes a rede pública e sim como da rede privada); moradores da periferia do município de Viçosa, técnicos da UFV, Organizações Não-Governamentais (ONGs) parceiras; acadêmicos e professores de todos os Centros de Ciências da UFV, isto é, Centro de Ciências Agrárias, Biológicas, Exatas e Humanas.

No ano de 2013, o Programa envolveu 607 pessoas, entre as quais estão: o público da universidade (135); instituições governamentais federais (5); instituições governamentais estaduais; (5) instituições governamentais municipais (15); organizações de iniciativa privada (60); movimentos sociais (132); ONGs/ OSCIPs (30); Organizações Sindicais (105); Grupos Comunitários (80) e Outros (40).

Os parceiros do Programa foram:

1- A Associação Regional de Trabalhadores Rurais da Zona da Mata (ARTR-ZM), uma organização Sindical parceria externa à Instituição de Ensino Superior (IES), que vem desenvolvendo tecnologias sociais agroecológicas através de ações na formação da juventude e de gênero e organização da Economia Popular Solidária (EPS), portanto, auxilia no pensamento estratégico do Teia, participando das avaliações e planejamentos, bem como articulando ações na base social;

2- O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), um movimento social, uma parceria externa à IES que articula assentados e assentadas da reforma, seja para acolhimento das ações do Teia, seja em ações de Educação de Jovens e Adultos (EJA), seja para atividades de transição agroecológica e na geração de tecnologias sociais;

3- As Associações de Escolas Famílias Agrícolas (AEFAs), uma parceria externa à IES, que acolheu projetos do Teia, tanto para a formação de docentes quanto de discentes e membros de Conselhos Gestores, além de participarem de uma articulação regional com foco no desenvolvimento regional com apoio do Teia. Atualmente colocam-se estrategicamente na configuração de uma Rede de Estágios Agroecológicos, ao que estamos entendendo como estruturação dinâmica de tecnologias sociais para o desenvolvimento social;

4- O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), um movimento social, parceria externa à IES, apoia o Teia nas ações de avaliação e planejamento e ainda acolhe ações de projetos junto a assentamentos, bem como na mobilização social para elaboração de estudos de impacto ambiental de futuras barragens;

5- O Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), uma parceria externa à IES, é uma Organização Não Governamental, com larga experiência no desenvolvimento de tecnologias sociais, acompanha o processo de transição agroecológica, de EPS e a formação das e nas EFAs na região, portanto, é parceiro do Teia, tanto na formação universitária, quanto em ações estratégicas junto às comunidades (BRASIL/ MEC, Secretaria do Ensino Superior, Formulário-Síntese da Proposta –SIGProj, Edital PROEXT, 2013).

Os projetos vinculados ao Teia/UFV no ano de 2013 foram:

1. Agricultura Urbana: Na comunidade periférica do Morro do Escorpião em Viçosa, MG, são desenvolvidos trabalhos de agricultura urbana que tem por objetivo auxiliar a população na diminuição de problemas de segurança alimentar e saúde, além de propor uma melhoria na auto-organização da comunidade, atuando diretamente na qualidade de vida dessas famílias. Desde 2008, os trabalhos desenvolvidos na comunidade são acompanhados por estudantes da Universidade Federal de Viçosa que a partir do contato com a comunidade tem atuado buscando a valorização e ampliação dessa prática dentro da comunidade, visando uma maior organização social do grupo de agricultores. As atividades desenvolvidas se apoiam nos princípios da agroecologia como enfoque científico e metodológico, objetivando aprofundar o processo de construção e o entendimento da agroecologia na região, bem como viabilizar o desenvolvimento de tecnologias participativas que melhorem a qualidade de vida da população por meio da aplicação de princípios básicos como a segurança alimentar, organização da comunidade e sustentabilidade em suas dimensões ambiental, social e econômica (ALEIXO, et, al., 2011).

2. Animais para a agroecologia: As atividades deste projeto, desde 2006 buscam uma perspectiva de fortalecimento de alternativas para a sustentabilidade via a adoção da Agroecologia na região da Zona da Mata Mineira, onde predomina a cultura do café e das áreas de pastagem. A experiência de agricultores/as familiares com sistemas agroflorestais (SAFs) vem se consolidando como estratégia para a construção de uma agricultura de base ecológica, que produza alimentos e gere renda de forma sustentável, garantindo autonomia das famílias. O grupo de estudantes, técnicos e professores, dentre estes Veterinários, Agrônomos e Zootecnistas, busca privilegiar a temática da integração do componente animal aos Sistemas Agroflorestais (SAFs) e especificamente aspectos da produção, nutrição e sanidade dos animais de criação. A importância do tema trabalhado, segundo o projeto, fundamenta-se no pensamento de que o componente animal representa uma fonte de alimento e renda para as famílias (carne, leite, ovos e derivados) e os SAFs reduzem a degradação do

solo, melhorando suas características. Assume-se que a diversidade dos SAFs é potencializada pela integração animal devido à disponibilidade de adubos orgânicos e espécies nativas serem usadas na alimentação animal. O projeto realiza ações em parceria com o CTA-ZM (Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata) e Sindicatos dos Trabalhadores Rurais dos municípios de Araponga, Divino, Espera Feliz por meio de oficinas, intercâmbios, onde os temas são relacionados à criação animal, além de acompanhamentos e visitas às propriedades. As metodologias adotadas nas intervenções apresentam-se na forma de dois componentes que se complementam: um quantitativo que se refira às análises laboratoriais de amostras de alimentos, leite e silagens das propriedades e outro componente qualitativo em que o saber popular, a perspectiva local, as experiências, os valores e percepções dos participantes são focados buscando promover a circularidades dos saberes agroecológicos (SANTOS, et. al. 2013).

3. *Apêti – agroflorestal*: O projeto é continuidade de um trabalho iniciado em 2008, que tem por objetivo contribuir para a transição agroecológica de agricultores da Zona da Mata Mineira. Para isto, o projeto articula-se com diferentes instituições, como sindicatos de trabalhadores rurais, associações de agricultores(as), o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata e a UFV. O projeto organiza atividades de intercâmbios de experiências em cinco municípios da região: Araponga, Acaiaca, Caparaó, Divino e Espera Feliz. Os intercâmbios ocorrem nas propriedades dos agricultores familiares e reúnem famílias do município, técnicos do CTA, professores e estudantes da UFV com o objetivo de trocar experiências e construir novos aprendizados. Foram realizados em 2013, mais de 12 Intercâmbios Agroecológicos. As atividades iniciaram-se nos meses de fevereiro e março, com objetivo iniciar de planejar e identificar as práticas agroecológicas nas comunidades. Houve atividades de intercâmbios municipais e intermunicipais, com o intuito que agricultores de diferentes comunidades tivessem a oportunidade de se conhecerem e trocarem saberes e experiências agroecológicas. Além dos sistemas agroflorestais, as questões de acesso aos mercados, a segurança alimentar, a conservação de recursos naturais, as políticas públicas e a identidade e cultura foram temas dos intercâmbios (OLIVEIRA, et. al., 2013).

4. *Articulação Regional das Escolas Famílias Agrícolas*: As EFA's têm como um dos princípios fundamentais a Pedagogia da Alternância, ou seja, o processo de formação do jovem agricultor com períodos de vivência na escola e na propriedade rural. O projeto é desenvolvido, a partir da articulação de docentes, discentes, agricultores e agricultoras familiares, sindicatos de trabalhadores rurais e de agricultores familiares, Escolas Família

Agrícola (EFAs) e o Programa Teia. A articulação das EFAs se faz por meio do acompanhamento pedagógico, da articulação com Curso Popular Pré-Vestibular Tecendo Sonhos e com a realização de oficinas, encontros e vivências universitárias. O projeto teve como resultados a efetivação de eventos como as Vivências Universitárias, Terreiro-cultural, X - Seminário Nacional da Pastoral da Juventude Rural, Reuniões de Articulação das EFAs, Grupos de estudo, produção de uma cartilha reunindo os Planos de Estudos das Escolas Famílias Agrícolas, Festa da Terra na EFA Paulo Freire em Acaiaca, Assembleia Geral da Amefa no Vale do Jequitinhonha em Araçuaí. As ações objetivam a inserção do jovem na universidade e a compreensão desses sobre qual é a importância da agroecologia, assim como a valorização do conhecimento popular (PEIXOTO, et. al, 2013).

5. *Casa de Acolhimento de Crianças e Jovens*: Este projeto acontece na Casa Cultural do Morro que está localizada no Morro Carlos Dias, conhecido como Rebenta Rabicho em Viçosa-MG. O projeto se originou dos esforços de voluntários e moradores. Não há vínculo oficial com a Universidade Federal de Viçosa, porém há voluntários que estudam ou já são formados pela instituição. O Programa Teia é um parceiro no desenvolvimento das atividades do projeto. A finalidade da ONG é promover a vivência artística e cultural das crianças da comunidade e afastá-las da criminalidade. A proposta é acompanhar também o desenvolvimento escolar na educação formal (FIGUEIREDO, et. al. 2014).

6. *Conhecer e gostar dos Solos*: O projeto faz parte das ações de divulgação científica, voltadas à Educação Ambiental, promovidas pelo *Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef* (MCTAD), localizado na Universidade Federal de Viçosa. O projeto visa despertar o interesse de comunidades escolares pelo solo, (re)significando a sua importância para a vida e para o ambiente. A prática pedagógica do projeto procura o embasamento no sócio construtivismo de Paulo Freire e em metodologias participativas que visem a valorização das vivências cotidianas de estudantes e professores, almejando, desta maneira, a construção de modo coletivo do conhecimento e de um aprendizado dinâmico e significativo. O projeto envolve professores e estudantes da Educação Infantil e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O projeto tem possibilitado uma democratização do acesso e a socialização dos espaços da universidade à população local. Um dos objetivos do projeto é que os sujeitos envolvidos no mesmo se apropriam do conteúdo de solos e se tornem potenciais multiplicadores das ações educativas. O projeto visa contribuir para a divulgação e popularização do tema e ao mesmo tempo aprimorar a prática pedagógica dos estudantes estagiários do Museu (FRANCISCO, et. al. 2013).

7. *Cursinho Pré-vestibular de Paula Cândido*: O Projeto Cursinho Popular de Paula Cândido (CPPC) busca juntamente com a Casa da Cultura local e com o projeto Cultura e Cidadania no município de Paula Cândido, o apoio de representantes das manifestações culturais dos diversos grupos populares da região, no intuito de concretizar um diálogo entre os saberes populares e acadêmicos para valorizar as experiências dos indivíduos (educandos e educandas do cursinho popular de Paula Cândido), trazendo uma aproximação dos aspectos vivenciados por eles e os conteúdos cobrados pelo ENEM, através de aulas e aulões interdisciplinares que compõem CPPC. Junto à comunidade, os membros que participam do projeto visam participar ativamente da construção do dia a dia do cursinho, atuando na coordenação pedagógica, atividade que deve ser compreendida como um dos eixos das ações do grupo, juntamente com outros membros, que também são educadores em outras disciplinas. As atividades têm como objetivo, construir espaços de formação, como seminários e grupos de estudo que fomentem debates sobre as práticas do grupo (ex: Calendário de atividades anual na comunidade e nos espaços que são englobados pela universidade, exposição de propostas que possam melhorar a prática dos membros, avaliação das atividades, entre outras) e seus pilares ideológicos. Além disso, há a participação nas reuniões semanais, onde o grupo compartilha as experiências das práticas em campo e discute as demandas a serem cumpridas. O projeto visa abordar temas que envolvam as diversas esferas da sociedade, na qual os educandos estão inseridos, visando a desconstrução de preconceitos e o estímulo ao pensamento crítico destes sobre suas próprias experiências. Almeja-se, desta maneira, que a sala de aula se torne um espaço de troca de saberes acadêmicos e populares, relacionados com os aspectos dos indivíduos e de seu contexto. A proposta central objetiva ir além da inserção dos educandos no ensino superior, trazendo como meta a compreensão dos indivíduos como sujeitos históricos (COELHO, et, al. 2013).

8. *Educação do Campo e Homeopatia Agrícola*: Os trabalhos educativos deste projeto se processam em um assentamento, no município de Espera Feliz-MG junto aos agricultores e agricultoras da região. Desde 2011, o objetivo é fortalecer o saber agroecológico e promover o desenvolvimento local sustentável que se processa através de um curso de homeopatia agrícola. Busca-se o apoio material e metodológico através de parcerias com órgãos e projetos e a sensibilização das pessoas sobre a importância de uma agricultura que respeite a natureza, com práticas sustentáveis que preservem o meio em que estão inseridos. De maneira que tenham o reconhecimento do local como parte de suas vidas e possam se entender como parte importante do ambiente (TEIXEIRA, et. al., 2011).

8. *Estágio Interdisciplinar de Vivências (EIV)*: É um projeto que procura estabelecer um processo educativo a partir de vivências em áreas rurais e discussões sobre o papel da universidade, sobre a extensão universitária e a realidade agrária brasileira. O projeto pretende contribuir para uma construção do conhecimento mais próxima das demandas sociais, especificamente, daquelas relacionadas ao espaço rural. A partir da vivência em realidades rurais, busca-se possibilitar aos estudantes uma reflexão sobre novas possibilidades de intervenções e diálogos no campo social durante e após a conclusão acadêmica de seu processo de formação nas mais diversas áreas do conhecimento. O projeto é uma atividade de caráter extracurricular construída em parceria com o movimento estudantil da UFV, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de alguns municípios da Zona da Mata Mineira (STRs) (FREITAS, et. al., 2014).

9. *Ética e Cidadania do Cursinho Pré-vestibular Popular da UFV*: Em Viçosa, a proposta de um pré-vestibular popular visando atender a população carente remonta à década de 1970, como uma iniciativa do Diretório Central dos Estudantes (DCE). A disciplina ética e cidadania foi criada no Cursinho Popular do DCE em 2003 e suas atividades elaboradas pelos coordenadores do Cursinho. Ela pretende ir além da preparação para o vestibular e se constitui num espaço de articulação com as disciplinas curriculares, se realiza através de discussões, interpretações, organização participativa, formação política, social e cultural. Tem como proposta trabalhar com práticas educativas libertadoras, tendo na educação popular sua base fundamental. Para tanto, o trabalho tem procurado se desenvolver com ênfase na formação dos educadores fazendo dos coletivos de professores um momento de reflexão da prática educativa e uma tentativa de tornar transdisciplinar as questões pertinentes à ética e cidadania. Atividades pontuais, como oficinas de formação, minicursos, palestras são realizadas reunindo os estudantes e os professores em encontros quinzenais com objetivo de inserção dos educandos no universo acadêmico e científico (ARAÚJO, et. al., 2007).

10. *Fórum de Cultura da UFV*⁵: O Fórum de Cultura da Universidade Federal de Viçosa é um evento que busca propiciar um espaço de debate democrático de ideias, reflexões, formulação de propostas, troca de experiências e articulação de grupos e agentes,

⁵ Disponível em:

https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=12994. Acesso em 20 de ago. de 2014.

atores e autores culturais da UFV e região. O principal objetivo do Fórum é promover a consolidação de uma Política Cultural que contemple a construção, valorização e fomento de práticas culturais na região.

11. *Gengibre - danças brasileiras*⁶: Gengibre é um grupo interdisciplinar sobre cultura popular. Ele nasceu em 2004 e atua na pesquisa, no ensino, na extensão e em produções artísticas. O projeto propõe pensar a oralidade, identidade e memória presentes nas manifestações culturais populares do Brasil, especificamente na região da Zona da Mata mineira, onde fica Viçosa. Para isso, o Gengibre busca atuar em diferentes comunidades, observando e interagindo com a população. O projeto procura nas memórias coletivas, ritualidade e ancestralidade, um aprofundamento sobre os conhecimentos da cultura local. A equipe do projeto envolve alunos dos cursos de Dança, Comunicação Social, Geografia e História com o objetivo de conhecer e estudar a cultura local por diferentes aspectos.

12. *Grupo de Agricultura Orgânica e Agroecológica (GAO)*⁷: É um grupo estudantil que procura realizar trabalhos voltados para experiências e debates em Agroecologia, do ponto de vista prático e teórico, buscando compreender e trabalhar para um modelo de agricultura e sociedade alternativo. O grupo possui uma área experimental (MATAGAO) onde são realizados mutirões semanais. Oficinas, encontros e debates são oferecidos com crianças da rede escolar local, agricultores/as familiares, estudantes e professores nos quais se busca abordar temáticas agroecológicas como instrumento de transformação social e a importância de se desenvolver tecnologias agrícolas mais acessíveis e mais próximas da sustentabilidade. Para complementar essa formação há algumas linhas de trabalhos, como a Permacultura, os Sistemas Agroflorestais, a bioconstrução e a agricultura orgânica, entendidos como Tecnologias Sociais. O grupo tem como objetivo formar atores sensíveis e críticos à necessidade de mudança da produção do conhecimento e na transformação social.

13. *Mestres da Cultura Puri - uma experiência em arteeducação*: Este projeto objetiva a criação de trabalhos que subsidiem a construção de material arteeducativo para a Escola Família Agrícola Puris e rede municipal de ensino da cidade de Araponga. Na região de

⁶ Disponível em: <http://www.com.ufv.br/gengibre2/>. Acesso em 20 de mai. de 2014.

⁷ Disponível em: <http://www.ufv.br/teia/gao.html>. Acesso em 22 de mai. de 2014. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/GAOUFV>. Acesso em 22 de mai. de 2014.

Araponga, desenvolvem-se experiências agroecológicas em defesa da vida e do meio ambiente buscando uma processual auto-identificação dos agricultores familiares da região com a etnia indígena Puri. O projeto é uma tentativa de valorização das experiências que se desenvolvem na região considerando corpo e ancestralidade, a história oral e os Mestres Griôs locais (ALVIM, et. al., 2011).

14. *Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG)*⁸: O NIEG, integrado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFV é um fórum de investigação e debates criado em 1996 que reúne profissionais e estudantes de áreas distintas do conhecimento, como Educação, Epidemiologia, Antropologia, História, Psicologia, Educação Física e Comunicação Social. O projeto tem discutido questões de gênero, buscando enfatizar recortes transversais – classe, etnia, geração, sexualidade, orientação sexual e suas interfaces com educação, cidadania, direitos humanos e comunicação social. Por serem temáticas que apontam, essencialmente, para uma dimensão subjetiva, busca-se um tratamento teórico-metodológico de caráter qualitativo e a construção de modelos alternativos e criativos que contemplem a riqueza e expressividade desta dimensão.

15. *Observatório Sóciocultural dos Movimentos Sociais da Zona da Mata*⁹: O Observatório é um programa de extensão da Universidade Federal de Viçosa, iniciado em 2012, que possui o objetivo de mapear e sistematizar diferentes registros sobre os movimentos sociais, bem como articular, fortalecer e potencializar suas ações, inclusive em parcerias com entidades de estudos similares em níveis local, regional, estadual, nacional e internacional para se ter redes institucionais. Com isso, pretende-se dar continuidade às discussões com e sobre os movimentos sociais da Zona da Mata Mineira, de forma a compreender o contexto social, histórico e cultural em que se inserem e suas contribuições neste processo. O Observatório busca ser um espaço multidisciplinar de pesquisa, análise, divulgação e documentação sobre movimentos sociais da Zona da Mata Mineira, onde a relação de conhecimento possa surgir da troca de saberes formais e extra-formais, destinados à transformação social, crítica e reflexiva da realidade social. O Observatório busca a aproximação dos movimentos e a universidade, por meio da tessitura de pautas e lutas com o conhecimento acadêmico por meio de atos, fóruns, cursos e encontros. Participam do

⁸ Disponível em: <http://www.nieg.ufv.br/?area=apresentacao>. Acesso em 20 de mai. de 2014.

⁹ Disponível em: <http://observatoriomsufv.wordpress.com/page/3/>. Acesso em 20 de mai. de 2014.

Observatório: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST); o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB); o Diretório Central dos Estudantes (DCE). o grupo de Diversidade Sexual Primavera nos Dentes; a Assessoria Jurídica Popular (AJUP); os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR's); o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB) e o Movimento pela Educação do Campo, representado pelas Escolas Família-Agrícola (EFA's).

16. *Padaria Comunitária Mãos de Fibra*: É um grupo informal, composto por agricultoras familiares do município de Viçosa-MG. A proposta de ação extensionista se iniciou por meio de um trabalho de assessoria – financiado pelo Proext Cultura/2009-2010 – tendo surgido do envolvimento de um grupo de discentes do Curso de Cooperativismo e docentes da Universidade Federal de Viçosa (UFV) com as famílias rurais pertencentes às comunidades de Zig-Zag, Violeira, Estação Velha e Buieí, todas localizadas na zona rural de Viçosa-MG. O grupo já contava com o apoio de outras organizações e entidades, que desenvolviam projetos diversos e pouco articulados. Além da UFV, estavam, junto ao grupo, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER-MG), o Centro de Tecnologias Alternativas Zona da Mata (CTA-ZM), o Programa de Extensão Teia/UFV, e a organização não governamental NAVI (Núcleo de Arte Viva). A Padaria tem a característica de ser predominantemente formada por mulheres rurais. Estas vêm desenvolvendo a produção e comercialização dos pães caseiros. Boa parte da produção resgata a tradição de receitas de seus antepassados. Entre os objetivos específicos, as ações estão orientadas para a formalização do empreendimento em uma associação e para a agregação de valores aos produtos artesanais e agroindustriais já comercializados com a finalidade de qualificar a inserção do grupo em mercados especializados. O projeto busca melhorias nas comunidades atendidas com a concretização de uma estrutura organizacional formal e autossustentável, possibilitando oferecer condições dignas de trabalho, aumentar a produção e aperfeiçoar os resultados econômicos e sociais. Assim, ao capacitar os membros do empreendimento, qualificou-se a possibilidade dessas famílias se tornarem agentes ativos e com papel destacado no processo de desenvolvimento comunitário, contribuindo para a sustentabilidade socioeconômica e criando condições que propiciem melhor renda e qualidade de vida (SOUSA, et. al., 2012).

17. *Projeto de Assessoria e Consultoria aos Atingidos por Barragens (PACAB¹⁰)*: O Projeto é, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, da Universidade Federal de Viçosa. Desde 1996, o PACAB atua em parceria com movimentos sociais, professores e estudantes da Universidade Federal de Viçosa, ONGs, prefeituras e populações ameaçadas e atingidas por empreendimentos hidrelétricos na Zona da Mata Mineira. O PACAB busca a prestação de assessoria às famílias de agricultores por meio de informações sobre o processo de licenciamento ambiental dos empreendimentos, sobre seus direitos. Além disso, o projeto busca propiciar um espaço de formação crítica de estudantes de diversas áreas do conhecimento acerca das temáticas da ecologia política, justiça ambiental e direitos humanos.

18. *Tecendo Sonhos - Cursinho Pré-vestibular em alternância de Espera Feliz¹¹*: É um projeto realizado no município de Espera Feliz-MG, um trabalho desenvolvido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) do referido município em parceria com o Programa Teia/UFV e o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM). Busca-se o envolvimento de educadores da região em questão, estudantes da UFV que participam de projetos de extensão, filhos e filhas de agricultores e agricultoras familiares vinculados ao STR. O Tecendo Sonhos é um pré-vestibular em alternância que visa a facilitar o acesso de jovens do meio rural à Universidade Pública, bem como sua formação integral, buscando, através de ações entrelaçadas, num processo que visa a troca de conhecimento, trabalhar conteúdos referentes ao Enem, a partir de elementos inerentes ao contexto no qual estão inseridos. Dentre os princípios norteadores da ação do Tecendo Sonhos está a Agroecologia, a Educação Popular e a Economia Solidária. O projeto visa trabalhar com metodologias participativas de educação popular, oportunizando experiências, buscando alcançar justamente o processo de inclusão social, uma vez que se destina a incluir estudantes com poucas possibilidades de acesso ao ensino superior. O Projeto busca metodologias que mobilizem meios e instrumentos para que o processo educativo seja realizado na relação educador-educando-comunidade, num processo onde o saber que emana dos territórios seja (re)valorizado na construção dos conhecimentos na universidade e na sociedade em geral.

¹⁰ Disponível em: <http://www.ufv.br/teia/pacab.html>. Acesso em: 20 de mai. de 2014.

¹¹ Disponível em: <http://www.agroecologiaemrede.org.br/experiencias.php?experiencia=1124>. Acesso em 21 de mai. de 2014. Disponível em: <http://www.ufv.br/teia/tecendosonhos.html>. Acesso em 21 de mai. de 2014.

19. *Saúde Integral em Permacultura (SAUIPE)*: É um grupo formado por estudantes de graduação e pós-graduação da UFV, que buscam desenvolver trabalhos dentro dos princípios e técnicas da *Permacultura*¹² e Agroecologia. Atualmente, o grupo está envolvido com a realização de oficinas na temática de saúde humana e ambiental com a comunidade de Viçosa e região, com projetos de saneamento ambiental, com o estudo de receitas de produtos de limpeza e cosmética mais ecológicas e com a implantação de tecnologias sociais na escola. A experiência do SAUIPE tem incentivado o desenvolvimento de habilidades técnicas e de consciência social e política dos integrantes da equipe, além de promover o empoderamento de agentes comunitários, tornando-os capazes de atuar como multiplicadores do saber permacultural. O projeto realizou, desde o início em 2013, oficinas de Alimentação Viva, Cosmética Natural e produtos de limpeza ecológicos, Saneamento ambiental, Tinta de solo e Geobiologia. Foram contemplados pelas oficinas estudantes da Escola Família Agrícola (EFA) de Acaiaca-MG, participantes do projeto de formação de mulheres agricultoras do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) e agricultores/as de Ervália e Espera Feliz-MG. Os projetos realizados no SAUIPE são: *Saneamento ecológico na Zona da Mata; Saúde Integral em Permacultura; Cosmética natural; Engenheiros na escola e Produtos de limpeza ecológicos*. Além dos projetos, o grupo SAUIPE integra o Programa Teia de extensão universitária e desenvolve trabalhos junto aos demais grupos de agroecologia da UFV, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento do movimento agroecológico universitário. Tem como parceiros a Organização Cooperativa de Agroecologia (OCA-ZM), que visa facilitar a inserção de recém-formados no mercado de trabalho, e o CTA-ZM, que procura proporcionar meios de realização dos trabalhos extensão (MACHADO, et. al., 2013).

20. *Grupo de Trabalho Água (GTA)*: Este grupo de trabalho busca através de um trabalho conjunto com instituições e grupos organizados locais como a Organização Não

¹² Ao longo da década de 70, em resposta à crise ambiental mundial que o planeta vem enfrentando, com a destruição desenfreada dos sistemas biológicos, o conceito de Permacultura se ampliou, deixando de ser aplicado somente à agricultura para se aplicar ao desenho de paisagens que imitam os padrões e relações encontrados na natureza em busca da sustentabilidade. “A Permacultura utiliza as qualidades inerentes das plantas e animais, combinadas com as características naturais dos terrenos e edificações, para produzir um sistema de apoio à vida para a cidade ou a zona rural, utilizando a menor área disponível.” (Introdução do livro de Bill Mollison e Reny Mia Slay: Introdução à Permacultura, 1991). Disponível em: <http://www.permacultura-bahia.org.br/interna.php?cod=14>. Acesso em 30 de março de 2014.

Governamental Núcleo de Assessoria às Comunidades Atingidas por Barragens (NACAB), as Associações dos Moradores dos Bairros do Palmital e do Paraíso, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), a Entidade Nacional dos Estudantes de Biologia (ENEBIO), o Levante Popular da Juventude, dentre outros, apresentar discussões que problematizam os impactos socioambientais provocados pelo empreendimento mineroduto da empresa multinacional Ferrous Resources. O grupo objetiva levantar, diagnosticar e estudar uma série de informações relativas ao processo da construção do mineroduto, com foco especial nos impactos sobre os recursos hídricos na bacia do Ribeirão São Bartolomeu no município de Viçosa e socioeconômicos em âmbito microrregional (UFV, 2012).

21. *Viçosa em Transição*¹³: Viçosa em Transição é uma das iniciativas do movimento Cidades em Transição, ou *Transition Towns*. Este movimento nasceu na Inglaterra e se espalhou pelo mundo. Hoje se faz presente em mais de 20 países. Já são mais de 8.000 Iniciativas de Transição (em cidades, bairros e até ilhas) – entre elas Viçosa em Transição - e 300 cidades oficiais preparando-se para a Transição. O movimento trabalha para transformar as cidades em modelos sustentáveis, menos dependentes de combustíveis fósseis, mais integradas à natureza e mais resistentes a crises externas, tanto econômicas como ecológicas. As Iniciativas de Transição criam um processo promissor que engaja pessoas, comunidades, instituições e cidades para, juntos, pensarem e implementarem as ações necessárias de curto e longo prazo para a transição para a sustentabilidade. Com uma visão realista e positiva do futuro, acreditam na ação transformadora de indivíduos e instituições, através do redesenho conjunto de comunidades para um futuro resiliente e com base local.

Em Viçosa, o movimento iniciou-se em abril de 2011, através do primeiro treinamento com os facilitadores May East e Marcelo Todescan. O Treinamento teve como proponentes a Rede Transição Brasil, ISAVIÇOSA, SUIPE e Programa Teia/UFV e foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) e Departamento de Arquitetura da UFV. Uma das ações pontuais do movimento é a *Feira de Trocas*, uma prática que se baseia nos princípios da Economia Solidária: substituir o lucro; a acumulação e a competição pela solidariedade e pela

¹³ Disponível em: <http://www.isavicosa.org/pt/blog/49-vi%C3%A7osa-em-transi%C3%A7%C3%A3o-realiza-feira-de-trocas-na-pra%C3%A7a-no-centro-de-vi%C3%A7osa>. Acesso em 21 de mai. de 2014.

cooperação; valorizar o trabalho; o saber e a criatividade humana e não o capital e sua propriedade; buscar um intercâmbio respeitoso com a natureza.

22. *Rede de Consumo Consciente*: A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV) é um programa de extensão universitária, constituído em 2003. A ITCP desenvolve ações direcionadas ao fortalecimento e fomento de empreendimentos econômicos organizados a partir dos princípios da Economia Popular Solidária por meio da atuação multidisciplinar de estudantes e professores de diversas áreas do conhecimento acadêmico. Busca-se a geração de trabalho e renda, a promoção do comércio justo e solidário, da produção agroecológica e o desenvolvimento local sustentável (FONTES, et, al., 2013).

Nesse campo, com base também nesses preceitos, a “*Rede Agroecológica de Prosumidores Raízes da Mata*”¹⁴ vem se consolidando como um projeto que proporciona o incremento de renda para empreendimentos coletivos, rurais e urbanos, e agricultores familiares de Viçosa e região.

Para além da geração de renda, a *Rede Raízes da Mata* tem como objetivo: a interlocução entre saberes populares e acadêmicos; a troca de experiências entre seus membros; a soberania alimentar e a transformação de valores voltados para o consumo consciente. A rede é operacionalizada por diversos projetos da UFV e consumidores voluntários, prosumidores, que compartilham os princípios da *Raízes da Mata*. Como uma iniciativa solidária e sustentável de aproximação entre consumidores e produtores, a ITCP vem desde o início apoiando as atividades da Rede, realizando desde funções operacionais até o planejamento e deliberações conjuntas sobre o funcionamento e desenvolvimento da rede.

A ITCP também desenvolve trabalhos com outros grupos de agricultores familiares que possuem potencial para a transição agroecológica e adesão à rede *Raízes da Mata*.

¹⁴ O projeto “*Raízes da Mata: Integrando produtores e consumidores por meio da Rede Agroecológica de Prosumidores*”, coordenado pelo professor do Departamento de Administração e Contabilidade Alan Ferreira de Freitas, apoia agricultores familiares que produzem hortifrúti livre de agrotóxicos, sob a prática da agroecologia. Seus objetivos são ampliar e consolidar a Rede Agroecológica de Prosumidores Raízes da Mata, otimizando a produção e aumentando a renda dos agricultores familiares da Zona da Mata mineira. Um ponto importante do projeto é a conexão entre produtores e consumidores. Disponível em: https://www2.dti.ufv.br/ccs_noticias/scripts/exibeNoticia.php?codNot=17698. Acesso em 11 de julho de 2014.

1.2 A minha experiência no ano de 2013

As minhas primeiras observações das reuniões do Programa se deram no âmbito do Programa de Pós-graduação do Departamento de Educação da UFV, nos primeiros meses de 2013, um momento no qual o Teia planejava suas atividades para o referido ano. Essas reuniões aconteciam praticamente todas as sextas-feiras no Centro de Ensino e de Extensão da UFV – CEE, elas visavam o planejamento do que, principalmente, os estudantes almejavam para o respectivo ano.

Ainda nas primeiras reuniões, houve uma dinâmica de organização do trabalho chamada *Dragon Dream*¹⁵, uma dinâmica de escuta profunda, utilizada para trabalhos em grupo, originária dos aborígenes australianos, o que demonstrava a necessidade do Programa de um direcionamento para as ações daquele ano.

Com a minha observação ainda incipiente sobre os grupos ali presentes, era perceptível que alguns estudantes reuniam-se em outros momentos durante a semana, e juntos, planejavam os pontos norteadores da reunião do Programa, de modo que estes estudantes, naquele momento, eram “vozes mais nítidas do que outras vozes nas reuniões”, não porque impunham algo a ser feito ou discutido aos demais, mas porque acolheram a demandas do Programa naquele momento, demanda esta que se repete no Teia em todo início de ano e de período: a reorganização do trabalho e das tarefas.

A tarefa de reorganização do grupo é constante pelo fato de que os estudantes que compõe o grupo permanecem durante a graduação na instituição e findam suas participações devido à suas formaturas, participações em intercâmbios ou transferências para outras instituições. O ingresso no grupo acontece em sua maior parte pela proximidade e interesse dos estudantes com os temas tratados no ambiente do Programa.

¹⁵ O Dragon Dreaming organiza-se no Brasil através de comunidades de prática geograficamente dispersas e vinculadas pelo desejo em comum de desenvolver e praticar atividades e projetos consistentes com a sustentabilidade socioambiental. De forma fractal e autogeridas 'seguramente fora de controle', com iniciativas e dinâmicas próprias, formam-se times ou grupos de trabalho para o desenvolvimento de projetos ou práticas específicas. Os grupos de trabalho se constituem e se dissolvem à medida que os objetivos de seus projetos sejam atingidos ou revistos, mantendo-se o espírito de trocas de saberes e celebração. Disponível em <http://www.dragondreamingbr.org/portal/index.php/dragon-dreaming/grupo-de-2-ordem.html>. Acesso em 20 de maio de 2014.

Os ingressos e egressos no Teia demandam a cada ano letivo uma nova organização do grupo. De maneira que nesse exercício de organização e reorganização é perceptível que:

O homem é o ser que tem de estar inventando ou criando novamente novas soluções. Uma vez encontrada uma solução, não lhe basta repetir ou imitar o resolvido; em primeiro lugar porque ele mesmo cria novas necessidades que invalidam as soluções alcançadas, em segundo lugar, porque a própria vida, com suas novas exigências se encarrega de invalidá-las. (...) A repetição se justifica quando a própria vida não reclama uma nova criação. O homem não vive em constante estado criador. Ele só cria por necessidade, isto é, para adaptar-se a novas situações, ou satisfazer novas necessidades (VÁZQUEZ, 2011, p. 269).

De modo que a *(re)organização* não apenas do grupo de pessoas que compõem o Teia e os projetos, mas por conseguinte das tarefas, das discussões, eventos e demandas de trabalho do Programa se caracterizam enquanto uma necessidade do grupo que podem ser associadas à *práxis criadora*¹⁶.

“A *práxis* é por isso essencialmente *criadora*. Entre uma e outra criação o homem reitera uma *práxis* já estabelecida. (...) em seu conjunto a *práxis* se caracteriza por esse ritmo alternado do criador e do imitativo, da inovação e da reiteração” (Vázquez, 2011, p. 269).

A tarefa do Programa de ser *organizar* e *reorganizar* a cada ano tanto em relação a seus participantes quanto às atividades nas quais o Programa pretende se envolver, tem esse ritmo alternado entre a criação, o novo, o inédito e a imitação, aquilo que já foi criado e será em alguns aspectos refeito. Contudo, dentro desse ritmo alternado, a *práxis* no Programa pode ser considerada em maior essência *criadora*, pois o que a caracteriza desta forma é a indissociabilidade entre o subjetivo e o objetivo, o interior e o exterior, de maneira que a atividade consciente do sujeito é trabalhada ou estruturada de acordo com o fim ou o projeto que a consciência traça.

Ainda sobre as primeiras reuniões que acompanhei foi perceptível alguns diálogos a fim de mobilizar algumas pessoas do grupo para as discussões sobre o processo de institucionalização da Licenciatura em Educação no Campo na referida instituição, fato que se efetivou no ano de 2014.

Durante o respectivo ano de 2013 as reuniões também se convergiram em alguns momentos para o processo de organização de alguns estudantes para participar do 5º Encontro Nacional dos Grupos de Agroecologia – 5º ENGA, que ocorreria em outubro de 2013.

¹⁶ Grifo nosso.

Das reuniões iniciais que visavam a organização do trabalho no Programa, quase todas eram coordenadas pelo professor coordenador do Programa, contudo, acompanhei algumas nas quais alguns estudantes assumiam esse papel. Dentre algumas dessas reuniões, uma foi coordenada por um estudante do curso de agronomia e integrante do Grupo de Agroecologia e Agricultura Orgânica (GAO), projeto vinculado ao Teia. Tal reunião tinha como objetivo reorganizar as pessoas para as tarefas do respectivo ano no ambiente do Programa, para tanto o estudante desenhou um sistema agroflorestal num quadro que todos podiam avistar, este desenho se tratava da associação feita por ele de um *Sistema Agroflorestal (SAF)*¹⁷ como um plano de ações do Programa para ao ano de 2013.

No desenho, as árvores mais altas com suas sombras e decomposição do material orgânico no solo representavam o subsídio a ser dado às árvores de porte médio, ou seja, a projetos em processo de construção recente de suas ações e também em processo de conquista de parcerias em relação a outros projetos. As árvores de porte médio, por sua vez dariam sombra e material orgânico às plantas rasteiras sendo estas os projetos em fase de iniciação como “Crianças Arteiras”, por exemplo, ou projetos com pequena mobilização de parceiros em relação a outros. De modo que os extratos mais altos seriam os projetos ou parceiros com maior independência em suas ações dentro do Programa, como o “Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata Mineira (CTA)”, por exemplo, que dariam subsídio a ações de “médio e pequeno porte”. A “Casa Cultural do Morro” foi desenhada enquanto planta rasteira, pois que estava em gestação dentro do Programa. Elementos externos e fundamentais para o funcionamento do Sistema seriam: a chuva (Troca de Saberes); o vento (a Extensão Universitária), o Sol (A consciência agroecológica individual e coletiva), o Solo (Movimento Estudantil), Micorrizas (Reuniões do Teia e Redes Sociais de Comunicação, como o Facebook¹⁸) e os Extratos Novos (formação individual do novos estudantes).

¹⁷ Sistema Agroflorestal (SAF) é definido como um sistema agropecuário diferenciado por ter um componente arbóreo ou lenhoso, o qual tem um papel fundamental na sua estrutura e função. Os sistemas agroflorestais (SAFs) têm os atributos de qualquer sistema: limites, componentes, interações, entradas e saídas, relações hierárquicas e uma dinâmica própria. *Sistemas Agroflorestais: Conceitos e Aplicações: Introdução aos Sistemas Agroflorestais*. ENGEL, Vera Lex, Botucatu: FEPAF, 1999. p 70.
Disponível em: <http://saf.cnpqg.embrapa.br/publicacoes/01.pdf>. Acesso em 10 de jul. de 2014.

¹⁸ O Facebook é uma rede social que permite conversar com amigos e compartilhar mensagens, links, vídeos e fotografias. A ferramenta foi criada em 2004 pelos americanos Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hufghes e pelo brasileiro Eduardo Saverin.

Estava claro que o Teia tinha “pontas soltas” com alguns estudantes que acabavam de chegar ao Programa e outros que haviam saído com a conclusão de seus períodos nos cursos de graduação da UFV. Era nítida, para os presentes na reunião, a procura por uma maior coesão do grupo e do Programa. Contudo, neste primeiro momento, não se pontuou tarefas específicas, mas abraçaram-se demandas do *Ambiente Teia*.

O Ambiente Teia extrapola o Programa Teia/UFV, pois mais do que o conjunto de projetos e parceiros, ele se constitui em dimensões maiores alcançadas pela afinidade de temas nas discussões e atividades em diversos espaços dentro e fora da UFV. O Ambiente Teia se materializa na não-institucionalidade: em conversas e encontros cotidianos entre os estudantes; no cotidiano dos projetos nas comunidades envolvidas e no cotidiano dos grupos e movimentos sociais parceiros em suas relações com a sociedade.

Com a observação das primeiras reuniões, havia a impressão de que, mesmo com a necessidade de criação do novo, havia nos grupos algo de “velho”, ou seja, havia presente um pouco do já vivido, já pensado com alguns estudantes. Era perceptível, portanto, uma trajetória, um caminho a ser tomado em sua continuidade, o que deixava aparentemente alguns estudantes mais seguros em comparação a outros.

As experiências acumuladas do grupo, eu não havia vivenciado, mas percebia em alguns estudantes maiores e menores graus de domínio sobre os temas tratados. Nos diálogos e ideias, especificamente, havia algo do qual eu me sentia nitidamente à parte por dois motivos: 1 - por não ter vivido as experiências anteriores no Programa como alguns estudantes e; 2- por ser vista como “a pesquisadora”, ou seja, ser vista pelos demais como uma pessoa que ora se distancia da realidade e observa a tudo e a todos de maneira mais objetiva, ora se aproxima para analisar com ferramentas de análise constituídas apenas no campo científico, fato que constitui uma limitação, tendo em vista o caráter primordial do Programa de unir saberes científicos e populares.

De fato, esses dois motivos causaram algum estranhamento para mim e para os grupos. Porém, as ferramentas do campo popular estão presentes no cotidiano local e na minha trajetória de vida.

A minha participação no grupo, portanto, pode ser associada a uma ***práxis criadora***, na medida em que meu trabalho de pesquisa-ação naquele ambiente era algo inédito (criação),

Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/como-funciona-facebook-624752.shtml>. Acesso em 20 de mai. de 2014.

e ao mesmo tempo imitativo (por ter ligação com minhas vivências anteriores e as experiências anteriores dos estudantes no Programa). É deste lugar que eu observava aquela realidade. Entretanto, este lugar, para a maioria dos estudantes, era visto como o lugar de alguém que apenas observa, descreve e analisa.

Contudo, este lugar, com o devido esforço, começa, aos poucos, a ter seu cenário modificado, tanto por mim, quanto para os que também me observavam, pois a partir de um determinado tempo, sem datação específica, começo, por meio da constante convivência, a ser parte daquele grupo de estudantes presentes nas reuniões, começo a ser ouvida e a ter a palavra acolhida, e a sugerir e participar indiretamente ou diretamente de algumas ações.

O meu esforço era de olhar para a realidade que se desenhava a partir dos diálogos das reuniões nos quais despontavam: aspectos das propostas de intervenção na realidade dos projetos; o repasse pelos estudantes do que acontecia nas comunidades de acordo com as ações desenvolvidas nelas; as discussões no ambiente Teia a partir das relações com as questões institucionais, comunitárias locais, nacionais e também dos Movimentos Sociais.

Por meio dos diálogos acompanhados nas reuniões era perceptível entre os estudantes que eles possuíam uma **consciência prática** em suas atividades.

(...) a consciência tal como ela se insere no processo prático, atuando ou intervindo no seu transcurso, para converter um resultado ideal em real. Consciência prática significa igualmente: consciência na medida em que traça um fim ou modelo ideal que busca realizar, e que ela mesma vai modificando, no processo de sua realização, atendendo as exigências imprevisíveis do processo prático. Essa consciência é a que se eleva na práxis criadora, e que se debilita até quase desaparecer quando a atividade material do sujeito assume um caráter mecânico, abstrato, indeterminado (...) (VÁZQUEZ 2011, p. 295).

Porém, essa *consciência prática*, ou seja, a consciência que atua para converter um resultado ideal em real “só qualifica a consciência na medida em que seus produtos ideais se materializam; não qualifica aquela que se desdobra de uma atividade teórica, à margem da prática, ou não responde de imediato às exigências de um processo prático” Vázquez (2011, p. 295).

Consequentemente, a *consciência prática* é distinta da *consciência da práxis*, pois a primeira pensa e idealiza os atos práticos e a segunda diz respeito ao nível de consciência dos sujeitos diante da transformação que realiza. Contudo, essas duas consciências não estão totalmente separadas uma da outra. De maneira que, toda *consciência prática*, como a que os

estudantes possuem sobre suas atividades no ambiente Teia, sempre implica certo grau de *consciência da práxis*, mas as duas não estão no mesmo plano ou nível.

A *consciência da práxis* é uma consciência que se eleva da *consciência prática* por meio da atividade ideal que se materializa. A *consciência prática* e a *consciência da práxis* podem ser associadas às ações acompanhadas no ambiente Teia, como o Terreiro-cultural e a Troca de Saberes 2013 as quais requereram que se idealizassem uma série de atos práticos, como: materiais para a construção de Instalações Pedagógicas, transportes de objetos e alimentos, construção de estruturas que comportassem o público, etc. Contudo, a *consciência prática* nesses processos não estava dissociada de consciências maiores, como por exemplo, o objetivo das ações extensionistas que o Programa se propõe enquanto tentativas de transformação das realidades.

O processo de ocupação da Casa 5, na Villa Gianetti, dentro do campus universitário da UFV se deu por meio de diversos tipos de conscientização dos estudantes em relação à importância de adquirir mais um espaço para o Observatório dos Movimentos Sociais e o Ambiente Teia. Essa consciência maior não se deu dissociada de uma consciência prática que pensassem os atos práticos necessários para o estabelecimento de condições materiais que permitissem a utilização da casa, como a organização de: horários de funcionamento; revezamento de horários para reuniões; pessoas responsáveis pela limpeza, conservação e organização do local; responsabilidade sobre a utilização dos materiais disponíveis na Casa, etc.

Essa casa, a princípio não estava sendo utilizada para nenhuma finalidade, mas passaria a representar, após algumas reivindicações dos estudantes e professores envolvidos no ambiente Teia, um ponto de resistência, articulação e visibilidade de ações do referido ambiente.

De modo que o processo de ocupação da Casa foi palco de algumas tensões com a administração da instituição e a ocupação dos estudantes foi intensa, com reuniões e atividades diversas.

As reivindicações e mobilização dos estudantes para a ocupação da Casa foi o momento em que consciência destes se elevou a uma consciência maior, a *consciência da práxis*: a que se volta a si mesma, sobre a atividade material que se plasma.

Devido a mobilização dos estudantes e professores a Casa passou a ser a *Casa dos Movimentos Sociais*, um espaço que conta com reuniões e atividades constantes do

*Observatório dos Movimentos Sociais*¹⁹ da UFV e do Ambiente Teia. Esta casa foi uma conquista dos estudantes do Observatório, do Ambiente Teia e de seus parceiros, somando-se às ações da *Casa de Transição da UFV*²⁰ (Casa 18), dentro do ambiente Teia.

O processo de ocupação da Casa pelos estudantes com as reuniões, diálogos, reivindicações com a instituição e a utilização da mesma como espaço e território demonstrou sobre a *consciência prática* e a *consciência da práxis* que:

(...) as duas não se confundem, mas tão pouco se acham separadas entre si, já que por um lado a consciência prática, como atividade ideal se materializa, torna possível que transpareça ou se eleve a consciência do que está plasmado, e que, por sua vez, a consciência da práxis pode contribuir para enriquecer a atividade real, material e, com isso, elevar a consciência (prática) que nela se plasma. Podemos dizer assim que a consciência da práxis vem a ser autoconsciência prática (VÁZQUEZ, 2011, p. 295).

As primeiras reuniões na Casa dos Movimentos Sociais foram sobre aspectos destacados pelos estudantes sobre os diálogos que estavam acontecendo na Comunidade de *Ribeirão Preto*²¹ em Guidorval, MG para a realização de um Terreiro-Cultural no mês de fevereiro de 2013.

¹⁹ O Observatório dos Movimentos Sociais da Zona da Mata Mineira tem o objetivo de mapear e sistematizar os diferentes registros sobre os movimentos sociais, bem como articular, fortalecer e potencializar suas ações, inclusive em parcerias com entidades de estudos similares a níveis local, regional, estadual, nacional e internacional para se constituírem redes institucionais. Com isso, pretende-se dar continuidade às discussões com e sobre os movimentos sociais da Zona da Mata Mineira, de forma a ampliar a compreensão sobre o contexto social, histórico e cultural em que se inserem e suas contribuições nesse processo. Disponível em: <http://observatoriomsufv.wordpress.com/quem-somos/o-observatorio/>. Acessado em 10 de julho de 2014.

²⁰ A Casa de Transição, mais conhecida como Casa 18, é um espaço dentro do Campus Universitário que acolhe as atividades do Ambiente Teia.

²¹ Ribeirão Preto é um território quilombola não reconhecido pelas instituições governamentais e pela primeira vez na história dos terreiros culturais, uma comunidade que não está incorporada ao processo de transição agroecológica recebe esse momento de celebração, o que se mostrou para a construção como um novo esforço para se pensar a realidade do local, no que tange a sistematização e metodologias adotadas, mas também no diálogo com a comunidade uma vez que a inserção social ali se processa a partir de relações de compadrio e da vizinhança com a comunidade da Fazenda das pedras, parceira do Teia e de projetos que são abarcados por este, como o Estágio Interdisciplinar de Vivência regional da Zona da Mata – EIV Regional ZM-MG.

Em outro momento nestas reuniões dividiam-se os integrantes nos respectivos Grupos de Formação Operacionais de acordo com a afinidade pessoal de cada um para as respectivas tarefas. Essas comissões seriam permanentes e ficariam com a mesma estrutura e integrantes para a realização do Terreiro-cultural em Ribeirão Preto.

Nas reuniões do Programa durante o início do ano de 2013 se estendia o debate sobre a programação e a metodologia a serem utilizadas no Terreiro-cultural. De modo que o Teia deveria se apropriar, por meio de seus membros, das tarefas para a realização do evento.

Mesmo com a mobilização nas reuniões para a organização do Terreiro, se buscava ainda uma estratégia metodológica que norteara as ações do Programa durante todo o ano de 2013. A segunda tentativa para encontrar uma estratégia metodológica se deu com uma dinâmica baseada nos Sonhos de cada integrante. Os sonhos sonhados nas reuniões deveriam ser levados ao cotidiano de cada projeto para a sua realização. Paralelamente à dinâmica dos Sonhos, havia também outra dinâmica que consistia em delegar as tarefas do Programa às *Comissões ou Grupos de Formação Operacional: Comunicação, Formação e Sistematização*. Esta organização se manteria para o evento da Troca de Saberes do respectivo ano. Desta maneira, o Programa procurou, pouco a pouco, manter esta organização em *Grupos de Formação Operacionais* em seus encontros:

Comunicação - foi o responsável por fazer circular as informações, registrá-las e conectar as atividades propostas pelos projetos envolvidos. Este Grupo divulga e promove atividades e também o próprio Programa, cumprindo o papel de comunicação interna e externa. Procura manter contato com os grupos sociais envolvidos, na intenção de acompanhar o calendário externo e as demandas que, eventualmente, emergem.

Formação - buscou descentralizar o poder de decisão e informação, propondo espaços de formação, vivência, escuta e aprendizado numa perspectiva horizontal, buscando possibilitar a participação e empoderamento dos sujeitos nas tomadas de decisão. Esse coletivo se responsabiliza também por administrar bens e acompanhar financeiramente o Programa;

Sistematização - reunir relatorias, fotos e vídeos e mediar a sistematização das experiências do Programa.

Esses Grupos de Formação, só aconteciam na medida em que o Programa tinha demandas para cumprir. O funcionamento dos Grupos não era supervisionado por nenhum membro, advindas de suas próprias ações cada casa ou grupo, portanto, tinha autonomia para realizar as suas tarefas. Contudo, era de responsabilidade dos integrantes repassar nas

reuniões gerais do Teia o andamento das atividades e tarefas de seus respectivos grupos. Os professores coordenadores do Programa traziam as questões internas dos Grupos de Formação, para que todos refletissem sobre os problemas e dificuldades de cada Comissão ou Grupo de Formação, tais dificuldades não precisavam ser solucionadas, necessariamente, por um integrante daquele Grupo, mas, muitas vezes, por um estudante de outro grupo que possuía informações e havia vivenciado experiências práticas sobre determinada situação, auxiliando e ensinando os demais estudantes.

Os Grupos ou Comissões contavam com o trabalho e disponibilidade de modo espontâneo dos membros, variando o grau de envolvimento e o dispêndio de tempo de cada membro em relação a cada tarefa. O que predominava era a responsabilidade sobre o cumprimento da tarefa dentro do tempo que se tinha disponível para realiza-la, independente de quem a realizasse.

Dependendo da demanda do Programa e da proximidade de um evento, cada grupo de formação operacional se reunia, aproximadamente, uma vez por semana. E os momentos de reuniões semanais do Teia se tornavam momentos em que todos os grupos de formação operacional se encontravam ao mesmo tempo para o repasse geral das demandas específicas de trabalho de cada Grupo e para a tessitura de um *diálogo mútuo*.

Seguiam-se nos primeiros meses do ano de 2013 as organizações para o Terreiro-cultural em Guidorval (MG), que contava fortemente com o objetivo de conscientização da população para a não utilização de agrotóxicos nas pequenas propriedades em vista de alternativas agroecológicas. A programação com os horários das atividades se desenhava com o palpite de todos os presentes na reunião. Alguns estudantes fizeram visitas ao local e às casas de pessoas das comunidades, travando, deste modo, um diálogo constante naquele momento com a comunidade rural da respectiva cidade, afim de colher informações históricas, culturais, políticas, saberes “leigos”, superstições, crenças e questões religiosas que influenciavam no modo de ser, viver e pensar dos habitantes.

Após algumas reuniões, houve a realização do Terreiro-cultural em Ribeirão Preto.

De modo que durante esta pesquisa, as ações de destaque durante o ano de 2013 acompanhadas no Programa Teia/UFV e que se encontram logo a seguir neste trabalho são: o Terreiro-cultural de Ribeirão Preto, Guidorval - Minas Gerais, Minas Gerais e a V- Troca de Saberes na Universidade Federal de Viçosa.

1.3 O Terreiro-cultural na comunidade de Ribeirão Preto

O Terreiro- cultural é uma ação do Programa de Extensão Universitária Teia/UFV junto aos grupos e projetos que o compõe e organizações e movimentos sociais parceiros, acontecendo sempre em comunidades da Zona da Mata Mineira por meio de excursões pedagógicas com o objetivo de se constituir enquanto instrumento de educação popular e libertária, e refletir sobre a cultura popular e a agroecologia.

A proposta do Terreiro-cultural fomenta a da Troca de Saberes, pois a proposta desta última consiste em:

(...) traçar um diálogo horizontal entre universidade e sociedade, que propicie uma prática pedagógica popular e libertária, tendo como bandeiras a agroecologia e a oposição ao modelo de desenvolvimento e sociedade hegemônico, potencializando o diálogo de diferentes e experiências. O Terreiro-cultural se comporta de forma semelhante, mas fora dos muros da universidade, propondo esta mesma interação no ambiente da comunidade em questão (SILVA, Kim Sá da , et.al., p. 2, 2013).

O Terreiro-cultural adapta sua estrutura e metodologia as diferentes realidades as quais se depara, sejam elas realidade em processo de *transição agroecológica* ou não. As estratégias e tecnologias agroecológicas são materializadas dentro de um processo de apropriação e reconstrução dos sistemas agrícolas de produção, denominado “transição agroecológica”. Este processo é definido como a passagem da maneira convencional de produzir com agrotóxicos e técnicas que agredem a natureza, para novas maneiras de fazer agricultura, com tecnologias de base ecológica, buscando proporcionar de maneira integrada a produção agrícola, o respeito e a conservação da natureza, sem esquecer jamais da meta de proporcionar uma melhor qualidade de vida às pessoas, sejam elas consumidores ou produtores agrícolas. O Terreiro visa por meio da troca de experiência entre os estudantes e as pessoas da comunidade, ser uma tentativa de contribuir na reflexão e solução dos problemas sociais estabelecidos, se constituindo, assim, em uma intensa tentativa de diálogos nas especificidades de diferentes espaços, sujeitos e identidades. Ele visa a contínua tentativa dos estudantes em compreender como as comunidades se organizam na base social quanto à produção, ao trabalho e à renda, à cultura, a tradição, a religião, a história e identidades locais, as crenças e costumes, buscando nesse âmbito conhecimentos partir da realidade da própria comunidade (TEIXEIRA, et. al., 2013).

Nesse sentido, o Terreiro-cultural vai buscar propiciar um ambiente fértil para a criação do que Santos (2003) chama de uma Ecologia de Saberes, onde busca-se ressignificar relações entre sujeitos, espaços, culturas e natureza, visando empoderar a comunidade e os indivíduos que a compõe enquanto sujeitos históricos, capazes de compreender e modificar sua própria realidade (SILVA, Kim Sá da , et.al., 2013, p. 2).

O tipo de público atingido pelo Terreiro-cultural é: a comunidade que recebe o evento; comunidades vizinhas, comunidades parceiras e vinculadas ao Programa; movimentos sociais; estudantes de *Escolas Família Agrícolas - EFAs*²² da região, estudantes, grupos e projetos da universidade, além de grupos culturais como representantes de diferentes congados e folias da Zona da Mata; grupos de capoeira; teatro; maracatu, dentre outros. Devido à intensa participação de grupos diferenciados de estudantes o evento busca e consegue envolver diversos Departamentos da UFV: Solos, Fitotecnia, Arquitetura, Zootecnia, Veterinária, Medicina, Engenharia Civil, Informática, Dança, Educação, Geografia entre outros, o que acaba por oportunizar espaços para diálogos e uma reelaboração da concepção de extensão da UFV tanto para os estudantes quanto para os demais participantes.

Em 2009, iniciaram-se os primeiros Terreiros que aconteceram nas comunidades de Pedra Redonda, Taquaraçu e Cruzeiro, em Araponga, Paula Cândido e Espera Feliz, respectivamente. Esses Terreiros contaram com a participação aproximada de 200 pessoas cada.

Em 2010, o Terreiro-cultural volta a acontecer em Espera Feliz... Em 2011, tivemos duas edições, uma em Araponga na EFA Puris e outra em Espera Feliz, tendo esta durado 3 dias e reunido mais de 400 pessoas, sendo a hospedagem e a alimentação agroecológica em caráter comunitário e solidário. A alimentação e hospedagem tem sido feita em parceria com as comunidades, que dentro das experiências até o momento têm estado abertas a essa contribuição, onde são consideradas a produção, os saberes e os sabores locais. Isso é colocado hoje como uma metodologia incorporada, através das experiências, à construção do terreiro. Outra metodologia adotada nesse Terreiro e que é repetida nos posteriores é a prática das *instalações pedagógicas* (SILVA, Kim Sá da , et.al., 2013, p. 3; 4).

²² A Escola Família Agrícola (EFA), utiliza a Pedagogia da Alternância, método criado na França em 1935, no povoado de Lot et Garonne. A iniciativa de se criar a Escola Família Agrícola buscou solucionar dois problemas, relacionados às questões do ensino regular direcionado para as atividades urbanas, que levava os adolescentes camponeses a repudiar a terra, e também à necessidade de fazer chegar ao campo o desenvolvimento tecnológico. Disponível em: <http://educador.brasile escola.com/politica-educacional/escola-familia-agricola.htm>. Acesso em: 20 de mai. de 2014.

Em 2013, o Terreiro-cultural aconteceu na comunidade de *Ribeirão Preto*, em Guidoal, este Terreiro foi acompanhado durante esta pesquisa, como uma das ações do Programa Teia. O Terreiro apresentou à comunidade “*O Auto do Boi Envenenado*”²³, um teatro, que nos moldes de um teatro de rua, elucida os problemas causados pelo uso de agrotóxicos.

O Terreiro-cultural aconteceu no dia 23 de fevereiro de 2013, mas teve início alguns meses antes, quando, durante as reuniões do Teia, se teve a ideia de ir para a comunidade de Ribeirão Preto realizar o trabalho. Desde então, começaram-se a fazer articulações nas reuniões semanais e foram montados grupos para fazer as visitas e conhecer a comunidade. Nessas visitas era planejado como seria realizado o Primeiro Terreiro Cultural e Caravana Agroecológica daquela comunidade. No dia 22, um grupo menor de estudantes, alguns engajados no Programa há mais tempo, se dirigiu à comunidade para começar a se organizar e esperar a chegada do resto do grupo no dia 23. A programação não era fixa, estava aberta a mudanças de acordo com a dinâmica do dia.

Foram feitas algumas visitas à comunidade devido às chuvas e a problemas operacionais, com o objetivo de aproximar ainda mais o âmbito universitário dos desejos, expectativas e dinâmica da comunidade.

As ações do Teia por meio dos Terreiros-culturais e das Trocas de Saberes, propiciam aos estudantes uma formação prévia nas quais, durante as reuniões do Programa eles se incorporam e organizam os grupos operacionais de apoio, de estrutura, de comunicação, articulação e alimentação, além de refletirem sobre os temas geradores das comunidades as quais acontecem as ações. No caso de Ribeirão Preto o tema gerador era: a Agroecologia e sua interface com a Cultura Negra Quilombola.

Ao chegar a comunidade eu e todos os envolvidos fomos recebidos calorosamente.

²³ Nascido da interlocução com as comunidades rurais da região, da escuta sensível e da transcrição, o Auto narra a história de uma família camponesa que utiliza agrotóxicos. O pai de uma família agricultor morre contaminado, mas, incorporando a figura folclórica do bumba-meu-boi, renasce a partir da cura de elementos da natureza e das matrizes culturais indígenas e africanas. O despertar para a Agroecologia e para a mobilização social põe em destaque o papel da mulher. O Auto (...), vale-se do método do Teatro do Oprimido e procura estimular falas e depoimentos dos(as) agricultores(as). Disponível em: <http://www.agriculturesnetwork.org/magazines/brazil/v10n3/programa-teia>. Acesso em 11 de jul. de 2014.

A primeira atividade proposta ao chegarmos à comunidade foi a de nos reunirmos numa grande roda de Apresentação, foi uma divisão voluntária de grupos para a organização e desenvolvimento do evento ao longo do dia. Logo após a apresentação os grupos operacionais se reorganizaram entre si para darem suporte ao evento.

Havia uma média de 100 pessoas externas, vindas da universidade, do Congado de Airões e 105 da própria comunidade. Havendo assim, muita interação dos estudantes com pessoas diversas.

O evento contou com várias oficinas oferecidas pelos alunos da UFV, registros diversos das atividades (capoeira, rodas de conversas, teatro, congado, jazz e viola).

Conhecemos a Cachoeira do Funil, logo após retornamos para próximo da capela onde se concentrou as atividades.

Dona Maria Leopoldo, senhora de 105 anos, parteira, costureira de uniforme de congos, contou-nos suas histórias e de seus ascendentes.

A programação seguiu um rumo mais livre. Assim, as equipes formadas no início do dia precisavam se organizar. A comunicação entre o grupo não foi suficiente para dar início ao que foi planejado.

As relações se deram ao longo do dia em meio a todas as oficinas, apresentações e à dispersão. Pois como dito em certo momento pelo professor coordenador, “é necessário lidar com a dispersão, a dispersão é algo positivo”.

A minha participação enquanto pesquisadora se deu mais especificamente no Grupo Operacional de Sistematização com o intuito de colher diferentes olhares sobre o Terreiro. Deste modo, eu, juntamente com o grupo, elaboramos um roteiro de observação no qual a ideia era que os estudantes não fizessem apenas uma relatoria nem ficassem com uma prancheta na mão escrevendo tudo, mas como em um caderno de campo, anotassem suas impressões pessoais sobre o coletivo e sobre si mesmos.

No que diz respeito aos registros redigidos pelos estudantes, de modo mais geral, nas ações do Programa Teia, esse exercício é delegado a um plano secundário, ficando esta tarefa destinada a uma minoria de estudantes mais dispostos. Em consequência desse fato, durante o Terreiro, não se obteve o acesso às respostas dos estudantes ao roteiro de registro elaborado por alguns deles:

Como foi a integração entre universidade e a comunidade?

Houve alguma liderança na atividade?

Houve troca de saberes? Como foi?

Qual sua relação com os saberes gerados/trocados?

Qual sua relação com o evento e sua construção? E dos outros participantes?

Qual a sua relação com as histórias contadas/causos? Como foi?

Quais as suas impressões sobre as questões estruturais da atividade observada, e do geral? Relate alguns exemplos.

Em quais atividades você observou potencial de alguma continuidade após o terreiro? Por quê? Como?

O que pode ser observado durante Mesa da Partilha/Mastigo? Como foi a relação das pessoas, houve diálogo entre os presentes? Quais os alimentos presentes? Houve separação de grupos?

O envolvimento dos estudantes nas ações do Programa é intenso, porém os relatos redigidos por eles sobre as suas experiências são poucos. Faz-se ausente uma metodologia de sistematização dos conteúdos, pois os relatos dos estudantes são fundamentais para que compartilhem suas experiências e, assim, enriqueçam a sua formação.

Durante as reuniões de organização e preparação das ações, como o Terreiro-cultural, por exemplo, mesmo sem relatos escritos sobre suas experiências, os estudantes conseguem elaborar um olhar crítico em relação às realidades locais, e percebem as dificuldades e desafios para a transformação social.

A “Mesa do Mastigo” se constituiu em um momento de partilha de saberes nas comunidades entre os moradores e os estudantes, partilha também dos alimentos a serem consumidos trazidos pelas famílias compondo, assim, uma mesa bastante farta, bonita e gostosa com alimentos da cultura local.

A mesa foi funcional desde a hora do almoço até a hora do jantar, na qual todos podiam se servir de qualquer alimento durante todo esse período. Todos puderam se fartar com vários biscoitos, bolos e frutas. No jantar foi servida uma galinhada preparada com muito carinho pelas mulheres da comunidade.

Não tinha ninguém, tampouco um líder para comandar nenhuma atividade no Terreiro, e assim, devia-se aprender a buscar conhecimento sobre tudo que ali estava para conseguir solucionar os problemas organizacionais que por ora aparecessem.

Os primeiros jogos montados foram jogos de madeira que estimulavam o raciocínio lógico e a coordenação motora, logo atraíram a atenção de muita gente. Pessoas da comunidade, da universidade, idosos, jovens, crianças, mães se acercaram e dentro do

possível e, aos poucos, trouxe ao conhecimento dos presentes as regras, a origem e as possibilidades de cada jogo.

Simultaneamente ao Congado, ocorreram as *oficinas* chamando-nos a atenção a forma como a comunidade realmente se interessou pelas atividades.

O *Auto do Boi Envenenado*, teatro ao fim da noite, foi uma atividade temida pelos estudantes, devido ao risco de rejeição da comunidade, o que ao contrário foi motivo de gargalhadas e identificação da comunidade com os fatos contados.

As *Instalações Pedagógicas*²⁴ que foram utilizadas em Ribeirão Preto como estratégias metodológicas, se tornaram uma referencia durante as Trocas de Saberes e se tornaram também uma oportunidade de potencializar a construção de um *diálogo horizontal*:

“Qual a importância do terreiro nas várias manifestações religiosas, na família, na agroecologia? Terreiro é espaço de que né? É onde a gente colhe a semente. Geralmente na agricultura a gente tem os nossos terreiros e aqui em casa eu tô resistindo até hoje em não por cimento no meu terreiro. Eu não quero terreiro de cimento na minha casa. Eu quero terreiro de terra, com grama em volta.”

Amauri Adolfo, agricultor e morador da comunidade do Cruzeiro – Espera Feliz/MG. 2011 (DA SILVA, et.al., p. 4, 2013).

Como na Troca de Saberes e nas reuniões do Programa Teia, houve neste Terreiro a utilização do *Círculo de Cultura*²⁵ enquanto ferramenta metodológica.

Os Círculos não deixam de se constituírem em momentos nos quais a comunidade reflete sobre suas práticas a partir de seu próprio resgate histórico, contudo, fazem-se necessárias maiores pesquisas a cerca de: como estes resgates dão novos contornos aos cotidianos locais; como as comunidades refletem em seu interior sobre estes momentos; o que

²⁴ Instalações Pedagógicas ou Artístico-Pedagógicas são cenários que guardam aspectos de uma instalação artística em sua dimensão estética, multiplicidade de “suportes” utilizados e na espacialização que monta e desmonta conforme o contexto. Estas são lugares privilegiados de intercâmbio entre a sabedoria popular e o saber universitário. Compõem-se de elementos da realidade e criam uma ambiência problematizadora e suscitadora da reflexão. A experimentação das instalações pedagógicas advém dos programas de formação dos trabalhadores que a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e suas Escolas Sindicais inauguradas nos anos 1980 e 1990 (LOPES, et.al., p. 2, 2013).

²⁵ No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes a propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo (FREIRE, 1987).

realmente muda e as consequências destas mudanças; enfim, o que os Terreiros enquanto iniciativas do Programa modificam nestas realidades.

Aliar educação e vida é aliar educação ao cotidiano e ao mesmo tempo à ancestralidade. Nos Terreiros os *mestres e mestras griôs*²⁶ demonstram conhecimento e sabedoria acumulada de gerações sobre sua realidade, transmitindo através da oralidade histórias e percepções, como esta:

“Minha avó era negra do tempo de cativo, mas minha avó não veio da África. Negro era tudo vendido, mas ela foi ganhada de presente, presente de noiva... A Lei Áurea estava correndo nos jornais... Minha bisavó deu ela a comadre sinhazinha e foi uma salva de palmas dos fazendeiros. Meu pai era filho de índio, foi criado na fazenda como um escravinho... essa é uma história triste, mas é muito importante”.

Dona Maria Leopolda, 105 anos, moradora de Ribeirão Preto. (DA SILVA, et.al., p. 3, 2013).

Na estrutura do Terreiro-cultural de Ribeirão Preto foi perceptível o alcance e potencial, a ser ainda mais explorado, que a arte a cultura tem de mobilizar os grupos dentro das comunidades e de se tornar *dispositivos pedagógicos*, pois despertam a sensibilidade, os sentimentos e exemplo de cooperação entre as pessoas. Estes dispositivos pedagógicos extrapolam as *ferramentas metodológicas* utilizadas nas ações do Programa, pois se constituem também nas ancestralidades e no íntimo da população, criando condições e contextos muito singulares, inéditos e de um grau de envolvimento perceptível a nível comunitário, mas incalculável a nível dos sujeitos.

O contexto observado do Terreiro-cultural se constituiu em círculos de pessoas, de histórias, de culturas, de sons que se encontravam e se cruzavam num terreiro em forma de rodas de conversas, de brincadeiras ou de capoeira. Meninos e meninas curiosos para descobrir o novo, do novo que chegou, e o novo do velho com o qual convivem. Olhos atentos a quem fala, ouvidos que comungam ritmos de tempos diferentes. Os tempos que se marca nunca são iguais.

O potencial que os Terreiros-culturais possuem enquanto ação do Programa Teia é o de envolvimento das comunidades, de recriação da ancestralidade, do passado, dos costumes e

²⁶ Os mestres e mestras griôs tem fundamental papel, uma vez que são sujeitos da própria comunidade ou de comunidades que também vivem da terra e da natureza, transmitindo mensagens que inspiram os mais jovens e fazem recordar os que viveram tempos passados, executando um importante papel de resgate.

das danças. Esse potencial pode ser associado à **práxis criadora**, a qual se refere ao caráter constantemente criador do ser humano que cria enquanto uma necessidade para adaptar-se a novas situações, ou satisfazer novas necessidades; mas também de modo relativo contem na criação a repetição, esta ultima exemplifica-se de certo modo na perpetuação das tradições, da cultura e dos costumes de um determinado povo.

O Terreiro-cultural é uma tentativa de restabelecer a conexão entre natureza e cultura nas comunidades trabalhadas, através da *Agroecologia e da Cultura Popular* é uma atividade criadora do novo e ao mesmo tempo uma repetição do passado. O Terreiro se constitui na busca em propiciar um ambiente fértil para uma ecologia de saberes na qual se possa ressignificar o passado, subverter o hegemônico, e se abrir para o novo através da construção coletiva e do *diálogo horizontal*.

Considerada em conjunto, assim como em suas formas específicas – política, artística ou produtiva – a *práxis* se caracteriza por esse ritmo alternado do criador e do imitativo, da inovação e da rejeição (Vázquez, p. 269, 2011).

A criação e o imitativo, neste sentido são pilares fundamentais que o Programa Teia semeia em suas ações e que inspiram mudanças no modo de se fazer a ciência e a Extensão Universitária, pois somente com este tipo de concepção se poderá fazer a necessária reinvenção da concepção de natureza, das nossas raízes históricas, culturais e étnicas.

Para tanto, a metodologia da pesquisa-ação utilizada nas ações do Programa, como no Terreiro-cultural, é fundamental no sentido de propiciar o reconhecimento dos saberes e das tecnologias sociais através de técnicas participativas que propiciam o envolvimento dos estudantes e moradores das comunidades. De modo que o fazer pesquisa não seja distante nem da Universidade e nem das comunidades.

Abençoado Terreiro (Kim Sá)²⁷

E na peleja do congado
Que bailava sob o cruzeiro
Demonstrava toda força e beleza
Do povo negro

²⁷ Poema desenvolvido enquanto relatoria do estudante Kim Sá, integrante do Programa Teia, durante o Terreiro Cultural de Ribeirão Preto - 2013.

Sua raiz, sua origem
Sua história e sofrimento
Sua alma na espada
Eternizada no momento

Da chibata que queima as costas
Na terra que sente os dedos
No ar que toca a sanfona
Na pele do brasileiro

E se a Dona Sabedoria
Se transveste de Dona Maria
E coloca na ferida
O dedo

E a mão, que pare a criança
Que tremendo aponta a esperança
Vem vestida de chita
A agroecologia...

E o vento que corta a cabeça
Do homem que ressuscita
Com a espada e com a negra
Vão fazendo a magia

De mostrar povo bonito
Sua história no terreiro
Energia geradora
Vai mudar o mundo inteiro

E deixamos com a sanfona
O povo de ribeirão preto
De gente que olha nos olhos
E agradece o passeio

Pra se lá em terras viçosas
Chegarmos no fim do dia
Renovados com a certeza
Na agroecologia...
(DA SILVA, et.al., p. 8; 9, 2013).

1.4 A Troca de Saberes

Apresentam-se aqui discussões acerca do evento Troca de Saberes do ano de 2013 e da Comissão de Comunicação do mesmo.

A Troca de Saberes é uma tentativa de criar ambientes de interação relacionados à realidade da agricultura familiar da Zona da Mata Mineira. O evento é realizado em parceria e baseado metodologicamente no Programa Teia tendo como foco a disseminação da

Agroecologia em resposta às imposições do agronegócio moldado para viabilizar mercados globalizados motivados pela extração de riquezas territoriais.

Essa edição da Troca de Saberes, comparada às demais edições, teve seu ápice de participação dos estudantes na UFV. O evento foi o resultado de um processo de amadurecimento de ideias que contou com intenso *diálogo* na UFV e nas comunidades participantes do ambiente Teia as quais levantaram demandas a serem trabalhadas no evento.

Enquanto evento anual que acontece em parceria com o Programa Teia, a Troca de Saberes, desde sua criação, vem se constituindo como uma das ações principais do Programa, de maneira que:

...busca consolidar uma *ecologia de saberes*, como denomina Boaventura de Sousa Santos, através da ressignificação e reelaboração dos conhecimentos produzidos entre a universidade e a dimensão popular da sociedade. Do mesmo modo, mapear e fortalecer as dimensões culturais no debate da transição agroecológica; estreitar parcerias entre a UFV e Movimentos Sociais populares; ampliar espaços para debates sobre a agricultura familiar e agroecológica e; dar visibilidade e inteligibilidade às experiências da Zona da Mata (MG), onde predomina a agricultura familiar. Além de, um evento para socialização das pesquisas produzidas na Universidade com os sujeitos envolvidos com e para além do movimento agroecológico da região (LOPES, et., al., 2013, p. 2).

Segundo Miranda (et.al., 2009), foi a partir das ações realizadas no Programa Teia que se instituiu na UFV a I Troca de Saberes, em 2009, evento que passou a ser realizado anualmente durante a Semana do Fazendeiro, uma semana do mês de julho, com o objetivo de socialização das pesquisas produzidas na universidade com agricultores da região e outros sujeitos envolvidos tendo por objetivo a ampliação da concepção de interdisciplinaridade junto aos pesquisadores, grupos de agroecologia e público em geral da comunidade acadêmica.

Em 2009, a I Troca de Saberes foi realizada em um dia, no qual, segundo Lopes (et.al., 2013), o evento contou com mestres populares e trabalhadoras(es) rurais da região e o público universitário com o objetivo de debater temas como “Mundo do Trabalho”, “Terra e Águas”, “Agroecologia” e “Cultura” com uma grande socialização dos temas no fim do dia.

Já na realização da II Troca de Saberes em 2010, o evento passou a ser realizado em três dias e como opção metodológica do mesmo houve *Instalações Artístico-Pedagógicas*, ou *Instalações Pedagógicas*, cenários montados a partir da realidade existente nas dependências da UFV, como laboratórios, experimentos de campo, museus, etc. Através dessas instalações, relacionadas a um dos 4 temas, foram tecidos os diálogos, visando a interação entre os

diferentes sujeitos e a geração de novos saberes e reflexões. (MIRANDA, et.al., 2009). As temáticas utilizadas em 2009 se tonaram Rotas em 2010 nas quais os participantes puderam debater temas como Solos, Gênero, Energia, Educação, Culturas, Agroecologia e outros. Para facilitação dos debates utilizou-se como **instrumentos metodológicos** as *Instalações Pedagógicas* e os *Círculos de Culturas* (LOPES et.al., 2013).

Em cada rota montou-se três instalações pedagógicas nas várias dependências da UFV, organizadas por professores e estudantes, que trouxeram elementos com o objetivo de socializar as pesquisas e experiências desenvolvidas pela mesma, utilizando-se de cenário os próprios laboratórios e experimentos. Cada pessoa participava de uma rota por dia, que era organizada pela manhã ou à tarde (LOPES et.al., 2013, p. 2).

Ainda em 2010, a Troca de Saberes contou com a participação das Mestras e Mestres Griôs possuidoras(es) de habilidades e sabedoria popular, de maneira que se constituem em figuras imprescindíveis para os movimentos e organizações sociais que prezam por uma preparação a partir da base (LOPES et.al., 2013).

Nestes espaços trocar saberes nada mais é do que ter implícito que nas relações todos os sujeitos possuem saberes a serem compartilhados e que não há hierarquia entre eles. A Troca de Saberes, neste sentido, implica a abertura ao *diálogo*, a disposição de se abrir ao novo, dentro e fora da Universidade.

Em 2011, a III Troca de Saberes caracterizou-se pela ampliação na articulação entre os parceiros, envolvendo: 11 departamentos da UFV; o Programa Teia; o Observatório da Educação do Campo/UFV e o Observatório dos Movimentos Sociais, dentre outros parceiros do evento, e 250 representantes dos movimentos sociais e sindicais do Estado de Minas Gerais.

Em 2011, as rotas desapareceram e permanecem as instalações pedagógicas e os Círculos de Culturas. Cada pessoa participou de uma instalação por dia, permitindo mais tempo para os debates. Foram organizadas 23 instalações pedagógicas, envolvendo vários Departamentos da UFV. Organizou-se, também, o “Empório da Mata”. Com um palco livre, uma feira de produtos agroecológicos e ambientalizado com elementos de todas as instalações, o Empório foi o “corpo vivo” do evento; lugar de encontro das pessoas antes e depois das instalações, buscando potencializar espaços de socialização e trocas de experiências entre agricultoras(es), estudantes, professoras(es), pesquisadoras(es) e técnicas(os). Em 2011 utilizou-se o termo “Culturas” pela primeira vez para designar a cultura como a produção da vida em sua intrínseca diversidade (LOPES et.al., 2013, p. 3).

Em 2012, na IV Troca de Saberes participaram cerca de 200 agricultoras (es) de comunidades rurais e assentamentos de diversos municípios da ZM-MG como, Divino, Espera Feliz, Miradouro, Araponga, Diogo de Vasconcelos, Ponte Nova, Rio Doce, Piranga, Acaiaca, Goianá, Visconde do Rio Branco, Guidoal, Paula Cândido, Pedra Dourada, Tombos, Ervália, Barbacena, Abre Campo, Simonésia, Porto Firme, Rosário da Limeira, Viçosa. E também, jovens estudantes de seis Escolas Família Agrícola (EFAs) da região (LOPES et.al., 2013).

Segundo a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFV, a Semana do Fazendeiro se constitui no maior e mais tradicional evento de extensão da Universidade Federal de Viçosa por atrair anualmente produtores rurais para o ambiente universitário, com a proposta de promover a troca de saberes e a articulação da extensão com a pesquisa e o ensino em benefício da sociedade.

No entanto, a Troca de Saberes, concomitante à Semana do Fazendeiro, desde 2009, traz à cena extensionista diversos projetos de extensão fazendo uma forte crítica ao agronegócio altamente estimulado pela instituição e, principalmente durante a Semana do Fazendeiro.

Desta maneira, a Troca de Saberes não se constitui enquanto “resultado”, “ampliação” ou “transferência” daquilo que é o Programa Teia, mas se apresenta como uma atuação mais complexa das relações entre os sujeitos e as diversas comunidades locais atendidas pelo Programa, bem como entre o público da cidade de Viçosa e da Universidade. O objetivo desta interação é que o conhecimento construído possa ser visualizado por outros ângulos e por outros sujeitos numa nova cena com a presença de autoridades locais, líderes de movimentos sociais e das comunidades, compondo, assim, uma interface com a comunidade externa à UFV.

Trocar saberes, enquanto proposta dentro do ambiente Teia é uma tentativa de demonstrar ao público e à Universidade que a relação pedagógica tem pode ser recíproca entre a Universidade e a sociedade, que ambas deveriam aprender/ensinar uma com a outra.

Pode-se afirmar que a Troca de Saberes de certa maneira pode ser associada a uma **práxis imitativa**, ou seja, “com um ideal que permanece imutável, pois já se sabe de antemão, antes do próprio fazer, o que se quer fazer e como fazê-lo.” (Vázquez, p. 277, 2011).

Além disso, o evento é também o resultado de trocas de saberes que acontecem: em torno da realidade concreta, no cotidiano dos projetos e das comunidades e também em torno dos saberes científicos, demonstrando que nem sempre o científico é viável socialmente, é

aplicável enquanto uma teoria que pode ser simplesmente transposta na prática, ou ainda se constitui em um tipo de conhecimento que nada tem a se ampliar com as experiências locais.

Enquanto na **práxis criadora** cria-se também o modo de criar, ao contrário no fazer prático ou reiterativo, imitativo não se inventa o modo de fazer. Seu modo de fazer já é conhecido porque já foi criado antes. O resultado real do processo prático busca a correspondência com o resultado ideal.

A **práxis imitativa ou reiterativa** tem por base a **práxis criadora** já existente, de maneira que na primeira há o lado positivo que é o de ampliar o já criado (VÁZQUEZ, 2011). Ampliar o já criado se dá no momento em que os estudantes e professores reconstroem a cada novo ano os diálogo entre as comunidades, a fim de aprender coletivamente com os agricultores, os homens e mulheres do campo, e suas realidades práticas, suas descobertas cotidianas.

Em momentos como a Troca de Saberes e Terreiro-cultural a **práxis criadora** se dá no significativo das memórias dos sujeitos das comunidades, nas histórias, nas práticas religiosas, nas crenças, enfim, no particular dos sujeitos, nas suas *experiências*. Nessas trocas de saberes é constante a presença em todos os sujeitos envolvidos, ora a familiaridade ora o estranhamento, ou seja, um contínuo re-conhecimento entre os sujeitos e as diferentes realidades apresentadas.

Foi perceptível, mesmo, com o grande público no evento, que ainda há níveis de desconhecimento com relação aos moradores e estudantes da cidade de Viçosa sobre o que é e o que se pretende com a Troca de Saberes. Houve muitos olhares curiosos em torno nas atividades ocorridas durante o evento.

Contudo, vale lembrar que na cidade de Viçosa é histórica a separação do ambiente universitário com o comunitário, marcado mais precisamente pela presença de quatro pilastras de concreto nos portais do campus universitário com as seguintes expressões em cada uma delas respectivamente: “estudar”, “saber”, “agir” e “vencer”. Estas expressões se encontram em dois idiomas: em português, direcionadas para dentro do campus e em latim, direcionadas para o lado de fora do campus, de frente para a cidade. Pode-se dizer que, para a população e para os estudantes, essas expressões nas pilastras marcam espacialmente a divisão entre dois mundos, a tal ponto de nos dias atuais, ainda existir grande parcela da população que não frequenta o espaço universitário por pensar que não é um espaço pertencente à cidade, um espaço público, ou por pensar que não é permitida a entrada de pessoas “de fora”.

Esse desconhecimento em forma de não pertencimento sinaliza ainda o quanto a extensão nessa instituição guarda resquícios históricos de modelos que não se entendiam enquanto ponte para a democracia e a participação dos cidadãos. Sinaliza-se com este fato o quanto a extensão local carrega uma carga de ***práxis burocratizada***, ou seja, de uma *práxis* educativa exercida de um modo burocrático, uma *práxis* inautêntica que se encontra oposta a uma *práxis criadora* e que se repete com a condição de preencher a forma que preexiste ao conteúdo e a margem do próprio processo prático.

Tendo em vista a dicotomia existente do espaço universitário e o comunitário, a UFV ainda precisa continuar dando passos, pois é a Extensão Universitária a maior ponte entre Universidade e sociedade.

A Troca de Saberes é um dos passos que a instituição está trilhando, passo este ainda desconhecido também por uma grande parte dos estudantes da própria instituição. A estes estudantes ainda não lhes foram apresentados a importância da *ecologia de saberes*, mas as relações verticais (de cima para baixo) nas quais um aprende e o outro ensina.

Tendo em vista este cenário atual, as reuniões para a preparação da Troca de Saberes, foram abertas a comunidade universitária e não universitária, para que o movimento pudesse alcançar o maior número possível de pessoas. Desde março de 2013 o Programa Teia direcionou os assuntos tratados nas reuniões e também as atividades realizadas nos projetos, para a reflexão do que seria pensado na programação da Troca de Saberes. A ideia foi manter alguns desenhos dos anos anteriores para o evento, com o diferencial da construção de uma tenda oval com duas outras tendas menores conectas à primeira, podendo ser ampliadas.

As reuniões gerais de preparação para a Troca de Saberes com estudantes e professores envolvidos, inicialmente, eram na Casa 5 na Vila Gianetti na UFV, as quais permeavam o espaço das reuniões do Programa Teia com temáticas em comum.

As reuniões para a Troca começaram com um caráter teórico de reflexão sobre o texto “Universidade do Século XXI”, de Boaventura de Sousa Santos, sendo assim, predominante, inicialmente momentos nos quais predominaram um ***caráter mais teórico***, de reflexão e de planejamento das atividades. Em contraposição, houve momentos nos quais predominaram um ***caráter mais prático*** de resolução de problemas para a organização do evento.

No início do mês de agosto de 2013, após esse momento reflexivo, as reuniões começaram a adquirir uma preocupação maior em pensar as demandas e o planejamento de ações para o evento. Para facilitar este processo, houve uma divisão dos estudantes envolvidos com o evento em comissões de: Metodologia e Cultura, Comunicação, Estrutura e Transporte:

- **Metodologia e Cultura:** preocupou-se com a ornamentação do local, como seriam os espaços, as apresentações culturais, como aproveitar melhor os espaços, pensar a programação e ementa das Instalações Pedagógicas.
- **Estrutura/Articulação e Transporte:** procurou executar demandas da comissão de metodologia e garantir os equipamentos e estrutura necessários para o evento. Procurou reservar espaços na UFV para reuniões e atividades antes e durante a Troca de Saberes. Planejou como os espaços dos alojamentos estudantis da UFV poderiam acolher as pessoas oriundas das comunidades que participariam do evento. Estabeleceu contatos e controle com as comunidades de quantas pessoas participariam do evento.
- **Comunicação:** buscou pensar procedimentos de organização e coleta de todo o material em forma de registro, antes, durante e depois do evento e para tanto, preocupava-se em buscar mais pessoas para a comissão, para assim, ter a garantia que nenhum espaço ficasse sem pelo menos um relator que fizesse registros de escrita e de fotografia. Divulgou a Troca de Saberes nos meios de comunicação locais: rádio, internet e TV.

A organização da Troca de Saberes foi feita durante as reuniões do Programa Teia, com regularidade semanal. Algumas demandas apareceram mais nitidamente nas vésperas do evento, durante as reuniões do mês de agosto: a preocupação com um espaço para acolher as crianças, um espaço sobre jogos e uma oca étnico-racial que unisse as temáticas afro-brasileiras e indígenas. Já se propunha também estruturas de bambú, realizados pelo grupo de estudos sobre bambú do ambiente Teia, que sustentassem as tendas em volta da tenda central do evento.

Além destas preocupações a programação do evento, já se esboçava, nas reuniões: algumas atrações culturais, um momento de reunião com os movimentos sociais, a preocupação do convite aos professores dos departamentos da UFV e alguns projetos de extensão que pudessem acrescentar temáticas ao evento sob a forma de Instalações Pedagógicas.

Após as primeiras reuniões abertas da Casa dos Movimentos Sociais, os estudantes se organizaram para uma semana de divulgação do evento. Este fato ocorreu por meio da ambientalização da Casa dos Movimentos Sociais que assumiu ambientes com imagens,

objetos, som e vídeo para os visitantes em formato de Instalações Pedagógicas. Estas instalações contaram com temas de lutas sociais que compõem o ambiente Teia: lutas ambientalistas, de igualdade racial, de mulheres e lutas pela terra.

Alguns professores ligados ao Programa fizeram suas aulas às suas respectivas turmas de graduação em formato de visita à Casa, fomentando debates e curiosidades nos estudantes.

Durante a preparação da Troca houve também intenso *diálogo* nas comunidades participantes as quais levantaram demandas a serem trabalhadas no evento.

Com a proximidade do mês de setembro, apareceram cada vez mais demandas a serem cumpridas no pequeno espaço de tempo e a participação de cada vez mais pessoas para a realização das atividades, por isso, as reuniões gerais começaram a ter dia e horários fixos no Departamento de Educação da UFV, tendo em vista a necessidade crescente de discussões com todos os envolvidos para o evento em um espaço que comportasse a todos.

Concomitante às reuniões gerais, ocorriam também, semanalmente, os ensaios das Instalações Pedagógicas com o caráter de simulação das Instalações, do que seria oferecido no evento a partir dos grupos e projetos do ambiente Teia e como oportunidade de todos os envolvidos no evento poderem questionar e dar sugestões para que as Instalações conseguissem envolver, de fato, o público.

Paralelamente às reuniões gerais, e aos ensaios das Instalações Pedagógicas aconteciam as reuniões individuais de cada Grupo Operacional de Trabalho (Comissões de Trabalho) semanalmente em espaços variados da UFV e em horários combinados conforme a disponibilidades de seus membros.

Os ensaios das Instalações Pedagógicas, ou seja, a preparação do que seriam as Instalações para a Troca de Saberes, aconteceram nos ambientes da UFV onde ocorriam os projetos de extensão e na Casa dos Movimentos Sociais. Os ensaios contavam com a ambientação do local e com a metodologia do Círculo de Cultura para as discussões dos temas abordados.

Esses ensaios aconteceram em vários espaços da UFV, dentre eles: a Casa dos Movimentos Sociais na Villa Gianetti, o Museu de Solos e o MATAGAO. Esses espaços apresentaram a ornamentação com trabalhos artísticos e manuais e reflexões atreladas aos mesmos, objetivando a reflexão e informação dentro dos eixos temáticos do Programa. De modo interativo com os participantes os espaços ofereciam materiais e discussões que instigavam os envolvidos e visitantes à reflexão e intervenção no local. Esses momentos se destinavam não só a uma forma de convite à participação da comunidade acadêmica, mas

como momentos de aprendizado coletivo para todos os estudantes envolvidos na Troca de Saberes.

Durante as reuniões gerais que aconteceram no Departamento de Educação, destacava-se um caráter mais prático, *uma práxis* na qual se pensava demandas materiais e construíam-se condições materiais cotidianas para a elaboração dos espaços, das estruturas e de meios de comunicação com as pessoas envolvidas no evento.

Nas reuniões gerais para a Troca de Saberes as preparações e ornamentação dos espaços, e as demandas por condições materiais para a realização do evento se constituíram em uma série de atividades práticas. De maneira que o papel da *consciência prática* dos estudantes nesse momento foi o de traçar e idealizar os atos práticos, as tarefas de cada Grupo Operacional ou Comissão de Trabalho. Os graus de consciência que os estudantes tiveram dessas atividades práticas foram variados e incalculáveis. Mas a *práxis* enquanto transformação da realidade oscilava entre os níveis: criador e imitativo, pois dentro das criações feitas pelos estudantes sempre havia resquícios de algo já pensado anteriormente em outras Trocas de Saberes.

Além das demandas materiais apontadas acima, nas reuniões já se instigava outras preocupações como: o que as pessoas conseguiriam apropriar da Troca de Saberes? Quais as possibilidades de popularizar a agroecologia? Qual a necessidade de se ter a memória (relatoria, registro) do que seria a Troca de Saberes 2013? Qual seria a articulação que o evento faria com a matriz do curso de Licenciatura em Educação do Campo, naquele momento ainda em gestação na UFV. Posto isto, por detrás das consciências práticas dos estudantes, houve em maior e menor grau, uma consciência da práxis.

Os questionamentos acima se moldavam enquanto preocupações no ambiente Teia para o evento, contudo, não foi meu objetivo responde-las diretamente nesse trabalho, mas sim demonstrar como o evento se constitui na ampliação de alguns “fios das teias” do Programa.

O mês de setembro foi de intenso trabalho no espaço do gramado da UFV, próximo ao Diretório dos Estudantes e da Reitoria, onde aconteciam, em mutirão, as montagens das tendas e das estruturas de bambú para compor ambientes diversos no evento.

Todo o trabalho em conjunto foi regado de um clima de amizade, troca aberta de ideias e empolgação dos estudantes e do coordenador do Programa.

As reuniões gerais e a organização do trabalho pelas Comissões se estenderam durante os meses de maio, junho, julho, agosto e setembro e, finalmente o evento aconteceu nos dias 13, 14 e 15 do mês de setembro de 2013.

O primeiro dia do evento, dia 13 de setembro, foi de intenso trabalho para as comissões organizadoras, pois havia muitas pessoas chegando as quais precisavam se acomodar nos alojamentos da UFV e ajustar detalhes de última hora de suas inscrições.

Compuseram o local mais de 220 representantes das comunidades de: Acaica, Carangola, Catas Altas, Caxambu, Conceição de Ipanema, Desterro do Melo, Diogo Vasconcelos, Divino, Ervália, Espera Feliz, Goianá, Guidoal, Jequeri – Escola Família Agrícola, Manhumirim, Muriaé, Pedra Dourada, Rio Doce, Rio de Janeiro, Santa Barbara e Sem-Peixe.

Foi perceptível na Troca de Saberes, enquanto ação do Teia, a permanência de um trabalho norteado pelos eixos temáticos do Programa os quais são sustentados pela Agroecologia com **estratégias metodológicas** que extrapolam o evento, sendo imprescindíveis para a construção de outros espaços ligados à ação do Programa, os quais se somaram como ações conjuntas.

A metodologia da Troca de Saberes se baseia no Dragon Dreaming, ou sonho do dragão, que é uma ferramenta que libera a sabedoria coletiva visando transformar sonhos em realidade a partir de concretização harmoniosa e sustentável, passando pelo sonhar, organizar, agir/fazer e celebrar. Disponível em:
<http://198.154.206.184/~pagina13/reconquistaraune/?p=571>. Acesso em 20 de jul. de 2014.

A **participação** das comunidades e dos movimentos culturais e locais da região da Zona da Mata Mineira no evento da Troca de Saberes gerou aproximação, mas também impasses entre as diferenças dos saberes dos sujeitos envolvidos.

Neste sentido, pode-se associar esse fato às reflexões de Santos (2002), quando aponta na *razão indolente*, *vários modelos de razão*, com eles o autor tece uma crítica ao modelo de racionalidade ocidental, apontando quatro manifestações diferentes de razões que colaboram para o distanciamento dos saberes dos sujeitos: *razão impotente*, *razão arrogante*, *razão metonímica* e *razão proléptica*.

... a razão imponente, aquela que não se exerce porque pensa que nada pode fazer contra uma necessidade concebida como exterior a ela própria; a razão arrogante, que não sente a necessidade de exercer-se porque se imagina

incondicionalmente livre e, por conseguinte, livre da necessidade de demonstrar a sua própria liberdade; a razão metonímica, que se reivindica como a única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidade ou, se o faz, fá-lo apenas para as tornar em matéria-prima, e a razão proléptica, que não se aplica a pensar o futuro, porque julga que sabe tudo a respeito dele e concebe como uma superação linear e infinita do presente (SANTOS, 2002, p. 239-240).

De modo que a *razão indolente* assume essas quatro formas de razão, de acordo com o contexto e nada mais são do que manifestações diferentes de ser pensar o real no crivo da racionalidade ocidental.

Durante a Troca de Saberes, também foi perceptível essas razões, o que gerou algumas vezes um distanciamento entre os saberes dos sujeitos envolvidos no evento. Sendo assim, pode-se dizer que alguns dos distanciamentos entre os saberes na Troca de Saberes residem, entre, outros fatores: no *tempo*; na *tradição*; na *linguagem* e na *comunicação*.

Sobre o ***tempo e a tradição***, durante o evento, nas trocas de saberes propostas entre os jovens, os adultos e os idosos das comunidades participantes houve certas resistências. Os jovens das diversas comunidades não demonstravam envolvimento ao se verem diante das experiências de vida dos mais velhos e das tradições de suas comunidades. A falta de interesse dos jovens, em parte, pode ser explicada pelo fato dos mesmos constituírem um público que em busca de melhores condições de trabalho e de vida ausentam-se ou pretendem se ausentar muito cedo de suas comunidades e, portanto, acabam por perder o interesse pela cultura de seus locais de origem. A procura dos jovens por oportunidades de trabalho manifesta-se na busca por conhecimentos que os qualifiquem para tais oportunidades, o que torna estes conhecimentos legítimos em comparação aos conhecimentos tradicionais.

Em Santos (2002) a ***indolência da razão*** se manifesta na transformação dos interesses hegemônicos em verdadeiros. Por conseguinte, pode-se associá-la à busca, de modo predominante entre os jovens, por conhecimentos profissionais os quais possam ser convertidos em capital, opções de consumo e padrões de vida hegemônicos encontrados em especial nas grandes cidades. Posto isto, em virtude da valorização dos conhecimentos hegemônicos, há em contrapartida, a desvalorização das experiências dos sujeitos. O olhar que vê uma pessoa cultivar a terra com a enxada não consegue ver nela senão um camponês pré-moderno, entretanto, neste olhar se esconde uma hierarquia a superioridade de quem estabelece o tempo que determina a contemporaneidade (SANTOS, 2002).

Ainda no tocante às *experiências*, o *tempo*, numa visão de linearidade e progressão, predominante na sociedade, afeta os jovens, os quais acabam por desvalorizar o passado de

tradições de suas comunidades em vista das inúmeras possibilidades de vida que prometem se concretizar no tempo futuro.

Esses jovens detêm maior atenção à uma perspectiva de valorização do modo de vida “urbano” em detrimento do rural ou do campo.

Por consequência, “a contração do presente esconde, assim, a maior parte da riqueza inesgotável das experiências sociais no mundo.” (Santos, 2002, p. 245).

De modo inverso à primeira situação, houve também o distanciamento dos adultos e idosos em relação aos jovens, na medida em que há nos primeiros uma resistência no que diz respeito à *mudanças das rotinas*, apontada por Santos (2002) na *indolência da razão*. Tal resistência se dá, segundo o autor, na dificuldade de aceitação e compreensão do novo, do atual, compreendendo-o, assim, como fato a-histórico, que não pertence a um passado vivido, aos costumes e à tradição. Este distanciamento temporal, que desencadeia em um distanciamento comunicativo, dificultou, portanto uma abertura maior ao *diálogo* entre os sujeitos durante o evento da Troca de Saberes 2013.

Anteriormente e concomitante ao evento da Troca de saberes 2013 o desafio do *diálogo* e da linguagem continuou inerente às ações dos projetos do ambiente Teia e também durante as visitas dos estudantes universitários às comunidades atendidas. Neste sentido, o *diálogo* é um constante desafio, na medida em que ele é a ponte principal para a troca de saberes, para o acolhimento dos estudantes pelas comunidades, para o envolvimento dos sujeitos sociais nos projetos de extensão, bem como da participação dos mesmos no evento Troca de Saberes.

As apresentações artísticas, durante o evento, por sua vez, se constituíram enquanto fortes *ferramentas metodológicas* por gerarem a polissemia e a possibilidade dos saberes trocados.

Outro desafio constante observado foi a tentativa de diminuir a distancia entre a Universidade e a Sociedade por meio da Extensão:

A Troca de Saberes tem feito parte deste processo e permitido diminuir o hiato existente entre a universidade e os movimentos e organizações sociais do campo restabelecendo outros vínculos com a comunidade acadêmica e até mesmo com a Semana do Fazendeiro. As ações favorecem o restabelecer de um outro direcionamento das atividades de ensino-pesquisa-extensão da UFV (LOPES, et., al. 2013, p. 4).

Em meio ao desafio de diminuir as distancias com a sociedade, uma das mais importantes programações do evento aconteceu durante o segundo dia, 14 de setembro: a

“Mesa das Adversidades e Diversidades da Zona da Mata Mineira”. Durante esta mesa de debate conduzida por um professor da UFV, foi exposto um mapa sobre as Diversidades e Adversidades da Zona da Mata Mineira²⁸. O objetivo foi dividir as pessoas presentes em grupos de debate, em cada grupo haveria um estudante para conduzir o debate entre pessoas advindas de diferentes comunidades.

A mesa debate aconteceu na tenda principal, momento no qual a maioria dos jovens estava bem dispersa. O motivo da dinâmica era conhecer melhor o território da Zona da Mata Mineira, e nesse sentido se entendeu por “território” o espaço vivido, experienciado e transformado pelas pessoas e não uma mera conceituação política administrativa do governo. A ideia era conhecer as diversidades (atividades culturais, experiências em agroecologia, educação, acesso a políticas públicas, etc) e as adversidades (conflitos territoriais causados, por exemplo, pela mineração, ou uso intenso de agrotóxico) da Zona da Mata.

Para melhor explicar como se daria a dinâmica, o motivo e o resultado final do debate, o professor, exemplifica com o trabalho realizado antes da Caravana Agroecológica da ZM-MG, em que foi mapeado algumas diversidades e adversidades. Enquanto ele vai falando das experiências e o estudante demonstra no *Google Earth*²⁹ projetado num telão a localização das mesmas.

Dentre as diversidades, alguns exemplos são: experiências com educação (EFA's, Universidade, Instituto Federal); produção agroecológica, trabalhos quanto à questão de Gênero (Nesse momento o professor ressalta a importância da Mulher na agroecologia logo após citar a propriedade de um dos agricultores e não tocar no nome da esposa do agricultor);

²⁸ A Zona da Mata está inserida no Bioma da Mata Atlântica, a 5ª entre as 25 reservas de biodiversidade mais ameaçadas do planeta - os chamados “hotspots” (Myers, 2000). Este estado de degradação demanda medidas urgentes de restauração e recuperação do bioma, o que passa necessariamente pelo desenvolvimento de agroecossistemas mais sustentáveis. Dois parques importantes estão localizados na Zona da Mata: o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro (PESB) e o Parque Nacional do Caparaó (PARNA-Caparaó). (Caderno do participante – ENA, 2013, p. 6).

²⁹ Google Earth é um programa que possibilita visualizar imagens do planeta, lugares, terrenos, construções e até mesmo algumas ruas diretamente no seu computador. Todo o conteúdo geográfico é confeccionado com imagens feitas via satélite, trazendo a representação fiel de como são determinados pontos do nosso planeta. A visualização é feita em um globo virtual, no qual é possível acessar qualquer lugar do mundo para obter informações sobre as cidades e suas características de terreno. Da mesma forma, você também pode explorar o céu, o oceano ou até mesmo visitar a Lua e o planeta Marte. Disponível em: <http://www.baixaki.com.br/download/google-earth.htm>

experiências com saúde (homeopatia, plantas medicinais, etc); organização dos produtores(as); acesso à terra (assentamentos, compra coletiva, crédito fundiário); sistemas agroflorestais; acesso a políticas públicas e a crédito; radio comunitária; construção da identidade (áreas quilombolas);

As adversidades apresentadas foram: uso de agrotóxicos (espalhado por todo o mapa); mineração (exploração de bauxita na face leste da Serra do Brigadeiro); mineroduto; barragem hidrelétrica.

Finaliza-se esse momento no palco com palmas e outro professor da UFV pega o microfone e explica a dinâmica do próximo espaço. Cada pessoa recebe uma fita colorida que indica a qual grupo irá pertencer. As pessoas vão achando seu grupo e encaminhando para um lugar em que possam sentar fazer a dinâmica acontecer.

No grupo ao qual me conduzi para o debate havia 17 pessoas, entre elas, eu, um professor do Departamento de Educação e um estudante da Pós-Graduação. Sentamos em roda no gramado do lado de fora da Tenda principal da Troca de Saberes.

O estudante coordenou a discussão deste grupo enfatizando os pontos positivos e negativos, ou seja, as diversidades e adversidades que seriam apontadas pelos participantes nas suas respectivas comunidades.

O estudante explicou a todos a dinâmica da roda que consistia num Círculo de Cultura em que cada pessoa se apresentava, e em uma tarjeta, escrevia sobre a sua região e o ponto positivo e negativo da mesma. Após a escrita dos participantes, as tarjetas foram postas no centro do círculo e Martin recolheu uma a uma citando o nome do participante e as palavras escritas na tarjeta.

A roda seguiu e os pontos positivos seguem:

Pontos Positivos:

- a) A Homeopatia:** benefícios da prática em uma EFA, inclusive na substituição do uso de agrotóxicos; **b) A abertura do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na UFV;** **c) Bolsa verde em Espera Feliz, MG:** é uma iniciativa positiva para o combate ao desmatamento; **d) Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata - CTA e famílias:** Em Acaiaca na EFA Paulo Freire havia a necessidade das famílias da comunidade trocarem informações entre si. Observou o papel do CTA enquanto ponte entre as famílias para a troca de informações; **e) A importância da valorização dos rios em Minas Gerais:** ênfase em recuperar as histórias dos rios de Minas

intimamente ligadas as histórias dos povos puris, pois em Visconde do Rio Branco (MG), por exemplo, os rios são desrespeitados e por isso, fragmentados, cercados, ocorrendo problemas de alagamentos e de construções mirabolantes em suas margens.

Pontos Negativos:

- a) Mineroduto da Ferrous³⁰:** Preocupação com o mineroduto no que diz respeito à preservação da terra e da água e desrespeito à Área de Proteção Ambiental (APA³¹) em algumas regiões; **b) Agrotóxicos:** O participante demonstrou a preocupação com as pessoas que morrem em decorrência da utilização de veneno nas plantações; **b) Cultura popular:** a importância de se resgatar as festas populares, de se organizar clubes e várzeas, jogos de futebol e calendário cultural com as demais comunidades próximas que atendesse Acaiaca e região. **c) Ferrugem:** incidência de ferrugem na água da região, importância do tratamento do solo; **d) Parque Nacional do Caparaó, MG:** o fechamento do Parque Nacional do Caparaó para visitação; **e) Assentamentos:** os problemas dos assentamentos estão mudando a região em diversos aspectos; **f) Monocultura do café em Espera Feliz, MG:** Preocupação com a monocultura do café em vista do aumento do consumo de café industrializado nas pequenas cidades; **g) Desconhecimento da terra pelo agricultor:** o agricultor que não conhece a própria

³⁰ A Ferrous, empresa multinacional, projeta a construção de um mineroduto ligando Congonhas (MG) à Presidente Kennedy (ES) para escoar minério de ferro. Passando por 22 municípios, ele pretende percorrer cerca de 15 km em Viçosa (MG). O trajeto estabelecido pela empresa na passagem em Viçosa... atravessa justamente as áreas de mananciais de captação de água do município, o que pode comprometer substancialmente o abastecimento hídrico da cidade. Os mananciais atingidos serão o Ribeirão São Bartolomeu, Rio Turvo Sujo e Rio Turvo Limpo (...). A chegada da empresa Ferrous na cidade de Viçosa gerou uma série de conflitos, especialmente com as famílias que estão tendo suas propriedades atingidas. Disponível em: <http://campanhapelasaguas.blogspot.com.br/2013/07/a-vicosa-que-queremos-nao-tem-mineroduto.html>. Acesso em: 19 de jun. de 2014.

³¹ De acordo com a legislação ambiental brasileira, Área de Proteção Ambiental (APA) é aquela destinada à preservação dos recursos ambientais (fauna, flora, solo e recursos hídricos). Uma área de proteção ambiental pode apenas ter uso sustentável, ou seja, seu acesso, ocupação e exploração devem ser controlados para não prejudicar o ecossistema da área. As áreas de proteção ambiental podem ter posse e domínios público ou privado. Porém, cabe aos órgãos governamentais a fiscalização da ocupação e exploração destas áreas. Disponível em: http://www.todabiologia.com/ecologia/area_protecao_ambiental.htm. Acesso em 19 de jun, de 2014.

terra, e por isso, recorre à compra de agrotóxicos para atender as necessidades de sua propriedade, sendo preciso conhecer e valorizar a terra para entender as suas necessidades e conseguir atendê-las com produtos naturais; **h) Nascente do rio Paropé:** preocupação com a importância das nascentes, a escassez atual das nascentes, da água e dos rios que viraram esgoto.

Ao final desta dinâmica, todos os grupos se desfizeram, as pessoas se direcionaram novamente para o palco e uma pessoa por grupo ia ao microfone com um cartaz apontando quais foram as diversidades e adversidades do grupo que participou. Por fim, as anotações foram recolhidas e atualmente estão compondo este mapa que pode ser encontrado para acesso público na internet.

Outros momentos de envolvimento se deram em torno de outras programações diferenciadas. Os estudantes e as comunidades envolvidas, mesmo que de forma inconsciente, ao embalarem os corpos nas danças afro-brasileiras ou na roda de capoeira, ao principiarem o diálogo nas comunidades antes, durante e depois do evento, ou ao disponibilizarem ferramentas e conhecimentos do campo e do meio agrícola, puderam se perceber (acadêmicos ou populares), em certa medida, envolvidos por diversos tipos de saberes, de fazeres locais e dos costumes e relações das comunidades presentes.

Enquanto um paradigma de conhecimento, **trocar saberes** é inevitável e ao mesmo tempo eminente nas ciências e nas sociedades atuais.

...o aumento da participação dos cidadãos para manejar questões técnicas tem transformado qualitativamente o diálogo entre os cidadãos e cientistas e tem levado estes últimos a integrar nas suas agendas científicas, conhecimentos que antes eram considerados irrelevantes... Quando soluções técnicas se chocam com o conhecimento prático e a experiência sociocultural dos cidadãos envolvidos e esse choque é politizado via mobilização organizada dos cidadãos, é frequente que essas soluções acabem por ser questionadas por outros cientistas e técnicos, dando, assim, testemunho da pluralidade interna da ciência... (SANTOS, 2005b, p. 56)

E eis que surge a pergunta neste contexto: o que é o saber no evento da Troca de Saberes?

Na Troca de Saberes, os saberes acadêmicos, populares e agroecológicos, são também individuais, coletivos, particulares, culturais, tradicionais, étnicos, científicos, acadêmicos, regionais, artísticos, populares, etc., *mas se constituem em saberes na medida em que ganham*

significação a partir dos sujeitos envolvidos. De modo que, todos disseminam direta ou indiretamente algum saber na Troca de Saberes.

O movimento agroecológico da Zona da Mata (MG) tem buscado implementar um processo educativo orientado pelo resgate e pela valorização dos saberes populares, em uma dinâmica marcada pelo entrelaçamento dos saberes populares e científicos na produção de conhecimentos novos, úteis e compartilhados: os saberes agroecológicos. (LOPES, 2013, et., al., p. 4)

Um saber ao ser disseminado já não é mais o mesmo, pois a medida que alguém o disseminou este saber ganha uma carga de subjetividade e na medida que alguém o “recebeu” também registrou nesse saber a sua carga de subjetividade.

Para compreender quais são estes saberes é necessário se ter em vista a concepção que todos os sujeitos são seres de conhecimento, sujeitos imersos no ato de conhecer e, não meros aprendizes ou mestres em *relações depositárias e verticais*.

Esta postura nega a existência daquele que sabe algo, que detém algum tipo de conhecimento implica a existência daquele que não sabe algo, que necessita de saber e que, portanto, depende daquele que sabe. Todos sabem algo que o outro desconhece, pois cada ser é individual, tem a sua particularidade ao olhar o cotidiano, ao desvelar aquilo que se chamou de ciência e de sociedade, cada sujeito é o inédito, é a leitura de um mundo.

A escuta sensível, neste sentido é, uma das estratégias metodológicas do evento, e um dos frutos da interação e diálogos entre a universidade e a sociedade, ao dar voz aos/as agricultoras(es), de maneira que as demandas por eles levantadas se transformem em objeto de pesquisa e investigação.

A *indissociação entre extensão-pesquisa-ensino* é outro elemento que se conecta com as estratégias metodológicas utilizadas, sendo imprescindível para o fazer ciência explicitado com a Troca de Saberes.

Pensar a Troca de Saberes é mais do que pensar ***trocacotidianas*** entre sujeitos que estão “dentro” ou “fora” da Universidade, é construir e ao mesmo tempo desconstruir as relações que historicamente a Universidade se propôs, refletiu, ou ainda almeja travar com o universo, ou seja, com o conjunto dos sujeitos no espaço-tempo infinito.

O direito ao espaço-tempo e suas infinitas possibilidades de acesso ao universo pode ser encontrado na proposta de Santos (2002), de uma *racionalidade cosmopolita* na qual seja expandido o tempo presente e contraído o tempo futuro para criar um espaço-tempo que valorize a inesgotável experiência social atual.

A Troca de Saberes, se volta para este cenário de contradições e se faz enquanto pergunta aos sujeitos que se encontraram numa tenda central no campus da UFV. Nesta tenda, de modos circulares, seja em círculos de cultura, em rodas de conversas, de danças e ou de capoeira, as pessoas se encontram com diversas finalidades dentre elas: a de construir uma universidade que seja, de fato, do povo, e com o povo.

1.5 A Comissão de Comunicação da Troca de Saberes 2013

Minha participação na Troca de Saberes foi como membro da Comissão de Comunicação, o que não se deu apenas no dia do evento, mas nas reuniões gerais com todos os interessados em construir coletivamente o evento, bem como nas reuniões da própria Comissão de Comunicação, da qual participei na organização e planejamento das estratégias que seriam utilizadas para captar os registros do evento.

Além das reuniões preparatórias para o evento, participei dos Ensaios das Instalações Pedagógicas a serem oferecidas e das reuniões da Comissão de Comunicação.

Foi perceptível durante a concepção do evento a maior participação de alguns estudantes, em comparação a outros, devido a fatores como: envolvimento maior nas atividades dos projetos ou parcerias que participam dentro do ambiente Teia; familiaridade com o evento da Troca de Saberes devido à participação em anos anteriores; e vivência e contato constantes com comunidades participantes do evento. De modo que, é perceptível nesta pesquisa, ao fazer a análise sobre a percepção dos estudantes com relação as ações do Programa, resultados muito variantes e singulares.

Na Comissão de Comunicação, fui responsável, juntamente com outros participantes pela organização de toda a equipe de registro para evento. Foi a primeira vez que participei da Troca de Saberes em toda a minha trajetória acadêmica, ou seja, tanto como pesquisadora, quanto como participante. Meu trabalho junto a Comissão de Comunicação na semana anterior ao evento foi de refletir junto aos membros, de maneira mais específica, como seriam as estruturas das relatorias.

Para o meu trabalho junto à Comissão de Comunicação, além dos estudantes ligados ao Programa Teia, foram selecionados estudantes da UFV, que não eram do Programa, mas que tinham interesses em aprimorar as técnicas de relatar, para participarem da equipe de registro. De modo que ao responderem ao chamado como voluntários para o registro,

chamado esse que aconteceu devido à necessidade de um número maior de pessoas que garantisse o registro de todos os espaços sem sobrecarga de tarefas, os sujeitos foram escalados em horários diversificados a fim de relatar o máximo de espaços possíveis conforme a programação da Troca de Saberes. Esses horários foram disponibilizados via rede social do Facebook, para consultas, negociações e trocas de horários entre os relatores.

O curso de relatoria tinha como objetivo despertar o olhar dos estudantes para o registro, demonstrando maneiras diversas de se relatar, bem como uma apresentação breve dos tipos de relatoria existentes e modelos de perguntas a serem respondidas, conforme os espaços a serem relatados. O curso e seu conteúdo compôs um convite para o exercício de reflexão dos estudantes sobre aquilo que se faz e do que acontece na Troca de Saberes. A Comissão de Comunicação, além de organizar a equipe de registro, também se debruçou no exercício de registrar seja em forma de relatorias, fotos ou vídeos.

O registro na modalidade escrita foi uma atividade um tanto delicada, o grupo de estudantes desvincula esta prática coletiva da maioria de suas experiências. Houve ausência de uma metodologia sistemática em relação à organização das pessoas e dos modos de registro dos acontecimentos que não atrapalhassem os estudantes no sentido de aproveitamento das experiências proporcionadas pelo evento.

Durante meu envolvimento junto a Comissão de Comunicação, o desafio nesse trabalho foi o de mobilizar relatores para a equipe, ou seja, garantir o maior número possível de espaços relatados, com o máximo de diversidade de olhares sobre o evento e suas dimensões. No entanto, o referido trabalho revelou outro desafio: o de envolver, de fato, os relatores com o trabalho de relatoria.

A utilização convencional da prancheta e anotações descritivas e incessantes não era o objetivo dos registros e nem tampouco condizem com a pesquisa-ação, metodologia utilizada pelo Programa. Entretanto, ainda faz-se necessário aprofundar a pesquisa-ação enquanto ferramenta metodológica do Programa para que a observação da experiência não seja dissociada da própria experiência, o que se pretende, por conseguinte é que o estudante seja alguém que troca experiências e não somente as observa e assimila. O registro na modalidade escrita na Troca de Saberes de 2013 e nas demais ações do Programa ainda é um desafio.

Durante a pesquisa-ação, estar na Comissão de Comunicação e compor a equipe de registro me proporcionou uma nova dimensão sobre a minha pesquisa. Essa nova dimensão se deu a partir da organização das pessoas no que diz respeito ao envolvimento com o trabalho de registro.

Enquanto pesquisadora estive diante também da mesma dificuldade no que diz respeito ao registro das reuniões do Programa Teia e do evento da Troca de Saberes. Desafio este que se dá no distanciamento necessário do observador com relação à realidade, pois dentro de uma realidade não se é apenas um observador, mas se compõe um cenário de interações nas quais se é constantemente convidado a participar. Lidar com o exercício de atuar na realidade e ao mesmo tempo se distanciar em momentos de reflexão foi um acontecimento permanente e, portanto, inerente à minha trajetória no Programa Teia e também à trajetória dos demais integrantes.

O registro dos acontecimentos com olhares diversos foi minimamente feito por algumas pessoas. Contudo, a maioria dos registros não possuíram reflexões mais profundas que cumprissem um papel mais crítico e de significação maior das experiências pelos participantes. Foram poucos os relatos dos estudantes envolvidos, bem como o registro de apontamentos de lacunas e de objetivos futuros a serem alcançados para a constituição de novas experiências.

Porém, as sociedades mesmo de modo desagregado, ou seja, sem fazer conexões e reflexões mais profundas de suas atividades com as perspectivas ideológicas, pensam suas próprias atividades práticas com uma mínima perspectiva nas relações que as mesmas travam com os aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos.

O homem comum e corrente é um ser social e histórico... Sua própria cotidianidade está condicionada histórica e socialmente, e o mesmo se pode dizer da visão que tem da própria atividade prática. Sua consciência nutre-se também de aquisições de toda espécie: ideias, valores, juízos e preconceitos, etc. Não enfrenta nunca um fato puro; está integrado em uma determinada perspectiva ideológica, porque ele com sua cotidianidade histórica e socialmente condicionada – encontra-se em certa situação histórica e social que engendra essa perspectiva. Por conseguinte, sua atitude diante da práxis já implica em si uma consciência do fato prático, ou seja, certa integração em uma perspectiva que vigoram determinados princípios ideológicos... Portanto uma consciência comum da práxis não está esvaziada, completamente, de certa bagagem teórica, ainda que nela as teorias se encontrem degradadas (VÁZQUEZ, 2011, p. 34).

No entanto, se tal perspectiva não coloca homens e mulheres enquanto sujeitos que transformam uma realidade de maneira que mesmos reflitam sobre seus atos práticos, tal perspectiva, por conseguinte, não faz de suas atividades práticas, atividades sociais, de fato, transformadoras.

Em Nóvoa (1979, p. 11):

Este homem, “ser de relações”, vive uma pluralidade dentro da própria singularidade e tem uma quota crítica enquanto tal. Esta inserção no mundo não o leva a uma imanência, ao contrário: ao ser capaz de compreender, pode, também, transcender: A sua transcendência está, também, para nós, na raiz de sua finitude. Na consciência que tem desta finitude...

Para Freire se faz imprescindível a preocupação em entender a educação como instrumento de *conscientização*, para pensar a educação como instrumento de revolução cultural. A *conscientização* nada mais é do que reconhecer que no próprio ato de conhecer o mundo o homem conhece a si próprio e, assim, pode transformá-lo, de modo que a sua consciência é ação, ou seja, é *práxis* (BAUER, 2008).

Posta tais colocações, os estudantes envolvidos no Programa Teia, de fato, tem uma certa consciência dos fatos práticos, nos quais vigoram princípios ideológicos como a Agroecologia, posto isto, a consciência destes atos não está esvaziada de uma certa bagagem teórica adquirida ao longo de suas vidas e dentro da Universidade.

As experiências vividas pelos estudantes são resultado da interação entre suas singularidades e a cotidianidade construída nas comunidades e outros espaços proporcionados pelos projetos nos quais atuam. Há, por conseguinte, um desafio aos estudantes que se constitui no processo de captar a totalidade dentro da interação entre suas singularidades e pluralidades, e este desafio é ainda mais nítido pela incapacidade em se medir, entre eles, o grau de importância que delegam a tal reflexão.

Mas estes sujeitos que vivem pluralidades dentro de suas singularidades são convidados a transcender no real por meio da consciência e isto acontece em diversos níveis, os quais não podem ser medidos.

É na busca por esta contínua transcendência que a Extensão Universitária pode ser uma *práxis* no processo de *conscientização* viabilizada pelo *diálogo*, no sentido de Freire (2011). A Extensão Universitária só pode constituir-se em um instrumento no processo de conscientização se a consciência da transformação do mundo não reduzir tudo o que é relevante a modelos, como o colonialismo, por exemplo, ou “a própria fronteira entre o técnico e o social, uma fronteira móvel, que deve ser redefinida em função da situação e do problema, através das contribuições de todos os envolvidos.” Santos (2005b, p. 56).

A Troca de Saberes 2013, enquanto ação acompanhada do Programa Teia esboça a dificuldade em se medir o grau de envolvimento e de consciência dos estudantes sobre as suas próprias experiências.

É perceptível, desta forma que as práticas proporcionadas pela extensão universitária do Programa Teia/UFV em si possam transformar, em diversos níveis, as consciências dos sujeitos envolvidos. De forma que não se pode medir o grau de conscientização e os níveis de consciência dos sujeitos em relação às experiências que vivenciam. Apesar disso, a Extensão Universitária não é um fim, mas um meio, um instrumento de construção de possibilidades de conscientização e de transformação social, o que não pode ser negado. Mesmo porque, captar o movimento do real com o distanciamento necessário, sem sair de cena, é um exercício difícil. E tais dificuldades são perceptíveis dentro dos poucos registros redigidos coletivamente pelos estudantes com pouca profundidade das temáticas trabalhadas.

Contudo, mesmo os registros mais profundos não podem garantir que, por isso, há uma *consciência da práxis*, pois ela não se encontra na ação que transforma uma realidade, mas numa consciência elevada intrínseca a esta ação.

Interpretar não é transformar... Em suma, a práxis se apresenta como uma atividade material, transformadora e adequada a fins. Fora dela fica a atividade teórica que não se materializa... Mas, entretanto, não há práxis como atividade puramente material, isto é, sem a produção de fins e conhecimentos que caracteriza a atividade teórica (VÁZQUEZ, 2011, p. 238-239).

Diante das diferenças entre os tipos de *práxis*, a atividade teórica puramente, e mesmo os registros redigidos pelos estudantes, não são, sozinhos, transformadores da realidade local, ainda que sirvam de instrumento para a modificação de ideias dos homens e mulheres.

O papel dos registros atuais do Programa possui mais predominantemente um caráter de acúmulo da *aprendizagem coletiva e de partilha de experiências para a formação acadêmica*. De maneira que, o processo de acúmulo da *aprendizagem coletiva* se dá principalmente mais pelas práticas disseminadas dos eventos anteriores que influenciam a construção da ação posterior e, em menor grau, pela reflexão profunda do próprio ato de conhecer o mundo para conhecer a si próprio e, assim, poder transformá-lo, de modo que a consciência é ação, ou seja, é *práxis*.

De maneira que a ausência de um número maior de registros mais profundos dos estudantes não significa, portanto, a ausência total de *práxis*, mas pode estar ligada à dificuldade dos sujeitos de compreender que as suas ações produzem fins e conhecimentos que caracterizam a atividade teórica e as relações entre o subjetivo e o objetivo.

Neste capítulo, algumas dessas categorias: *ferramentas metodológicas, pesquisa-ação, diálogo, trocas de saberes, experiência dos sujeitos e escuta sensível* trouxeram contribuições para a identificação de algumas das formas que a *práxis* assume no Programa Teia/UFV.

A experiência com relação aos registros demonstrou o meu desafio e o desafio dos estudantes de captar o movimento do sem sair de cena, contudo a extensão universitária realizada no Programa se constitui em um instrumento de possibilidades de conscientização e de transformação social.

2. AÇÕES E PERSPECTIVAS NO TEIA/UFV

Este capítulo se trata de uma análise feita através dos discursos de 5 entrevistados, que por questões éticas tem nomes fictícios (2 professores: *professora Maria e professor José* e 3 estudantes: *Ana, Antônio e Renato*).

Sobre os estudantes, seguem os projetos dos quais eles são integrantes:

Ana – Projeto Micorriza

A integrante participou do projeto Gengibre e do projeto EIV antes de sua inserção em 2013 no projeto Micorriza, inserção esta alguns meses antes da Troca de Saberes 2013 com o intuito de pensar e elaborar uma apresentação do grupo no evento. A estudante é responsável por representar o Micorriza no Teia. O Micorriza é um grupo de estudos e de práticas corporais, integrado à Agroecologia.

O grupo foi criado para estudar práticas que trabalham com o corpo, a memória corporal, as tradições e a Agroecologia. A formação do grupo no que diz respeito aos integrantes é transitória bem como no Programa Teia. Muitas pessoas passam pelo grupo, fazem alguma participação durante um período, tais participações, às vezes, pontuais. Na apresentação elaborada para a Troca de Saberes foram trabalhadas algumas ideias como: o que é o parto natural; o que significam as micorrizas dentro do solo; as lutas pelas sementes crioulas; a discussão da cultura, ou seja, de ser tudo o que está acima e abaixo do solo, relacionando essa questão também com a memória que cada ser, pois cada indivíduo se apresenta como aquilo que é externamente e como aquilo que está subterrâneo.

Renato – Projeto Cursinho Popular Tecendo Sonhos de Espera Feliz

Segundo o integrante o projeto está ligado ao histórico da Agricultura Urbana em Viçosa, MG e aos movimentos sociais ligados a Educação do Campo, sendo um projeto que existe desde 2004 e que necessita do apoio de outros projetos.

Segundo Renato, o Cursinho dentro do Programa proporciona uma *formação diferenciada*, por meio do *diálogo*, das *vivências* dos estudantes que vem para a universidade e passam uma semana dentro do campus antes de ingressar no contexto de estudante universitário. Renato ressalta a importância das reuniões do Teia enquanto um aspecto da formação diferenciada, por terem o papel de problematização sobre o papel dos projetos e a relação de solidariedade necessária dos projetos entre si. Contudo há a perspectiva no projeto da garantia de uma bolsa que garante a permanência de Renato na universidade

O Cursinho Tecendo Sonhos tem o papel de ser um cursinho popular pré-vestibular, para os estudantes, na maioria filhos de agricultores, agricultores familiares de Espera Feliz, ligados ao Sindicato com o objetivo de que tentem o vestibular da Universidade Federal de Viçosa e de outras instituições. Para além, existe o papel da formação, o Cursinho tem os espaços das aulas e seminários que problematizam: o que é Agroecologia; O que é Educação Popular; O que é Movimentos Sociais; O que é Sindicalismo.

Esses fazem com que os estudantes tenham contato com a vivência universitária, o que é preponderante para oportunizar o fazer a própria escolha. Há estudantes que vem e escolhem fazer o vestibular, e outros que decidem ficar em suas comunidades.

As vivências são importantes por oportunizarem o direito de fazer o vestibular ou de escolher ficar em suas comunidades ajudando os pais e cuidados da terra.

De maneira que a escolha de estar no campo, é um direito a um modo de vida que deve ser valorizado como qualquer outro. Estar na Universidade e estar no campo tem o mesmo valor. São coisas distintas, mas estabelecem um diálogo. Posto isto, o projeto trabalha com a valorização da vida do campo e a importância da Educação do Campo. Os estudantes que frequentam o cursinho são em sua maioria estudantes que estão terminando o Ensino Médio, entretanto a proposta engloba alunos que se afastaram do estudo oportunizando a eles o estudo novamente.

Antônio - Cooperativa de Alimentação Cooperativa em Agroecologia (OCA).

Antônio faz parte da Cooperativa há um ano e meio. Começou seu trabalho em 2012 com um grupo de mais ou menos oito pessoas recém-formadas na Universidade Federal de Viçosa e ligadas ao ambiente Teia. A cooperativa hoje é uma cooperativa de trabalho na qual há uma formação possibilitada pelo Teia: de articular projetos; de criar redes; de criar parceiros. A Cooperativa não tem o princípio de renda, se diferencia por não ter uma pessoa, um dono, todas as pessoas são donas, pois cada um compra uma cota da cooperativa.

A cooperativa é uma forma de trabalhar com os conceitos de formação e de Agroecologia em Viçosa.

O integrante relata que pessoalmente trabalhar na Cooperativa “foi uma demanda de formado, de ter uma concepção, um princípio com a vida... de trabalho... eu me senti aconchegado com esse lugar... de dar continuidade...”

2.1 As trajetórias dos membros e os pressupostos do Programa Teia/UFV

A resposta dos entrevistados à primeira pergunta “***Qual foi a sua trajetória até chegar ao Programa Teia?***” demonstra o quanto a **trajetória** foi primordial para a inserção enquanto membros do Programa e está intimamente ligada à *relações de amizade, à interesses comuns e afinidades nas lutas sociais vivenciadas pelos integrantes*.

A **professora Maria**, coordenadora e uma das idealizadoras do Programa afirma que o surgimento do Teia se deu com a necessidade sentida por várias pessoas de se **articular projetos de extensão** dos quais eram integrantes, projetos estes que tinham questões temáticas em comum:

... O que me inspirou foi ajudar a articular, a criar o Teia. E aí, o que é que inspira é a necessidade de fazer a articulação entre os projetos de extensão que tinham mais ou menos questões em comum. Então, isso sempre foi uma necessidade sentida pelas pessoas que trabalham com a extensão na universidade que tinham projetos com relação: ao meio ambiente, à construção do conhecimento, à educação popular, à articulação com as comunidades. Então, esse conjunto de projetos, de pessoas, a gente sempre sentiu a necessidade de fazer a articulação entre os projetos, isso que é um programa: a articulação de professores que trabalhavam com esses projetos.

Cada projeto de extensão em sua individualidade pode ser associado a um determinado tipo de *práxis*, no seu fazer cotidiano, pois cada projeto se constitui em uma determinada transformação da realidade.

Essas individualidades que são os projetos, em um determinado momento encontraram, através de seus integrantes, temas em comum, os quais em articulação formaram eixos temáticos que sustentam as teias do Programa Teia.

A necessidade conjunta, em articular projetos, sentida pela equipe de professores e estudantes pode ser associada a **conscientização**, que implica um processo de superação de uma *consciência prática*. A **consciência da práxis** pode contribuir para a atividade real, material, e com isso elevar a consciência (prática) que nela se plasma. Pode-se dizer que a **consciência da práxis** vem a ser a *autoconsciência prática*, ou seja, a consciência que volta sobre si mesma e sobre a atividade material em que se plasma.

Posto isto, a *autoconsciência prática*, adquirida mutuamente entre os integrantes do que viria a ser o Programa Teia, com discussões em comum e na identificação de uma proximidade no fazer da extensão entre os projetos, pode ser considerada como a tomada de uma *consciência da práxis*.

Ao identificarem os pontos em comum entre os projetos e ao pensar a proposta de um programa de extensão que pudesse tecer o fazer extensionista entre esses projetos, os integrantes, para tanto, passaram a ter uma consciência mais elevada de sua atividade prática, uma consciência da *práxis*, que enriqueceu a atividade prática, gerando a necessidade de ferramentas metodológicas de articulação.

O **professor José** busca imprimir no Programa Teia, essa articulação de projetos por meio de uma *consciência mais elevada* na Extensão Universitária, ou seja, uma **consciência da práxis da Extensão Universitária** em nível local. Essa consciência é aquela que reconhece que é pela *articulação* entre os projetos que se farão tentativas permanentes de **conscientização** do papel social de cada projeto. O Teia, deste modo, se configura apenas no *ambiente* que dá condições para essa articulação, oferecendo **estratégias e ferramentas metodológicas** próprias para isso, como: **o diálogo, a ecologia de saberes, os círculos de cultura, as trocas de saberes entre o popular e o acadêmico**. Posto isto, essas conscientizações se dão no campo da **formação universitária** e na travessia desta com a **base social**.

Em sua fala o **professor José**, demonstra o quanto as suas **experiências** anteriores ao Programa foram importantes para a sua **formação**. Os estágios e as lutas das quais participou

integraram uma série de **vivências** que fundam os pressupostos do Teia/UFV. O professor cita sua participação, ainda na graduação, como coordenador do Conselho Indígena Missionário no Brasil, um estágio junto a Operação Anchieta e uma participação no grupo de estudos indígenas na Universidade Federal de Minas Gerais, onde fez sua graduação:

“A gente fomentava assembleias indígenas... foi um trabalho muito importante na minha formação como educador, como educador popular, enfim, como cidadão.”

Sua carreira enquanto professor de filosofia começa a partir de 1983, mais vinculado ao movimento ambientalista no Cinturão Verde de Belo Horizonte com uma perspectiva maior de defesa dos povos, surge ainda o trabalho na consultoria da Cemig para a construção de barragens, o que acabou por influenciar a luta em territórios quilombolas para o fortalecimento dos Movimentos dos Atingidos por Barragens em Minas Gerais no final dos anos 80 e início dos anos 90. Essa trajetória ganha outras ressonâncias a partir da inserção do **professor José** como professor na UFV

Foram nas *práxis*, ou seja, nas ações transformadoras da realidade, realizadas nas vivências que o **professor José** pôde adquirir um nível profundo de penetração de sua consciência nas ações, no caminho das lutas sociais. Enquanto um dos idealizadores do Programa Teia, a vivência dessas lutas tem relação com a proposta do Programa de ações transformadoras da realidade social.

Foram vários os momentos de tentativas de articulação de projetos antes do surgimento do Programa Teia, segundo o **professor José**:

...Chego numa universidade muito carente dessa dimensão do trabalho social... Mas, já em 96... no contexto da universidade tem uma experiência que nós chamamos de *Rótula*, porque a gente se reunia aqui nesta rótula aqui da Vila Gianetti. Então eram seis projetos vinculados à questão ambiental e a gente se reunia quinzenalmente pra gente trocar as nossas práticas. Durante o ano de 97 essa coisa foi muito legal, tinha gente da Biologia, dos Solos, da Educação, da Engenharia Sanitária, então, se conseguiu um ensaio do que depois se torna o Teia ... Então a gente passa o ano de 95 todo, e para as reuniões da comunidade eu consegui montar uma equipe de 50 estudantes da universidade, pra participar dessas reuniões como estagiários e a gente conseguiu o financiamento pelo CTA, pelo Ministério do Desenvolvimento, do Ministério do Meio Ambiente Então a gente pega esse financiamento pra fazer esse trabalho e vincula ele aos estudos sócio econômicos que vão ser realizados pra criação do parque... Com isso há também uma mobilização na universidade dos próprios estudantes e nos chamam para criar o Estágio Interdisciplinar de Vivência. Então passamos 95 dias nas comunidades e na universidade criando o projeto que hoje é o EIV. Parece que esse ano é o

décimo quinto ou o décimo sexto EIV – Estágio Interdisciplinar de Vivência. Então... janeiro de 96 já tem uma meninada da universidade fazendo o EIV junto dessas comunidades...

Posto isto, é na **travessia entre a base social e a formação universitária e na Ecologia de Saberes** que se funda a formação do professor José, bem como os pressupostos do Programa Teia. Nessa travessia identifica-se uma **práxis política, ou seja, uma atividade que toma por objeto não um indivíduo isolado, mas sim grupos sociais.**

Veja bem, estou tentando escrever um processo social que está lá na base da sociedade e outro processo social que é o de formação universitária que a gente buscou vincular fazendo essa travessia. Eu estou insistindo nisso, porque eu penso que essa ainda é uma lógica que a gente ainda tenta imprimir no contexto do Teia, muito embora a conjuntura seja outra.

A gente começar a perceber que o movimento de formação universitária, ele precisa ser um movimento que esteja vinculado a uma base social não universitária, que é o que de alguma forma, a gente vai encontrar na Ecologia de Saberes: essa inversão dessa lógica assistencialista, dessa lógica de prestação de serviços para uma construção de um outro campo mais dialógico, enfrentando outro padrão de conflitos, não somente a legitimação da Universidade.

Ainda sobre o surgimento e pressupostos do Programa, segundo a **professora Maria**, foi fundamental para o surgimento do Programa o desejo de articular projetos e de trabalhar de modo articulado, entretanto, necessitava-se para tanto de **políticas de apoio à Extensão Universitária**, as quais, somadas a outros fatores, tiveram um papel primordial no processo de construção do Programa. De maneira que o desenho da proposta do Programa contava com aprovação do Governo Federal para que se tivesse um recurso financeiro para sua realização.

Entre o grupo sempre existiu a vontade de trabalhar os projetos de extensão de maneira articulada, a possibilidade desse trabalho surgiu em 2004 com o relançamento do Proext pelo Governo Federal o que trouxe o apoio de projetos de extensão. Havia, até então, 9 projetos de extensão no primeiro relatório do Teia. Ainda, segundo **a professora Maria**:

Deitada numa rede, e aí eu imaginei que a única coisa que teria possibilidade era a gente começar a conhecer melhor esses projetos, porque a gente não conhecia bem esses projetos. Sabia que tinha alguma coisa em comum, mas a gente não conhecia bem. E isso a gente poderia fazer através de excursões, de visitas. ... Aí eu cheguei em casa e fiz uma primeira versão do trabalho, mas, assim, uma primeira versão muito preliminar, propondo essas duas questões: um conhecimento maior, um aprofundamento maior do nosso entendimento do que que eram os projetos e em quê eles se articulavam. E pra isso, uma das propostas metodológicas eram as discussões. Aí, mandei

esse e-mail com uma proposta muito preliminar ainda e todo mundo achou muito interessante... acharam que era muito pouco provável o apoio do Governo Federal, porque era um tipo de projeto que tinha, ainda, muito a intenção, porque a gente estava querendo buscar esses laços que nos amarravam e que... dava pra entrar nessa discussão de programa. Mas a gente sentou e escreveu e todo mundo contribuiu e todo mundo escreveu.

Segundo a **professora Maria**, a articulação entre os projetos se tornou possível com o apoio do Governo Federal, demonstrando, assim, a importância das políticas públicas para esse tipo de ação. De maneira que desde sua aprovação o Teia vem avançando na proposta de articular projetos:

Então, eu acho que a gente conseguiu aprovar o projeto e de lá pra cá a gente tem conseguido isso sempre e a gente tem procurado sempre esse o objetivo principal: a articulação entre esses projetos e projetos que tem coisas em comum e quais são essas coisas em comum? Isso tá descrito nos projetos do Teia, nas publicações e passa aí, pela: questão ambiental, Agroecologia, Economia Solidária, Tecnologia Social, Educação do Campo, Educação Popular... participação na Educação Popular. Então são essas as nossas bases em comum. Eu acho que a partir disso a gente conseguiu avançar muito, inclusive os próprios estudantes, conseguiram, a partir daí, também, meio que seguindo a proposta do Teia, conseguiu, então, e junto com o Teia, ter condições de fazer o *Multirão Ciranda* e é uma articulação que eles queriam também.

Isso é importante porque é uma política pública do Governo Federal, que nos possibilita a partir de um recurso mínimo, que nem era muito dinheiro. E a partir de 2004, desde 2004 o Proext sempre tem um aporte maior de recursos, nunca diminuiu o aporte de recursos do Proext. E eu acho que era o que nos faltava: um apoio financeiro mínimo pra que a gente conseguisse fazer essas articulações. Então, isso também mostra a importância das políticas públicas pra esse tipo de ação.

Ainda, segundo a **professora Maria**, a partir da aprovação do Programa, o intuito foi o de **buscar a unidade** entre os projetos, o que se deu primeiramente em forma de encontros e depois em forma de ações. Posto isto, a **busca pela unidade** foi o que possibilitou montar realmente a teia:

Eu acho que montou, realmente montou e eu acho que essas ultimas atividades do Teia permitiram foi a gente conhecer melhor quais eram os projetos e qual era a base que tinha de comum entre um projeto e outro. Isso foi importante, mas outra coisa que a gente não percebia naquele momento e que depois ficou muito claro era que construir... ações coletivamente, ter ações coletivas como a Troca de Saberes, antes da Troca de Saberes a gente construía muitos encontros do Teia, o “Nós pelo campus”, a gente organizava as idas às comunidades e a gente ainda organiza. Isso a gente fazia em comum, em conjunto com os estudantes, com os professores e isso

também ajuda a buscar a unidade. Porque na verdade, o que a gente estava querendo, a palavra certa é buscar a unidade entre esses projetos. Então, essas atividades, esse conhecimento melhor, mas também a construção de ações de forma coletiva, nos ajuda a buscar essa unidade.

O **professor José** também demonstra a preocupação com a **unidade** através da *integração entre os núcleos* e o desafio e complexidade desta integração diante da **dispersão**:

... A gente sempre teve a preocupação da integração entre os núcleos, mas ganhou uma autonomia falaciosa, porque uma autonomia do ponto de vista dos estudantes da universidade, mas não do ponto de vista do trabalho na base da sociedade. Porque nós criamos a possibilidade de uma concepção de que as pessoas podem atuar no meio universitário vinculadas ao meio popular autonomamente, ainda que isso, vamos dizer assim, gere esse poder de dispersão que é o que eu sou cobrado o tempo todo: como é que unifica isso, como é que uniformiza isso? É a dispersão, é a diferenciação, é a Agroecologia, é a vida, tudo tem que fazer parte e tem que fazer parte de uma maneira complexa. Enquanto algo está se organizando aqui, é natural que algo esteja se desorganizando ali, é natural que algo esteja se organizando acolá. Então como é que você compreende tudo isso? Tudo tem que se organizar, mesmo que as pessoas tendem, é uma... tendência ao Caos, uma tendência para que as coisas caminhem para um nível mais baixo de energia. Então, como algo que está bem organizado, pode cair, perder a sua energia e se desorganizar, não pra fazer que essa tendência, essa perda de força... Então, as vezes tem um projeto que tá em queda... então, vamos amparar essa ação e fazer ele voltar, fazer uma força num outro lugar que esse vetor de força possa, na hora que isso aqui cair: opa, então tem outro caminho ali!... Então, ele vai se incorporar: é a complexidade, do modo, como eu a entendo.

Para exemplificar melhor a questão entre a **unidade** e a **dispersão** o professor traz o ensinamento de *Demerval Saviani: a Teoria da Curvatura da Vara*. Nesta teoria a complexidade social tem que lidar com a ideia de feixe e, não do indivíduo, ou seja, um feixe social, complexo e dinâmico. De maneira que nesse feixe o que está sendo feito na base da sociedade precisa ser apropriado por quem está fazendo a gestão pública e política disso. Em outro momento o que está sendo gestado precisa ser reconhecido, então há uma virada na curvatura da vara. Assim, a vara tende a tomar a deformação para o lado que está sendo virada:

“E tem que virar ela pro outro lado, você tem que virar, prender e segurar. Pra que as fitas de amoldem, depois você solta e ela encontra um meio termo. Resiliência, né?! É isso que hoje está sendo falado: essa propriedade que alguns materiais, que alguns processos tem de retornar à lugares, à dimensões anteriores que estavam naquele ambiente.”

Segundo o **professor**, essa relação complexa entre a **unidade** e **dispersão** fazem parte do Teia, de seus conflitos e negociações com a universidade enquanto formador de massa crítica:

Então eu vejo que essa Curvatura da Vara é um ensinamento importante, mas não como produtos: dela vergada pra cá ou dela vergada pra lá. Mas como processos sociais de comandos que são. Então, em um certo sentido, a minha composição ... no Teia, cumpre ou cumpriu essa construção durante muito tempo. A gente sempre usou isso nas negociações com a universidade, por exemplo. Por isso que o Teia existe. Então o conflito, ele é um fundamento, existe a Pedagogia do Conflito... na dialética, na discussão da dialética. E acaba que a Instituição tem medo... tem medo de conflito e nós, não. Nós somos fomentadores de contradições, fomentadores de conflito... Nós precisamos do direito á natureza e de nos entender como parte da natureza, como elementos da natureza. Aí, então, a gente consiga fazer uma revirada pra quando o bloco histórico se configurar a gente tenha mais massa crítica. Então, é isso, eu penso que o Teia é um formador de massa crítica.

Entende-se que as **experiências** dos sujeitos antes de suas *inserções formais* no Programa demonstram que, em alguns casos, há uma pré inserção, seja enquanto proximidade das atividades do Programa, seja nas experiências anteriores, que de alguma maneira, tem relação com os pressupostos do Teia. A experimentação das atividades é o que vai definindo o desejo dos futuros membros, diante dos caminhos trilhados, de começar a tecer “teias” com o Programa.

O estudante **Renato** começa a sua trajetória de **formação** numa região próxima a Espera Feliz, comunidade vinculada ao Programa. Através das **relações de amizade**, surgem os convites e oportunidades de inserção no Programa.

É nas **relações de amizade** que o estudante admite ter, gradativamente, se familiarizado, não apenas com as outras pessoas, mas também com o trabalho realizado pelo Programa:

Porque eu entrei aqui, e a possibilidade de eu entrar... veio também porque eu sabia que ia ter o Teia como apoio aqui nesse sentido...é... financeiro e como rede de amizades que 2010 ter vindo.... é... 2011, foi 2011?...é... vim também numa atividade que teve aqui, foi 2011, 2010... uma atividade que foi do cursinho, de planejamento das aulas, né... do Cursinho foi feito aqui. Vieram também os professores de lá pra fazer esse planejamento, foi mais um contato... dentro dessa perspectiva de educação Popular e tudo mais. Então em 2011 eu já entrei sabendo que teria essa recepção antes mesmo do dia que eu fiz a matrícula. E eu já entrei assim, e entrei dando continuidade ao trabalho lá em Espera Feliz, no Tecendo Sonhos como um dos bolsistas. E aí que eu me insiro no Teia, assim. E começo a entender ou a desentender, o Teia, assim.

Para o estudante **Antônio**, a influência dos *grupos de convivência* e das **relações de amizade** também foi primordial para a inserção no Programa Teia enquanto integrante:

Aí, em 2006, deu na pilha de fazer um curso, entrar na universidade, né?! No meio desse movimento estudantil, dessa galera, aí foi estimulando também... eu fiz amizade com essas meninas da Pedagogia, então foi uma influência, sabe?! Aí... entrei na Pedagogia, na primeira semana caí lá no Ecopedagogia... isso foi em 2006 que eu entrei na Pedagogia. No segundo período.. eu fui para um projeto que era o Pibex, acho que 2006 já existia o Teia. Aí o Teia eu já comecei a frequentar porque a minha ex-namorada era bolsista do Teia, enfim, ela fez essa ponte. Na época o Teia tinha outra forma, era por núcleo.

A estudante **Ana** conheceu o Teia e se tornou bolsista do mesmo por meio da participação enquanto integrante de um dos projetos que atualmente é um programa parceiro a: o Gengibre. A afinidade dos temas tratados pelo Programa como a Agroecologia, por exemplo, e a **conexão** feita com a arte, foi um dos pontos motivadores para a construção da trajetória de **Ana** no Programa:

Eu conheci o Teia através do grupo Gengibre que é um grupo que trabalha com matizes da cultura afro-brasileira. Eu entrei, então, em 2012, e no início de 2012, logo que eu entrei para o Gengibre eu fui direto para o Teia também, ser bolsista Teia pelo Gengibre. Foi a partir daí que eu me inseri no projeto. Na verdade, desde 2011, eu tive contato com o professores logo na primeira semana de aula, eu tava fresca na universidade. Aí eles me falaram do Programa Teia e que eu poderia me inserir... O que me motivou também foi conhecer um pouco do histórico do trabalho do grupo... foi mais também por poder estar utilizando também dos espaços, e participando, assim, desses territórios, porque tem os trabalhos na Agroecologia e a partir daí também... para o lado artístico também, sabe?! Essa construção, essa conversa que a gente vem, que a gente tinha também com os indivíduos, com as comunidades rurais, era assim, mais um foco... de memória cultural. Eu entrei no Gengibre mais por isso: trazer essas relações, essas memórias culturais... de olhar pro lugar do fazer... de olhar pra trás, né?! E aí, o Gengibre trabalhava com isso também, sabe?! De pesquisar, de buscar esses saberes, esses conhecimentos e trazer pra arte, né?! Fazendo a conexão, assim, com o curso de dança também...

Diante das **relações de amizade** colocadas pelos entrevistados como preponderantes para a chegada ao Programa, pode-se afirmar que a influência das relações de amizade se deu pela **troca de saberes e de experiências sociais** nos grupos afins, o que foi possibilitado necessariamente pelo **diálogo mútuo**.

Portanto, foi possível identificar na **trajetória** dos professores e estudantes que o Programa surge enquanto tentativa de algumas pessoas envolvidas em **articular** projetos que tinham temáticas em comum, o que foi possibilitado por uma Política Pública do Governo Federal. Essa necessidade conjunta em articular projetos, sentida pela equipe de professores e estudantes pode ser associada à **conscientização**, que implica um processo de superação de uma *consciência prática*. A *autoconsciência prática*, deste modo, foi adquirida mutuamente entre os integrantes na identificação de uma proximidade no fazer extensionista o que pode ser considerada como a tomada de uma *consciência da práxis*.

Partindo desses pressupostos o *ambiente Teia* dá condições para essa articulação, oferecendo **estratégias e ferramentas metodológicas específicas**.

O campo da **trajetória** fica intimamente ligado campo da **formação universitária**, por meio do desejo em articular pessoas e projetos e de tecer uma ponte com o trabalho na **base social**. A **trajetória** se configura ainda nas **relações de amizade, afinidade entre grupos, interesses e pessoas**. A amizade e a afinidade de interesses e por outro lado como a formação deste grupo de interesses, com raiz nas ações coletivas e nas lutas populares, se insere em um contexto de contradição dialética, onde se estabelece entre estes coletivos e outros da universidade uma dinâmica de contradição e conflito. Isto pode ser diretamente linkado como conceito de *práxis*.

2.2 O significado atribuído ao Teia

Diante da relevância e da diversidade das **experiências sociais dos participantes**, tanto para a inserção, quanto na participação enquanto integrante do Programa seguem as respostas a seguinte pergunta: **Qual o significado que você atribui ao Teia dentro da UFV?**

Para o integrante **Renato**, o projeto do *Cursinho Popular de Paula Cândido* o qual é integrante dentro do Programa, trouxe enquanto **formação** a “**significação** de muita coisa”, a “**politização do fazer**”, o “**compreender as coisas**”. Contudo, foi o contato com o ambiente Sindical no Cursinho, anteriormente à inserção no Programa, que foi fundamental para o ingresso de **Renato** no Teia, tendo em vista, segundo ele, dar prosseguimento ao seu trabalho. Considera-se que esse processo de formação relatado por Renato pode ser associado ao processo de **conscientização**.

Eu posso dizer, então que o Cursinho cumpriu essa função de trazer a politização do fazer, né... do raciocinar aí, do compreender as coisas.... e o Teia estava nesse bolo, né. Porque nos espaços que a gente vinha pra cá, que a gente entrava em contato com o Teia, que a gente ia usando os termos das Ciências Naturais e a gente ia desnaturalizando muita coisa e vendo os problemas que é muita coisa, né: os agrotóxicos, a questão da Educação do Campo, porque a importância dessa educação. Então, em contato com esse discurso, com essas pessoas, com esse ambiente, você vai, é...se apropriando disso, né. Então eu acho que isso é preponderante para entrar, sabendo que eu ia encontrar uma continuidade desse trabalho que eu tava fazendo lá. Então entrar no Teia eu acho que é fundamental isso: esse processo de formação anterior de três anos do Cursinho, convivendo com o Sindicato, com as pessoas envolvidas com a Escolinha Sindical, ...é... envolvido mesmo com esse ambiente. Como existe a parceria, Sindicato, CTA, Escolas Família-Agrícolas e tudo mais... isso que foi preponderante, pra dar prosseguimento aqui na universidade com esse trabalho.

Quanto ao significado que **Renato** atribui ao Programa dentro da UFV, ele relata a existência de um **desconhecimento do trabalho** realizado em relação à comunidade acadêmica; a **dificuldade**, de quem está fora do Programa, **em compreender o que é o Teia**; o lugar da **marginalidade** ocupado pelo Programa e o **conflito** enquanto objetivo do Programa de provocar a comunidade acadêmica para obter visibilidade dentro desse contexto.

A estudante **Ana** contrapõe o Programa à instituição, sendo o primeiro uma iniciativa **divergente** perante a **rigidez da instituição**. De maneira que as ações do Teia ocorrem pela **margem**, enquanto uma resistência que objetiva **provocar mudanças** perante uma estrutura rígida. Posto isto, a fala de **Ana** retrata a relação entre **estruturas rígidas** como é a burocracia e as **estruturas rizomáticas** como é o Teia. De maneira que nessa relação a atitude diante da estrutura burocrática e rígida não é de abaixar a cabeça e aceitá-la, mas de ir provocando **mudanças graduais** dentro da universidade de forma a crescer e ir adquirindo espaço dentro da instituição. Esse trabalho gradual a estudante compara ao trabalho do garimpo:

... É é aquele trabalho de garimpo, né... a gente vai furando... furando e aí... não é necessariamente bater de frente, brigar. A nossa estratégia é outra, é somar. É por isso que eu acredito, que mesmo diante de tantas dificuldades, a gente vem crescendo, vem adquirindo um espaço... Cada um somando as suas ferramentas, aliás, a gente usando as ferramentas, a gente vai facilitando, vai adquirindo os nossos objetivos... por isso, que essa Teia é o ambiente que a gente vai se comunicando... vai garimpando... vai esfarelando, vai cedendo, né?! Eu acho que é a partir dessa interrelação.

Para a **Professora Maria** um dos significados é de trazer as **comunidades pra dentro da universidade**, de modo que o Teia conseguiu fazer isso com mais clareza do que outros programas

anteriores. Ao mesmo tempo, segundo ela, a universidade passa a ser “*mais conhecida e respeitada com essas pessoas que a gente trabalha*”, ou seja, com as pessoas das comunidades.

A *Professora* retrata no Programa a possibilidade de trabalhar a **unidade** entre os projetos de extensão o que ainda é um desafio perante a existência da **desintegração** entre os projetos:

Porque, na verdade, a gente percebe que tem uma desintegração muito grande entre os projetos de extensão da universidade. Se você for olhar no Nova Viçosa tem “n” projetos que trabalham no Nova Viçosa, cada um no seu pedaço. Se você for olhar a cidade de Viçosa, como um todo, tem muitos projetos de extensão que trabalham dentro de Viçosa, mas eles não tem integração, isso acaba diminuindo a possibilidade de impactar ou de trazer benefícios pra cidade, para as comunidades e para a própria universidade. E por que tem essa desintegração, não tem essa unidade entre os projetos de extensão, cada um pra si? Porque a gente, professor da UFV... a gente tem uma dificuldade de sair dos nossos espaços... Pra gente buscar a integração dos projetos, a gente precisa sair do nosso espaço e interagir no espaço do outro e isso não é todo mundo que se dispõe: sair do seu espaço para interagir no espaço do outro e não é todo mundo que aceita a interação de outras pessoas no seu espaço.

Então, tem pactos, tem importância dentro da universidade, mas ainda é um programa que não ocupa um lugar institucional que devia ocupar: a gente não tem uma sala, a gente tem uma estrutura muito precária ainda de funcionamento, porque ainda não tem um lugar institucional que deveria ter.

O *professor José*, no que diz respeito ao significado atribuído ao Teia fala sobre a dificuldade em entender um **Programa multifacetado** dentro de uma universidade também multifacetada. Do ponto de vista da **formação universitária** o professor assume a necessidade de se fazerem mais estudos sobre os egressos, as pessoas que já passaram pelo Teia. Posto isto, o **diálogo** que o Programa continua estabelecendo com a maioria dos ex-integrantes demonstra, para o professor, que muitos assumiram **compromissos sociais** após a saída do Programa.

Do ponto de vista da formação universitária, a gente sabe, a gente percebe, inclusive esse é um estudo que a gente precisa fazer... os egressos, as pessoas que passaram pelo Teia... são pessoas que estão com um vínculo com o movimento social, sabe? Trabalhando... são técnicos... são pessoas que assumem um compromisso social diferencial do simplesmente eu ter o meu emprego e me dar bem... isso não é o resultado de um estudo, é uma impressão do diálogo que as pessoas ainda tem conosco, a gente convida, as pessoas reagem.

Então, assim, eu prefiro trabalhar com esse público do que pensar a UFV do ponto de vista da administração... se a Licenciatura em Educação do Campo é filha do Teia, a universidade que teve que assumir isso. E o que é que vai virar isso? Qual vai ser o tamanho do barulho!

Para o integrante **Antônio** o Teia retrata do desafio de, dentro do espaço fragmentado da academia, ***colocar os conhecimentos para dialogarem e intervirem um no outro.***

Bem... eu acho que o Teia tem um papel importante aqui para esse ambiente acadêmico que é de colocar as pessoas pra se olharem e pra se conhecerem: é a dificuldade que a gente enfrenta de ter um lugar nessa academia que tem por princípio o cartesiano, a fragmentação do conhecimento, a departamentalização. E eu acho que é um desafio e que o Teia tem como princípio: essa junção, dessa busca pela complexificação do movimento, de colocar os conhecimentos pra dialogarem, entender como um pode interferir no outro, sabe? Como cada área que tá presente aqui: das agrárias, das humanas... Como é que esse conhecimento pode estar contribuindo, assim, podem estar trabalhando junto, assim. Eu acho que é o desafio maior que eu vejo, o significado maior do Teia aqui: provocar essa ligação entre o conhecimento.

Diante das respostas a cerca do **significado** atribuído ao Programa, ele ocupa o lugar da **marginalidade** e do **conflito**, mas também o da **mudança** diante da **rigidez da instituição**. No Teia habitam o desafio de se trabalhar a **unidade** diante do risco da **desintegração** entre os projetos. Há na **formação** que o Programa oferece um **compromisso social**, um processo de **conscientização** e o desafio de colocar os **conhecimentos acadêmicos fragmentados para dialogarem uns com os outros**.

2.3 As ações significativas segundo os integrantes do Programa

Para **Ana** o mais impactante dentro do Programa foi o **Terreiro-cultural de Ribeirão Preto** enquanto contato com a comunidade, “num lugar fora da zona de conforto”, aonde predominava a **fragilidade da tradição e da cultura**. Foi significativa a experiência enquanto **“construção de mim mesma”** segundo ela.

Dentro das ações que eu considero muito significativas que eu participei dentro do Programa, foi o Terreiro-cultural de Ribeirão Preto, dentro do município de Guidoal. (...) Lá falta informação e é tudo assim bem frágil, tanto as suas tradições, quanto as suas culturas como um todo. E eu acho, que de um certo modo, eu não sei que mudança provocou lá, mas que com certeza provocou uma mudança dentro de mim. E também, dentro do EIV³², Então, a gente realizava algumas visitas de campo, foi muito significativo por ter esse acesso às comunidades com quem trabalha e conhecer de perto cada família: as suas propriedades, o que tinha por trás daquelas

³² Projeto Estágio Interdisciplinar de Vivências

propriedades, daquelas pessoas. Então, foi um período muito significativo, um período de construção... construção de mim mesma...

Outra ação significativa para **Ana** é a **Troca de Saberes** por ter provocado mudanças **“dentro das pessoas” e retomado nelas um pouco de suas tradições:**

Avaliar como foi essa nossa estadia, então quando eu cheguei na Troca de Saberes e eu encontrei algumas pessoas ali foi muito significativo ali, de reconhecer a mudança que havia acontecido.... esse trabalho também com as plantas dentro da saúde, voltado pra uma medicina mais natural. Eu já vi também pessoas conversando até em relação à alimentação, e ligada no que está exagerado e no que é que não está. E a mudança que provocou dentro da pessoa... quando ela mudou o seu hábito alimentar ou quando ela mudou o seu hábito de pensar de mentalizar... de concentrar. E ouvir isso delas que era uma tradição que elas tinham e perderam o acesso e que agora vem retornando. Então, pra mim, isso foi muito significativo, de reconhecer que é possível a mudança. Essa foi a primeira ação significativa que eu reconheci dentro do Teia e dentro de mim também.

Renato aponta uma diversidade de atividades, de maneira que foram as **diversidades de experiências** possibilitadas, bem como o reconhecimento do trabalho realizado em Encontros e Seminários de pesquisas que formam significativos para o integrante.

Segundo Renato, foi significante também **se sentir parte do Teia**, pois o estranhamento na chegada ao Programa é algo muito comum diante da **autonomia** dada aos estudantes na maioria do tempo, ressaltando a importância de “fazer as coisas juntos” enquanto um aprendizado:

... É o estranhamento, né, é o estranhamento que a gente passa aqui... é dado pra gente autonomia. Tipo, você entra no Teia e não tem ninguém que fala nada que você tem que fazer, ninguém fala nada... mas, na maioria do tempo não, a gente não tem ninguém falando na nossa cabeça. Eu acho que esse negócio deixa a gente meio confuso, né?! Tá acostumado a receber instruções e tal. É o que eu estou pesando, assim, iniciando, que o Teia mostra pra gente e o Tecendo Sonhos mostra pra gente também que o importante nisso tudo é fazer junto, não fazer nada sozinho, tipo assim: fazer as coisas juntos... Então isso é um aprendizado e depois que você tem esse aprendizado, da autonomia né, acho que você passa a entender melhor, assim. E esse fazer junto, depende muito... dessa confiança entre as pessoas e se não há, você não faz junto, né?! Você faz porque você está obrigado a fazer, porque você tem que estar ali... mas a maior parte do tempo esse ano foi o momento de aprendizagem de fazer junto, é um momento muito importante, a gente avança, com coisas pequenas. A gente não vai mudar o mundo da noite para o dia.

Antônio fala da importância dos **Terreiro-culturais** e das **Trocas de Saberes** enquanto um fio de **ligação com a cidade** que ainda precisa ser mais forte. O contato com as comunidades através dos Terreiros-culturais uma **intervenção no mundo e a formação de um entendimento da realidade**. Tanto os Terreiros-culturais, quanto as Trocas de Saberes possibilitaram ao integrante unir as ações à Cultura.

Os Terreiros-culturais que foi possibilidade de ter contato com comunidade, que foi aonde eu acho que fui me achando enquanto intervenção do mundo. Esse ambiente foi um lugar, que, pelo menos eu, tive uma formação de um entendimento, assim, de entender a realidade, as realidades. E a partir desse entendimento dessas realidades, a gente foi buscando formas de intervir nelas, né. E, tendo as ações, acho que foi com os Terreiros o lugar que eu mais, deslumbrei, assim, cumpri as ações, de como eu ia trazer essas ações pra dentro do Programa Teia, foi muito nessa área da Cultura que eu acho que intervi, assim. E que não sei até que ponto, se isso era uma carência do Programa, eu consegui expor isso, foi o lugar que eu consegui ter essa minha vida. Antes da academia, anos atrás... foi o lugar que esse meu fazer teve um encaixe legal, teve aceitação dentro do projetos. E conseguimos algumas vezes entender o papel da arte e da cultura dentro desse movimento. E eu ainda imagino que é muito forte a significação de adereço, a significação da arte como adereço, ainda, dentro do movimento agroecológico. Nessas coisas mais significativas, foi essa questão da arte, o que aqui se chama, que a gente ainda costuma chamar de cultura, que é essas manifestações artísticas do Congado e tudo e tal... Como é que a partir dessas manifestações, de congado, cultura, não só disso, mas dos modos de vida, dos modos de intervenção do mundo entre as pessoas, de verdadeira questão da planta, de mexer com a terra, como é que esse fazer cultural vai estar relacionado com o movimento agroecológico. Eu acho que esse caminho que eu fui trilhando ao longo do Programa Teia, com essa questão, eu acho que foi bem significativo, assim, durante o Programa.

A **diversidade de experiências** proporcionada pelo Programa também foi apontada bem como a **autonomia** proporcionada aos estudantes.

Sobre as **ações significativas** pontuou-se o **Terreiro-cultural de Ribeirão Preto** por ser o lugar aonde predominou a **fragilidade da tradição e da cultura e a Troca de Saberes** por ser um momento de **retomada das tradições**. Ambos os eventos expressam **uma intervenção no mundo e a formação de um entendimento da realidade**, o que confirma a proposta do Programa de articular conhecimentos científicos e populares e também de ser como averiguado neste trabalho, um instrumento para a conscientização dos sujeitos a medida que intervém no mundo por meio da **práxis** e da **consciência da práxis**.

2.4 O Teia nas comunidades envolvidas

Seguem as reflexões acerca da seguinte pergunta feita aos entrevistados: ***“Como o Teia afeta as comunidades envolvidas no Programa?”***.

A integrante **Ana** ressalta o retorno dado pelas comunidades após os Terreiros-culturais e a Trocas de Saberes. O retorno foi percebido por ela através de: ***“pessoas que acompanham os movimentos que o Teia está envolvido; mudanças nas falas de algumas pessoas; algumas pessoas se tornam mais empoderadas dentro da luta da Agroecologia:”***

Esse retorno depende, de na verdade, vários fatores que a gente lida com pessoas que trabalham no meio rural, não em sua maioria, não somente, mas, agricultores, agricultoras. Mas, então, que por ser em julho, desde a primeira, junto com a Semana do Fazendeiro, isso já é um empecilho também para que muitas famílias não venham. Então, já é um outro público que aparece, igual a gente vem percebendo, que é um público jovem... eu não sei dizer... mas muitos que vem gostam de vir, gostam de trocar, crescem... na minha visão, é que me colocando nesse bolo... cresce com esse encontro... com a Troca entre pessoas de diferentes regiões. E quando volta, quando retorna, já retorna de um outro jeito também. Eu venho percebendo... que muitas que acompanham os movimentos que o Teia também está envolvido. Algumas mudanças, inclusive nas falas de algumas pessoas mais empoderadas dentro da luta da Agroecologia... então, é mais esse olhar de observadora mesmo, nesse sentido, assim.

Essas mudanças se dão por meio da **práxis** que as ações do Programa constroem junto as comunidades desenvolvendo nos moradores *níveis mais elevados de consciência* de suas realidades.

Para a **Professora Maria** as **Instalações Pedagógicas**, durante a Troca de Saberes são momentos privilegiados por haver a ***discussão com os participantes das comunidades sobre as metodologias do Programa, sobre os resultados, com discussões feitas dentro dos laboratórios e dos museus.***

Então, uma das coisas foi o que eu falei, as Instalações Pedagógicas, durante a Troca de Saberes, esse é um momento privilegiado, porque a gente monta as Instalações Pedagógicas para isso: pra discutir, pra devolver... discutir as nossas metodologias e os nossos resultados, por isso que elas são feitas dentro dos laboratórios e dentro dos museus. Nas nossas Instalações a gente faz pesquisa e faz extensão também, esse é um momento privilegiado.

Deste modo, a **práxis criadora** na qual se funda essencialmente o Programa é construída em discussões com a comunidade dentro da universidade.

A devolução dos resultados de pesquisa às comunidades se dá na perspectiva de *buscar a unidade, a articulação e a compreensão* de como se dão os processos de *formação, de construção do conhecimento e de interação do conhecimento acadêmico e popular*:

Mas fora disso, todos os momentos em que a gente está em contato com as comunidades, através dos intercâmbios, a gente discute com eles o tempo todo os nossos resultados. Porque a gente bebe desses resultados pra estar entendendo os processos que estão acontecendo no campo a serem discutidos com eles. Além disso, uma das outras coisas são as nossas publicações. Então, a gente sempre tem procurado fazer uma publicação que a gente chama de “Nossa Pesquisa na Roça”. E essa “Nossa Pesquisa na Roça” é copiando a ideia do CTA que é “A Nossa Roça” que é pra descrever e sistematizar um pouco o manejo o que acontece dentro da propriedade, a partir da família lá da roça, o que é que tá acontecendo na propriedade e na família. A gente faz a “Nossa Pesquisa na Roça” que é um pouco a devolução dos nossos resultados de pesquisa, isso não tem diretamente a ver com as ações do Teia... mas é dentro dessa perspectiva de buscar a unidade, de buscar a articulação, de buscar essa compreensão de como se dá os processos de formação, processos de construção do conhecimento, de interação do conhecimento acadêmico e popular.

A soma do *conhecimento científico com o popular* através das *pesquisas*, do *diálogo* entre pessoas da comunidade e a universidade, cria uma *consciência do fazer extensionista*, um *consciência da práxis dessa extensão* na qual se adquire uma consciência mais elevada do fazer quando se reconhece a relevância do *diálogo* com a comunidade e da interação entre os saberes na Universidade.

Uma outra coisa legal que eu acho da interação desses conhecimentos, que a gente consegue ver é o grupo da dança: o Micorriza. Porque é um departamento de dança, que cria um grupo com o nome que é um insumo (enzima) de solo, que é o meu objeto de estudo, um dos meus objetos de estudo. Isso mostra que, de alguma forma, a gente tá conseguindo fazer essa interação entre os saberes também dentro da Universidade, porque como que o departamento da dança cria um grupo e coloca o nome dele de Micorriza? De onde os estudantes buscam esse conhecimento pra criar um grupo que chama Micorriza? E, aí, muito a partir da discussão que eu sempre faço, quando eu falo dos meus trabalhos de pesquisa, que para mim, micorriza é o facebook da terra, que são as micorrizas que fazem as articulações entre as plantas no interior do solo, então isso de alguma forma, também é um resultado interessante. Isso foi gestado dentro do Teia.

Diante do relato da *professora Maria* pode-se associar a *práxis extensionista* proporcionada pelo Programa à modificação do cotidiano dos agricultores:

... quando eu vou e entro nas comunidades eu consigo ver os agricultores fazer construções de pau à pique, que foi, por exemplo, reaprendido nas Instalações Pedagógicas. Alimentos feitos com receitas aprendidas no Teia. Eu compro sabão que foi aprendido com os estudantes do Teia, em oficinas que foram dadas. Então, a gente vê isso no dia-a-dia. E tem um exemplo que é mais legal ainda, que é muito interessante, que foi uma pessoa que veio de Divino para a Troca de Saberes e na Troca de Saberes ela conheceu o namorado dela. E nessa Troca de Saberes a gente tinha distribuído umas fitinhas de identificação dos participantes das rotas e no dia do casamento o noivo pegou a fitinha, tirou do bolso e colocou no vestido dela, esse é um exemplo muito legal de como as coisas acontecem. E a gente vê isso, vê no dia-a-dia, no momento que vai para as comunidades. Então, assim: na alimentação, nas construções, nesses contatos que passam a ter, nas lembranças, nas falas, a gente vê a ação do Teia.

Segundo a **professora Maria**, a **consciência dessa práxis** adquirida pelos agricultores modifica os modos de conceber o conhecimento da universidade, o conhecimento da própria comunidade, enfim, amplia a percepção e o **modo de ver o mundo** das pessoas:

Eu acho que na forma como elas passam a ter conhecimento da universidade, o trânsito dentro da universidade, um agricultor uma vez me disse: “agora eu não tenho medo de entrar na universidade, eu entro com orgulho dentro da universidade, eu sou bem recebido dentro da universidade”.

Segundo o **Professor José**, os **projetos** do Programa tem um grande peso na maneira como o Teia afeta as comunidades. Há também um **padrão universitário** que tenta se impor do qual nenhum integrante está imune. Posto isto, é perceptível que a **práxis** e a **consciência da práxis extensionista** construída no Programa se dá no meio de um jogo de forças entre o acadêmico e o popular. Nesse jogo, porém há uma forte dimensão de resistência, ou seja de uma contínua construção social por meio de um diálogo mútuo. Assim, as relações entre o científico e o popular não se constituem uma mera imposição do primeiro para com o segundo.

Nessas horas eu penso nos projetos, o que chega nas comunidades são os projetos. A repercussão disso, na hora que eu penso no EIV, projeto do qual eu tenho bastante carinho, acompanho o EIV desde sempre. Ver esses meninos que vão lá e assumem, isso não é todo mundo, mas a maioria... assumem aquela família como sua família também que vai visita-los que escreve cartas. As pessoas estão longe, as vezes vem a Viçosa, visitar essas famílias nas comunidades... aí eu estou falando de uma relação afetiva que se cria. Uma família, lá da roça, que tem uma filha postiça que é Veterinária, que os visita com alguma periodicidade ou que mantem um grau de comunicação, isso é uma afetação. Isso o EIV produz. Pensar, por exemplo, a experiência do agricultor urbano no Nova Viçosa, essa coisa ela gerou um impacto vivo, intenso, num determinado momento,

mas que hoje não teve condições de continuidade. Então é uma afetação deletéria, negativa, porque como é que você faz uma ação que é positiva e depois ela se esvazia e as pessoas continuam sentindo falta.

De um modo geral, o padrão universitário, ele se impõe, parece que o menino entra, atravessou as quatro pilastras e vira o poderoso, parece que nós atravessamos as quatro pilastras e vivemos numa ilha da fantasia. Então, eu não me considero... imune a tudo isso, não. Ao contrário...

Diante dessa fala, é perceptível que o Teia não é uma imposição pura e simples, e sem o menor sentido. Há uma **práxis**, uma transformação de aspectos da realidade no dia-dia das pessoas das comunidades que cria sentidos íntimos, diversos e incalculáveis. Esses sentido criam um *jogos de forças* que é uma **práxis** na sua *dimensão da resistência* perante as dificuldades e da continuidade deste fazer extensionista.

Os *Terreiros-culturais* tem um **modelo replicável, ou seja, uma estrutura mais ou menos fixa, uma previsão no modo de ser feito, uma práxis em certo sentido, imitativa**. Contudo esse modelo se consegue replicar no evento, pois cada comunidade vai imprimir nesses eventos as suas especificidades, por mais que haja um modelo a ser seguido. De maneira que a afetação gerada pelo Programa tem uma série de *dimensões* as quais ainda não se conseguiu ainda monitorar. Contudo, há um retorno da afetação na comunidade por meio da mobilização local na dimensão política, fato esse que pode, ou não, estar intimamente ligado com as sementes plantadas pelo Programa. O lugar de coordenador do Programa e o “lugar de conforto” ocupado pelos estudantes ainda não é o lugar da contradição na base da sociedade, segundo o **professor José**:

Mas, por exemplo, essa semana mesmo, eu tive a informação de que lá na comunidade do Cruzeiro, essas mesmas pessoas que nos alimentaram, que chegaram a ter cento e cinquenta pessoas no Terreiro, em três dias de divulgação, fizeram agora uma associação que entraram num PA – Programa de Aquisição de Alimentos e da Alimentação Escolar. Então, tem a ver... com o Teia? Isso é algo que afetou o Teia lá? Sim. Mas, não. Porque são as organizações locais que estão fazendo, isso é uma dimensão da política. Ainda que nós estejamos também no diálogo com as políticas. Não gosto de assumir o papel de coordenador, muito embora eu assuma, e ache que coordeno bem, eu preferiria ser contra regra. Eles estão confortáveis em ser estudantes da universidade, agora, eu vou ficar me conflitando com eles? Então, se a figura quer estar aqui, vai ter que ter paciência de ouvir, porque esse aqui é um lugar de conforto que ele está escolhendo enquanto universitário. Não é o lugar da contradição lá na base da sociedade.

Segundo o integrante **Renato**, a ação do Teia se faz relevante para a **formação dos estudantes em diálogo com as comunidades**. Em contraposição, nas comunidades a

efetividade da ação se faz na **partilha do conhecimento** que é gerado, como na Troca de Saberes, por exemplo, no modo como as pessoas voltam com esses conhecimentos para suas comunidades e constroem, por exemplo, **benefícios materiais**. Pode-se dizer que essa partilha do conhecimento gerado que se transforma em benefícios materiais é uma **práxis produtiva**, realizada através do Programa, *ou seja, a transformação da natureza pelo trabalho humano, em que o homem se produz, forma, ou transforma a si mesmo*.

O Cursinho Pré –Vestibular Tecendo Sonhos, do qual o estudante **Renato** é integrante está inserido dentro de um **processo de conscientização**. É a partir da conscientização dos jovens pelo projeto estes serão os agentes da mudança:

Eu não sei se seria toda a comunidade, mas o Tecendo Sonhos ele já tá num processo de conscientização que surge a partir desse processo e tem um histórico. Bom, não é a partir do Tecendo Sonhos que o pessoal vai mudar. O Tecendo Sonhos é parte de um processo de conscientização, de mobilização, de organização da comunidade de Espera Feliz, ele é resultado disso... é claro, visualizando mais os jovens.

Agora, a partir dos jovens, a partir do Tecendo Sonhos, há um processo de mudança, mas o Tecendo Sonhos é um processo, ele tá dentro de um processo. Mas pegando os jovens, eu acho que é essa possibilidade de poder conhecer a Universidade, de entrar na Universidade, se entra, há essa possibilidade de permanecer, mas são alguns pontos.

...

A gente tenta enxergar a pessoa, tem uma história, um conhecimento, um saber, então busca-se isso. Não é aquele personalismo prejudicial, é uma coisa bacana, porque a gente tá procurando uma relação entre pessoas, né?!

O estudante **Antônio**, fala da dificuldade de dimensionar o modo como o Programa afeta as comunidades, contudo retoma alguns exemplos que foram narrados em suas falas anteriores como a experiência da EMATER e o caso em Visconde do Rio Branco que retratam como a experiência do Programa despertou o interesse nessas pessoas.

Os **projetos** tem um papel fundamental maneira como o Teia afeta as comunidades.

Em meio a um jogo de forças entre o acadêmico e o popular, há uma forte dimensão de resistência, na qual o científico e o popular não se constituem uma mera imposição do primeiro para com o segundo. A afetação gerada pelo Programa tem uma série de *dimensões* as quais ainda não se conseguiu ainda monitorar. Contudo, há intimamente ligada as sementes plantadas pelo Programa, a **formação dos estudantes na partilha do conhecimento**, no modo como as pessoas voltam com esses conhecimentos para suas comunidades e constroem, por exemplo, **benefícios materiais**, enquanto uma **práxis produtiva**.

2.5 As ações de ensino e pesquisa do Programa

Seguem as respostas dos entrevistados no que diz respeito a seguinte pergunta: ***“Pontue respectivamente ações de pesquisa, ensino que você já participou no Programa Teia/UFV”.***

Para **Ana** as ações e as atividades realizadas no Programa tem como base a *pesquisa que cada estudante realiza dentro do seu próprio projeto*. A estudante, por exemplo, participou de apresentações artísticas em comunidades como Espera Feliz, por exemplo, na qual pode perceber os parentescos próximos e a união da comunidade, questões do pensamento agroecológico e o respeito pelo meio considerando a carga histórica existente no lugar. Por conseguinte foi-se montando personagens para a apresentação artística de acordo com os personagens que foram surgindo da história daquele lugar e das viagens de campo que possibilitaram esse conhecimento:

E daí, dá pra observar no olhar das pessoas... conversando entre elas: “Nossa, existia mesmo!”; “Nossa, tem tanto tempo que eu não vejo isso!” ... Então, é isso... que a gente vai abordando, traz pra cena, de modo que, quem assiste se enxerga ali dentro também, né?!

Segundo a **professora Maria**, o **ensino e a formação** se dão nas ações do Teia em conjunto com os estudantes, momentos nos quais se ensina e aprende. Depois a professora relata a dificuldade de elencar essas ações devido o caráter de ***indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*** presente no Programa. Ela conclui dizendo que há uma ***preponderância da formação*** nas ações do Programa, pois o Teia propõe uma metodologia diferente, que é uma metodologia em rede, descentralizada, horizontalizada. De maneira que a ***dimensão da formação*** é a dimensão que mais se destaca no Programa, pois a própria estrutura em rede é mantida principalmente pelo caráter formativo e colaborativo na participação dos integrantes. As “teias” do Programa são moldadas por meio das experiências, das relações de amizade, das trajetórias, das vivências e envolvimento dos integrantes do Programa, bem como da consciência que eles adquirem ao longo desse processo.

De ensino eu acho que todas as ações do Teia são de ensino, porque normalmente a gente faz as ações do Teia em conjunto com os estudantes. E normalmente participam muitos estudantes nas ações do Teia, então isso é um momento de estar ensinando e de estar aprendendo, então é uma ação de mão-dupla ensina e aprende e além disso, já teve muitos momentos específicos... como momentos de formação, várias aulas, palestras, já dei aula até de campo...já dei várias palestra.

Eu acho que tudo é formação. Tudo é formação, a questão é do que que a gente chama de ensino dentro da universidade, da sala de aula, né?! E o que que é Educação Formal, Educação não-formal. Mas eu acho que tudo é formação e o Teia propõe uma formação com uma metodologia diferente, que é uma metodologia em rede, descentralizada, horizontalizada. Então, eu acho que, por isso, a gente usa mais a palavra formação do que a palavra ensino.

O **Professor José** reforça em seu discurso o **princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão**:

... Há um único princípio que é o da indissociabilidade da pesquisa, da disciplina, que interdisciplinarmente separados pra efeitos de um controle, de uma regulação, mas não é possível ensino sem pesquisa, pesquisa sem ensino, extensão sem ensino e pesquisa. E a gente tenta trabalhar dentro dessa lógica, né?! Como você vê o próprio Simpósio de Ensino na universidade, é fruto do Teia, a gente criou a concepção de ilhas... ilhas de experiência, de ensino vinculado à pesquisa e ao ensino... isso já há alguns anos. Então, a gente procura o Teia dentro duma ilha que era os simpósios: simpósios de extensão, simpósios de pesquisa, simpósios de ensino. Eu fui convidado pra ir em uma organização desses simpósios e fui com a tarefa explícita de acordada de destruir isso. Criar o que depois virou o SIA – Simpósio de Integração Acadêmica... Então eu estou indo para que eu seja o conflito, para que eu quebre essa coisa segmentada. Também isso é fruto das experiências do Teia nessa perspectiva de extensão. Na hora em que você produz um conflito intencionalmente pedagógico e educativo, você tem que monitorar essa intencionalidade.

O estudante **Renato** consegue elencar **respectivamente as ações de ensino, pesquisa e extensão**. Sobre pesquisa ele elege o cursinho Tecendo Sonhos projeto do Teia do qual participa, o que rendeu diversos artigos acadêmicos. O estudante relaciona o processo de elaboração desses artigos ao aspecto da pesquisa.

Sobre o ensino, o estudante Renato relata:

É outra coisa aí, ensino, ligada a ensino... o Tecendo Sonhos ele tá ligado, né, a essa proposta do ensino também, pegando até para o nosso lado, lá do estudante está aqui, ele funciona também, como um laboratório de ensino, porque além de coordenar, por exemplo, eu continuo dando aula lá, né. E muito do que eu sei de didática, de como fazer uma aula diferenciada, eu aprendi dando aula lá, né. ... os Cursinhos Populares... funcionam como um lugar de formação diferenciada no ensino. Quem passa por um Cursinho Popular, que dá aula e que entende, que se propõe mesmo a fazer, que não tá ali só pela bolsa, sai dali mudado também nesse sentido. Vai ser um educador, um professor, que seja o nome que dá, diferente, vai ter essa consciência aí de que o estudante que tá lá sentado, também tem um histórico que deve ser levado em conta e tudo mais, né?

O estudante **Renato** não desvincula as ações de pesquisa, ensino e extensão, como intimamente ligadas:

... o Cursinho Popular Tecendo Sonhos é um projeto de extensão, mas ele possibilitou uma pesquisa, tendo ele como base... proporcionou uma formação no ensino, um ensino diferenciado, assim, um projeto de extensão desencadeou outros processos e eles estão ligados... porque o nosso fazer na extensão, ele está ligado a essa pesquisa, aí, a essas leituras que a gente faz e o ensino também está ligado a essa pesquisa bibliográfica que a gente faz, esse contato que a gente faz. E o contato com a Extensão nos possibilitar uma leitura diferenciada que a gente faz sobre esses textos, essa pesquisa, esse modo de fazer pesquisa, o modo de fazer ciência, o que é fazer ciência. Isso. Acho que é evidente isso. Quando eu tô lá no Cursinho, por exemplo, né, fazendo a Extensão, por exemplo, aí eu não me pego pensando imediatamente na pesquisa, né?! E nem me dou conta também do processo de aprendizagem e de ensino diferente, eu to fazendo, né. Mas, quando eu paro para refletir, eu vejo que cumpre né, ...cumpre essa função: ensino e pesquisa.

O estudante **Antônio** também não dissocia o *ensino da extensão*:

E nessa, eu passo agora pro Teia e surgiu o Terreiro-cultura em Espera Feliz na casa do Amauri... dezembro de 2009. Existia essa maneira de encontro...então, era encontros que as pessoas...com shows, oficinas, reuniões com as EFAs... então, foi bem forte. Então eu considero isso como um projeto de Educação Popular. Era uma ação do Teia. Era um processo, fazia parte de um processo de relações entre agricultores e agricultoras... com o ambiente Teia... uma coisa vai gerando a outra. Então em 2010 teve a Troca de Saberes e o Amauri estava aí... então foram necessidades que foram saindo... e a gente foi abraçando. Dessa formação, desse processo de construção do Terreiro... é um processo de Educação Popular... negociação com a comunidade, negociação com os processos internos, negociação com os projetos...sempre essa relação... extensionista do ambiente Teia com a comunidade. Então, é um processo de ensino e extensão, né?! Sei lá! Não sei!

Em meio ao jogo de forças e o caráter formativo dialógico que aproxima o científico e o popular, produz a indissociabilidade entre formação, pesquisa e extensão. De maneira que a afetação do Teia nas comunidades se dá na *formação dos estudantes com a partilha do conhecimento* que pode se transformar em diferentes tipos de benefícios nas comunidades.

Diante do desejo primordial em articular pessoas e projetos o Programa Teia funda seus pressupostos metodológicos de buscar a unidade, a mudança, a formação enquanto compromisso social, entendimento e transformação das realidades, por meio do diálogo e interação entre o popular e o acadêmico que não dissocia formação, pesquisa e extensão

3. PRÁXIS E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

3.1 Discussão dos Aspectos Históricos da Extensão Universitária

Há várias definições para a Extensão Universitária, esta prática, compondo as atividades curriculares das universidades, ao longo de sua história, desenhou sua polissemia como o retrato de seus limites e possibilidades.

As concepções da Extensão Universitária são reflexos da influência de aspectos no campo das políticas educacionais. Ao mergulhar na História da Extensão se mergulha também na História da Universidade.

O conceito de Extensão Universitária passou por diversas modificações ligadas a uma variedade de: definições, modelos, funções, concepções de educação vigentes, bem como a influência da diversidade de práticas e ideologias, dentro de contextos de ações políticas e econômicas.

Definir a Extensão Universitária diante da polissemia do termo não é o objetivo deste capítulo, contudo o que se pretende é tecer uma discussão a partir da exposição de alguns de seus conceitos, demonstrando como estiveram ligados aos papéis desempenhados pelo Estado, pelas parcerias entre as instituições e pelos movimentos sociais. Os momentos de mudanças e as fases da Extensão tiveram marcos históricos diversos. Posto isto, atualmente é possível discutir a história da Extensão Universitária de diversos ângulos.

Ao longo do tempo, os modelos criados de Extensão, não anulam a influência dos aspectos históricos específicos de cada instituição superior, bem como, os modelos, fases e concepções do passado e do presente.

A Extensão Universitária surgiu com as primeiras Universidades, no Ocidente. Nessas instituições, a Extensão predominante era sob a forma de prestação de serviços, o que foi fundamental para a consolidação do cristianismo. O ensino foi a principal função da Universidade no período medieval, no qual a Universidade Francesa se especializou na pesquisa e no ensino para cada profissão.

Serrano (2010) subdividiu os momentos históricos da Extensão Universitária em: *modelo da transmissão vertical do conhecimento; voluntarismo; ação voluntária sócio-comunitária; ação sócio-comunitária institucional e acadêmico institucional.*

O *modelo de transmissão vertical* surgiu nas práticas da extensão das primeiras Escolas Gregas e também Inglaterra em meados do século XIX, no qual o conhecimento era

transmitido de forma verticalizada com uma superioridade “de quem o estende” desconhecendo, por sua vez, a visão de mundo “dos que o recebiam”, sendo estes últimos, sujeitos passivos no processo.

Após esse modelo de transmissão vertical, a Extensão Universitária começa a seguir a tendência de um segundo movimento denominado *voluntarismo*, que rompendo com a primeira visão, passa por experiências de atendimento aos pobres por meio da Igreja, a partir das ações educativas, principalmente dos jesuítas na Idade Média.

No século XVIII, por meio do advento da Revolução Industrial, a Universidade medieval se deparou com novas demandas sociais que enfatizaram a prestação de serviços às comunidades. A Extensão surgiu, neste contexto, como atividade da Universidade.

O modelo de Extensão europeu, portanto, foi marcado nesse momento, pela função única de formação para as elites e preparação técnica para o novo modo de produção, a extensão assume, assim, sua forma institucionalizada.

O momento histórico da Educação durante os dois modelos de extensão supracitados teve clara influência da tendência determinista, a qual, segundo Cury (1989, p. 11-12) foi:

Um mecanismo que ajusta os indivíduos à ordem social vigente, pela transmissão de um saber definido pelo poder político estabelecido. O papel reservado ao homem concreto, ator e autor de uma estrutura social, é o de se enquadrar aos ditames dominantes desta, já que em momento algum se questiona a totalidade da estrutura social.

Já nas Américas houve forte influência destas tendências de extensão universitária europeia. Nas Universidades Latino-Americanas a maior influência foi o modelo de extensão francês, contudo, o *Movimento de Córdoba na Argentina*³³ em 1918, foi o maior marco de

³³ As reivindicações do Manifesto de Córdoba diziam respeito a uma universidade democrática e com autonomia política de docência. Reafirmava-se a necessidade de uma unidade latino-americana para combater o imperialismo e as ditaduras. A participação dos estudantes era crescente como cidadãos, através das organizações políticas. O que tornou característico o Movimento Estudantil na América Latina foi o fato de ter nascido da aliança entre trabalhadores e estudantes. Talvez por isso mesmo a ideia das Universidades Populares fosse uma bandeira tão utilizada. A proposta de Córdoba apresenta para a Extensão a função de vincula a Universidade e a Sociedade... Desta forma abriu espaços que possibilitaram uma Universidade mais crítica, com uma visão de instituição que mantivesse um compromisso com a Sociedade, na direção não só de seu desenvolvimento mas também de sua transformação. Os pressupostos do Manifesto de Córdoba entram efetivamente no Brasil no momento em que os estudantes brasileiros resolveram lutar por uma Universidade a serviço do povo. O instrumental utilizado foi a defesa das Universidades populares (SOUZA, 2010, p. 32)

manifestação dos estudantes para que a Universidade Latino-Americana assumissem seu compromisso social.

Desta maneira é evidente que a Extensão, desde sua criação, assumiu uma via de mão dupla, podendo tanto servir aos interesses em prol da reprodução da estrutura de poder, quanto para assumir uma postura crítica em vista de transformações na sociedade (SOUSA 2010).

No Brasil, isto não foi diferente. Aqui a Universidade surgiu, primeiramente, com a função única de ensino e, posteriormente, com alguns segmentos da comunidade acadêmica, da sociedade e dos aspectos legais.

A Extensão no Brasil vem tentando historicamente ampliar a sua visão e se aproximar de seu compromisso social. De modo que “o termo ‘Extensão’ apareceu pela primeira vez, na legislação educacional, em 1931, no Primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras.” Sousa (2010, p. 16). Neste documento a Extensão se caracterizava pelo oferecimento de cursos e conferências de caráter educacional.

No texto da Lei 5.540/68 (Brasil, 1968) a Extensão se tornou obrigatória em todas as Instituições de Ensino Superior (IES). A sua obrigatoriedade também foi reafirmada em documentos posteriores como a Constituição de 1988 no Artigo 207 com o princípio de *indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão* e com a posterior Lei de Diretrizes e Bases (LDB), no Artigo 49, como instrumento de difusão, para a população, das conquistas e dos benefícios produzidos dentro da Universidade. Contudo, a Extensão ainda aparece de forma tímida e pouco elucidativa nesses documentos (SOUSA 2010).

A história da Universidade Pública bem como da Extensão Universitária no Brasil é construída no embate das ideias de estudantes, movimentos sociais, técnicos e professores com estratégias de afirmação e de reposicionamento de seus respectivos grupos.

A socialização do saber produzido e a integração social do indivíduo são responsabilidades, que, ao longo do tempo foram incorporadas como responsabilidade da Universidade. Nestes aspectos é que a Extensão Universitária desempenhou sua função, influenciando a criação dos modelos de Universidade (SOUSA, 2010).

Ao final da década de 1930, no governo Vargas houve grandes mudanças de práticas educativas, nas quais a Extensão aparece como *modelo de ação voluntária sócio-comunitária* que de modo processual se comprometia com as mudanças sociais, com os vínculos ideológicos e pensada a partir da militância política dos docentes e discentes. Este modelo foi representado pelo Movimento Estudantil de Córdoba na Argentina que passa a ser um marco

no paradigma de Extensão com a participação dos estudantes em prol: de uma reforma das universidades latino-americanas; da transformação social em oposição ao modelo de reprodução ideológica do desenvolvimento capitalista e em oposição ao modelo de extensão francês de prestação de serviços.

Os movimentos das universidades populares e o movimento estudantil foram importantes entre a comunidade e culminaram na criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), criada em 1937 e efetivada em 1938.

Com o passar do tempo, nos anos 60 e 70 o Movimento Estudantil se vincula a uma prática de extensão universitária emancipadora e, por isso, o Governo Militar instituiu no Brasil programas de atuação esporádica e desvinculada das instituições universitárias. O *Projeto Rondon*³⁴ configura este cenário com o modelo de prestação de serviços. Fomentando este debate, surge o movimento de *ação sócio-comunitária institucional*, que não era vinculado às universidades e sua prática não era sistemática, nem sistêmica, os estudantes eram levados a conhecer apenas parte da realidade trabalhada e não estabeleciam vínculos mais permanentes com o local.

Nestes últimos dois modelos de Extensão supracitados (*Modelo de ação voluntária sócio-comunitária* e *Modelo de ação sócio-comunitária institucional*) há clara influência da tendência individualista na Educação, segundo Cury (1989, p. 11-12):

Como o desenvolvimento e aperfeiçoamento de forças individuais, baseada na liberdade e nos direitos do indivíduo ajudando o homem a se realizar a si mesmo sem que os objetivos da ordem social fossem, na sua essência, postos em dúvida. Caberia a educação, mediante o pleno desenvolvimento de cada um, realizar uma ordem mais justa, pois esse desenvolvimento significaria um melhoramento de todos os grupos sociais.

As duas tendências educacionais (determinista e individualista) concebiam a educação como reprodutora da ordem social vigente, sem, portanto, uma compreensão dialética do papel mediador da mesma. Bourdieu e Passeron fundariam a terceira tendência, oposta as

³⁴ O Projeto Rondon, coordenado pelo Ministério da Defesa, é um projeto de integração social que envolve a participação voluntária de estudantes universitários na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliem o bem-estar da população. Disponível em: <http://projettorondon.pagina-oficial.com/portal/index/pagina/id/9718/area/C/module/default>. Acesso em 15 de jul. de 2014.

duas primeiras, enfatizando o caráter produtor da educação até aquele momento. Antes da terceira tendência, o papel da educação tinha apenas um sentido: de cima para baixo, ou seja, uma educação “bancária”, ou seja:

... uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p. 58).

A partir dessas críticas é que foram denunciados os mecanismos usados pelas classes dominantes a fim de manterem um estado de coisas bem como a preocupação em desenvolver teorias que dessem conta do fenômeno educativo e de suas relações contraditórias (CURY, 1989).

Esses debates entre outros debates na sociedade desencadearam a redemocratização no final dos anos 80, na qual houve intensa mobilização social com movimentos populares, civis, sindicais e novos partidos políticos. As correntes marxistas influenciaram as abordagens dos movimentos sociais. Segundo Gohn (2012, p.188):

Gramsci é o autor que mais contribuiu para as análises das lutas e movimentos populares urbanos realizadas na América Latina nos anos de 1970 e início dos 80... ele é o autor que fez a ponte possível para a compreensão da realidade: a articulação entre as análises estruturais e as conjunturais. Ele resgatou a política e as conjunturas específicas, abrindo caminhos para se fugir das análises mecanicistas e deterministas da história.

As ideias de Gramsci, e de *Paulo Freire*³⁵ começam a fundamentar os conceitos e práticas da Extensão Universitária, tais ideias podem ser associadas ao *modelo acadêmico institucional* no qual, a Extensão Universitária atravessada por discussões sobre: indissociabilidade entre os fazeres acadêmicos; desmistificação da militância política;

³⁵ Paulo Reglus Neves Freire (19/09/1921, Recife - 02/05/1997, São Paulo). Seu pensamento rompeu a relação cristalizadora de dominação, buscando pensar a realidade dentro do universo do educando, construindo a prática educacional considerando a linguagem e a história da coletividade elementos essenciais dessa prática. Paulo Freire provou que é possível educar para responder aos desafios da sociedade, neste sentido a educação deve ser um instrumento de transformação global do homem e da sociedade, tendo como essência a dialogicidade. Disponível em: <http://www.pucsp.br/paulofreire/paulofreire.htm>. Acesso em: 21 de nov. de 2013.

conscientização da Extensão enquanto troca; e enquanto via de mão dupla; Extensão como produção de conhecimento. Neste modelo fica clara uma nova tendência na área da Educação, que, ao contrário das tendências anteriores, concebe uma visão dialética do homem e do mundo, o que implica, segundo Cury (1989, p. 12-13):

...conceber a realidade social como espaço efetivo de luta de classes, no interior da qual se efetua a educação, rejeitando a impositividade da dominação como espontaneísmo das classes dominadas... Assim considerar a educação na sua unidade dialética com a sociedade capitalista é considerá-la no processo das relações de classe, enquanto essas são determinadas, em última instância, pelas relações de produção.

Deste modo, a realidade e a Educação não podem ser consideradas fora da lógica capitalista e de suas relações contraditórias, fazendo-se pertinente pensar a educação numa compreensão dialética.

Posto isto, em 1987, o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), redefiniu a Extensão Universitária com a legalização de suas atividades enquanto processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade, sendo criadora e oportunizando uma *práxis*:

A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da *práxis* de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento (FORPROEX, 1987 *apud* PNE, 2012, p. 8).

Contudo, reconhece a importância da troca de saberes:

Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade (p.8).

Concebe-se a partir daquele momento a Extensão enquanto instrumento dialético entre teoria/prática: “Além de instrumentalizadora desse processo (...), a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social” (p. 8).

Há, portanto no FORPROEX uma concepção de Extensão como prática acadêmica que integra também o ensino e a pesquisa partindo dos problemas sociais em que o conhecimento possa ser uma ferramenta para a transformação da sociedade.

Este conceito, segundo Serrano (2010), apresenta uma extensão universitária mais democrática, instrumentalizadora do processo dialético teoria/prática, problematizadora de forma interdisciplinar, possibilitando uma visão ampla e integrada da realidade social, o que seria uma concepção expressivamente do pensamento de Freire (2011), pois, segundo o autor, haveria aí a relação dialética, a sistematicidade, o reconhecimento do outro e de sua cultura, a apropriação pelo outro do conhecimento com liberdade para transformá-lo.

Para Freire (2011) a ação extensionista parte da realidade própria do povo e do diálogo sobre tal realidade, como ato cognoscente mediado pelo educador gerando outros temas e transformando a percepção tanto do educador quanto do povo sobre a realidade. Por conseguinte, o conteúdo nasce da realidade do povo, de suas relações com o mundo e do desvelamento de suas realidades superando, assim, uma concepção ingênua da educação como “pura transmissão” de conhecimentos. Esse encontro entre os sujeitos, enquanto ação da Extensão tem de levar em conta as condições existenciais do povo, sua visão cultural e suas crenças, partindo deste nível e não do nível do extensionista.

No trabalho de Extensão, o questionamento de uma realidade se dá por meio do desvelamento dos temas geradores provenientes da mesma, este processo de desvelamento leva a “codificações” nas quais um tema conduz necessariamente a outros temas.

As codificações seriam representações de situações reais existenciais do povo, de modo que os mesmos, enquanto interlocutores se intencionem à realidade enquanto situação-problema, buscando, dialogicamente, a compreensão significativa da realidade a partir da elaboração de um significado próprio. As decodificações se tornam um ato de comunicação verdadeira, desafio ao povo, de maneira a cada vez mais penetrar na significação do conteúdo temático diante do qual se acham. A decodificação seria um dar-se conta da situação como ato cognitivo, é um momento dialético em que as consciências cointencionais refazem seu poder reflexivo, reconhecendo-se como seres transformadores do mundo. Se antes o trabalho de cortar uma árvore e transformá-la em um móvel podia significar algo um pouco mais que o trabalho físico, pode pela significação verdadeira proposta se tornar algo mais, ou seja, a *práxis* (FREIRE, 2011).

Segundo Serrano (2010), a Extensão Universitária ainda vivencia a consolidação do fazer acadêmico, proposta pelo Plano Nacional de Extensão e explicitado por Paulo Freire. A

consolidação do fazer acadêmico ainda está longe de ser uma realidade plena nas universidades brasileiras.

Posto isto, uma extensão desenvolvida no diálogo e no respeito à cultura local, seriam um legado importantíssimo do pensamento de Freire nas universidades públicas brasileiras.

Entretanto, mesmo com o legado de Freire e com uma maior aproximação da Extensão Universitária com os problemas sociais, a Educação vem sendo inserida nos últimos anos dentro do cenário educacional neoliberal no qual, as práticas educacionais se tornam instrumento para benefícios exclusivos do capital.

No cenário atual a Educação vem se constituindo como um setor de serviços na economia dos países capitalistas. Posto isto, vem se tornando, cada vez mais, imprescindível direcionar olhares para o presente e para o futuro os quais se constituam em atos educativos não *sobre* o povo, mas *com* o povo podendo possibilitar a autonomia de todos os sujeitos envolvidos.

Olhar para as questões deste tempo não significa deter-se apenas em elaborações e exercícios intelectuais, mas, como em Gramsci (1999), ter uma concepção dialética da realidade, ter um discurso inerente ao agir político, ao pensar o real e suas contradições, aos problemas concretos e às tentativas de superação dos mesmos.

Para olhar para as questões deste tempo, neste sentido, faz-se necessário olhar o cenário atual, no qual a economia, com o Fundo Monetário Internacional - FMI, o Banco Mundial e o GATS³⁶ elaboram regras internacionais para a liberalização do comércio entre os países a partir de rodadas de negociação. Nestas rodadas de negociação, segundo Haddad (et al. 2008, p 91), a Educação é tratada enquanto um serviço, no qual o GATs estabelece e classifica a natureza de suas atividades comerciais com regras setoriais e com grau de liberalização comercial para cada setor.

Em meio a esse “jogo do mercado educacional” entre países e blocos econômicos, a Educação cada vez mais perde a dimensão de direito universal e de necessidade intrínseca ao ser humano. Em outras palavras, para Haddad (et.al. 2008, p 99) a Educação perde sua dimensão de direito humano no tabuleiro de negociações.

A Universidade se faz refém do produtivismo acadêmico que dita os tempos para uma produção acadêmica em série. A explosão de estudantes matriculados no ensino superior nas ultimas décadas, aliada ao lucro do setor privado, à intensificação e à precarização, a

³⁶ Acordo Geral de Comércio de Serviços (GATS – sigla em inglês), que define regras de negociação de investimento em serviços, por meio da Presença Comercial.

sobrecarga do trabalho docente e o aumento de padrões de exigência de produção, coloca a todos num cenário em que fica cada vez mais difícil dar passos aonde não se enxerga um horizonte.

Para os educadores cresce a necessidade de falar por si mesmos, procurando as suas palavras, os seus dizeres e não sempre o que os órgãos de fomento esperam ouvir. É desta sede de palavras e ações que os educandos estão esperando por beber para que um dia o possam também oferecer às futuras gerações. Posto isto, o que a Universidade comunica aos cidadãos é a expressão de seu pensamento e construção de vários mundos por vários sujeitos.

Diante do cenário em que se encontra a Universidade Pública é pertinente voltar-se ao pensamento de Paulo Freire entendendo que a mera compreensão teórica, a compreensão dos signos e do atual contexto, por si só, não modifica as convicções dos sujeitos.

Segundo Freire (2011, p 96) “Não obstante, a compreensão dos signos, como tampouco a compreensão do contexto, não é suficiente para que eu compartilhe de sua convicção”. Por consequência, a luta histórica por uma concepção e um modelo de Extensão Universitária, construído por todos como uma *práxis* de diálogo, de conhecimento, de um processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade FORPROEX (1987) não significa que nesta luta todos os sujeitos e práticas envolvidos compartilhem desta convicção, ou melhor, de uma única concepção.

As convicções e pensamentos dos sujeitos estão intimamente ligados às suas concepções de mundo. Sendo assim, para Gramsci (1999) é preferível a todos que participem de uma concepção de mundo que não seja imposta de fora por um grupo, mas que os homens sejam capazes de participar criticamente na produção da história e elaborar as suas próprias concepções. De modo que todos os homens são filósofos, ao participarem de uma concepção de mundo (GRAMSCI, 1999).

A aparente omissão ou ingenuidade perante um contexto tem, mesmo que inconscientemente, uma ação implícita. Se todos são conformistas de algum conformismo, as visões de mundo constituem coletividades e subjetividades, são intrínsecas aos comportamentos e a vida cotidiana dos homens, e é em meio a esse emaranhado do real que os homens se fazem, na dialética entre pensamento e ação.

Para Gramsci, (1999) é necessário, se perguntar, portanto, de qual conformismo se quer participar. Dessa maneira, esta indagação leva a busca por compreender a presença da Extensão Universitária, desde a sua criação, no palco de disputas políticas e ideológicas e,

dentro deste cenário, contudo, algumas de suas concepções atuais também ligadas à uma visão crítica, a uma *práxis educativa*, à uma pedagogia para a autonomia humana inspirada em Freire. Neste sentido pode-se dizer que a Extensão, desde a sua criação, se constitui em um lócus de disputas, um cenário polissêmico e, portanto, muitas vezes contraditório.

Olhar para o presente da Extensão Universitária nos remete a fios que se teceram historicamente durante o século passado e que são chaves para desvendar, inclusive as razões e origens das incertezas dos novos tempos. De forma a considerar, assim como Batista (2007), o movimento dialético da história que não se concretizaria sem a existência da *práxis* dos sujeitos sociais:

(...) o que está no centro das atenções contemporâneas é a permanência de um trabalho educativo anti-excludente e, apesar da heterogeneidade e multiplicidade de formas, práticas e teorias, a educação popular identifica-se através de um núcleo comum (bipolar, mas inseparável) constituído pelo binômio educação-política, em que, certamente a *práxis* é seu referencial maior, pois de acordo com Gadotti (2000), elas têm em comum o compromisso com a emancipação humana (BATISTA, 2007, p 173).

Posto isto, em Sousa (2010), é preciso entender a necessidade de que a Extensão seja mediadora no processo de romper com o velho e assumir características da contemporaneidade, o que conseqüentemente, deve levar ao questionamento de paradigmas, em vista da construção de outro paradigma, não como processo acumulativo, mas como construção nova. Deste modo, segundo a autora, a Universidade precisa estar alerta quanto a sua função política de transformação das condições sociais de dominação.

E é como *práxis* revolucionária que entendemos o papel da Extensão hoje. É esta sua responsabilidade. Só desta forma a Universidade poderá ser aceita como instrumento transformador do real, quando estiver atuando sobre as mudanças das circunstâncias (SOUSA, 2010, p. 130).

Romper com o velho e questionar os paradigmas atuais como construção nova requer olhar para o passado na história da Extensão Universitária questionando-o em vistas de compreender a tessitura atual. Para romper com o velho e questionar os novos paradigmas é preciso se ter em vista, uma *práxis revolucionária*, bem como a superação das perspectivas *coloniais* as quais privilegiam apenas um modo de pensar o mundo deixando seus rastros do seu passado no presente.

Faz-se, necessário, portanto, pensar a Universidade Latino-americana, enxergar as visões de mundo dos povos latinos, a maneira como concebem o conhecimento, a ciência, o

homem, a sociedade e a democracia em vista de uma Universidade que possa ser instrumento de mudanças. Para tanto, é preciso compreender que a constituição do mundo moderno/colonial que a partir do século XV assentou em projetos civilizadores para reduzir a compreensão do mundo à compreensão ocidental do mundo, condição esta que levou à redução dos conhecimentos dos povos conquistados em relação à ciência, inaugurando uma ortodoxia conceitual responsável pela subordinação e invisibilidade do Sul (SANTOS, 2005b).

A *colonialidade do poder e do fazer*, desde o século XVI, foi exercida na superioridade dos saberes ocidentais que atravessou as línguas, as identidades, os seres, as histórias e os modos de estar no mundo. A Europa criou um paradigma da história mundial em contraposição a um espaço “*sem ciência, sem pensamento e sem filosofia*”, ou seja, de “*colonialidade das Américas*” (SANTOS, 2006).

É hoje evidente que, para além das dimensões econômicas e políticas, o colonialismo teve uma forte dimensão epistemológica, e que, em parte por isso, não terminou com o fim dos impérios coloniais. Por isso importa avaliar o modo como o Sul foi e continua a ser afetado por esse processo de colonização, sem o que não será possível pensar a diversidade epistemológica do mundo (SANTOS 2005b, p. 27).

A “*colonialidade das Américas*”, em Santos (2006), pode ser associada ao processo de desumanização apontado por Freire (1987, p. 30):

A desumanização, que não se verifica apenas nos que tem sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do *ser mais*. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização... somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém *destino dado*, mas resultado de uma “ordem injusta” que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*.. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores.

De modo que a libertação necessária só chegará “pela *práxis* de busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (Freire, 1987, p. 31). Essa necessidade se faz numa eminente desconstrução do conceito vigente de ciência e de prática.

A atual ideia de ciência nega outras formas de conhecimento e, em um sentido único, não leva em consideração a existência da *diversidade epistêmica* (SANTOS, 2006).

Desta maneira, o problema maior, segundo o autor não está no que se chamou de ciência, mas na forma como se concebeu a modernidade: enquanto superioridade da capacidade de pensamento humano de alguns indivíduos sobre outros.

Faz-se necessária segundo Santos (2006), a “*socialização do poder*” em todos os níveis para que a “*colonialidade*” seja o ponto principal a ser negado em vista de uma descolonização enquanto libertação e socialização do conhecimento. De maneira que a “*diversidade epistêmica*” seja o paradigma de transição na perspectiva de um olhar que emerja da “*racionalidade subalterna*”.

Os requisitos para novos paradigmas de conhecimentos na Universidade são de fato, a resignificação da Extensão, do Ensino e da Pesquisa enquanto alicerces do *diálogo* aberto com diversas matrizes de conhecimento em que uma não se sobreponha à outra, mas que todas juntas se complementem mutuamente para uma nova Universidade. A resignificação da Extensão perpassa o conceito de *construção* apontado por Santos (2005b, p. 42):

Construir, nessa perspectiva, significa pôr em relação e em interação, no quadro de práticas socialmente organizadas, materiais, instrumentos, maneiras de fazer, competências, maneiras de criar algo que não exista antes, com propriedades novas e que não pode ser reduzido à soma dos elementos heterogêneos mobilizados para a sua criação.

O próprio ato de conhecer é uma construção, no sentido de que é uma intervenção sobre o mundo “que nos coloca neste e aumenta a sua heterogeneidade”. Santos (2005b, p. 42).

Por conseguinte, a Extensão Universitária não pode negar a heterogeneidade e a construção do conhecimento, deve, contudo, negar o exclusivismo epistemológico da ciência que se dá também entre o conhecimento técnico ou especializado e o conhecimento leigo, “separação esta que veio a legitimar a autonomia dos cientistas e dos especialistas... ao mesmo tempo em que remeteu o cidadão para o silêncio, ao atribuir-lhe o estatuto de mero observador e consumidor da ciência”. Santos (2005b, p. 55).

A cultura do silêncio entre os cidadãos é produzida também entre os países de Terceiro Mundo e as “metrópoles”, sendo, portanto, definidora de um padrão de consciência que traduz, na sua essência, a realidade concreta das sociedades que vivem a problemática da dependência.

Posto isto, para Freire se faz imprescindível a preocupação em entender a educação como instrumento de *conscientização*, para pensar a educação como instrumento de revolução

cultural. A *conscientização* nada mais é do que reconhecer que no próprio ato de conhecer o mundo o homem conhece a si próprio e, assim, pode transformá-lo, de modo que a sua consciência é ação, ou seja, é *práxis* (BAUER, 2008).

É neste sentido que a Extensão Universitária se constitui enquanto “a própria fronteira entre o técnico e o social, uma fronteira móvel, que deve ser redefinida em função da situação e do problema, através das contribuições de todos os envolvidos” Santos (2005b, p. 56). A ponte entre o técnico e o social, entre os países de Terceiro Mundo e as metrópoles se faz por meio do diálogo verdadeiro em vista da participação cidadã no campo da ciência.

No entanto, o aumento da participação dos cidadãos para manejar questões técnicas tem transformado qualitativamente o diálogo entre os cidadãos e cientistas e tem levado estes últimos a integrar nas suas agendas científicas, conhecimentos que antes eram considerados irrelevantes... Quando soluções técnicas se chocam com o conhecimento prático e a experiência sociocultural dos cidadãos envolvidos e esse choque é politizado por via mobilização organizada dos cidadãos, é frequente que essas soluções acabem por ser questionadas por outros cientistas e técnicos, dando, assim, testemunho da pluralidade interna da ciência...(SANTOS, 2005b, p. 56)

É por meio do *diálogo* que a Extensão Universitária pode construir a *práxis* dos homens enquanto *conscientização*, enquanto consciência da transformação do mundo, transformação esta que não continue reduzindo tudo o que é relevante a modelos, como o colonialismo, por exemplo.

É diante da fronteira móvel entre o técnico e o social e do *diálogo* enquanto fundante para a construção da *conscientização* e da *práxis* que se deve constituir o lócus da Extensão Universitária.

Para Santos (2005), a Universidade Pública enquanto espaço de interconhecimento deve, para tanto, passar por uma reforma democrática, emancipatória e criativa.

O significado da palavra *Extensão* enquanto transmissão e extensão do conhecimento a alguém deve ser modificado para um significado no sentido de expandir ou maximizar a relação dos sujeitos como o mundo e com a própria ação de conhecer. Extensão como elo entre os homens, entre as culturas, em que uma não se sobreponha a outra, mas que ambas em conjunto se estendam entre si, numa relação de diálogo verdadeiro, de humildade e de aprendizado mútuo (FREIRE, 2011).

Pensar de fato, um novo paradigma de extensão, requer olhar para as experiências locais e regionais, a “Extensão como mediadora desta ação, precisa começar dentro de si mesma e arriscar-se também fora de seus muros” Sousa (2010, p. 129).

Arriscar-se fora de seus muros é para a luta histórica pela definição do conceito de Extensão Universitária a luta por sua legitimidade social. Neste sentido, podemos identificar inspirações em Santos (2005) no que diz respeito à *luta pela definição da legitimidade da Universidade*. Nesta luta, diferentemente do cenário de Extensão enquanto vasta prestação de serviços ao capital, a centralidade a ser ocupada pela Extensão deverá ser colaboradora para a participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia.

Na luta pela definição de legitimidade da Universidade, Santos (2005) aponta a necessidade de uma *globalização alternativa ou contra-hegemônica* na qual se busca responder por demandas de democratização radical da Universidade e, assim, colocar fim a uma longa história de exclusão de grupos sociais e de seus saberes. Para o autor não é possível uma solução nacional sem articulação global, e esta última, mesmo dominada pela globalização neoliberal não deve se reduzir a ela. A articulação global só se faz num regime de reciprocidade, benefício mútuo, por meio das tecnologias de informação e comunicação, por novos compromissos nacionais, locais, globais e pela resolução coletiva de problemas sociais, ou seja, tudo isso deve constituir um novo contrato universitário no âmbito do mundo globalizado.

É ainda, por meio de um novo projeto político, segundo Santos (2005), que a Universidade Pública pode assumir um papel protagonista no qual os universitários assumam um papel de denúncia do status quo.

São os cidadãos individualmente ou coletivamente organizados em movimentos sociais que, segundo o autor, podem diminuir o distanciamento em relação aos setores “não cultos da universidade”. Desta maneira, a partir de um conjunto de iniciativas de responsabilidade social da Universidade se conseguiria espaço para o *conhecimento pluriuniversitário* e solidário, que ao protagonizar os cidadãos pode fazer com que a Universidade se veja e de fato e tenha legitimidade social com ações que priorizem o *interconhecimento* por meio do qual, todos intervenham no espaço público universitário sem que sejam necessariamente aprendizes tendo, portanto, seus saberes valorizados (SANTOS, 2005).

O Estado nacional ainda adota ou cede às pressões da globalização e o capital nacional está transnacionalizado e integrado na globalização neoliberal. Ainda nesta perspectiva, para que a Universidade, o Estado Nacional, os cidadãos individuais e ou coletivos e o capital nacional sejam protagonistas do projeto político de resposta ativa da Universidade contra uma globalização neoliberal é necessário que se reconquiste a legitimidade da Universidade no

século XXI com funções diferentes do que as que foram atribuídas no século XX. Desta maneira é possível alguns princípios norteadores deste novo projeto político de universidade (SANTOS 2005).

O primeiro deles seria *enfrentar o novo com o novo*: nas últimas décadas a mercadorização do ensino superior envolveu também transformações nos processos de conhecimento, sendo que o que existiu antes, para o autor, é irreversível. No entanto, a resistência tem de promover alternativas de pesquisa, de formação, de extensão e de organização para a democratização do bem público.

Lutar pela definição da crise: a Universidade tem que sair da defensiva do ataque maciço dos Estados que leva a perda de hegemonia e de autonomia da Universidade:

O ataque à universidade por parte dos Estados rendidos ao neoliberalismo foi de tal maneira maciço que é hoje difícil definir os termos da crise que não em termos neoliberais. Aliás, reside aqui a primeira manifestação da perda de hegemonia da universidade. A universidade perdeu a capacidade de definir a crise hegemonicamente, isto é, com autonomia mas de modo que a sociedade se reveja nela. Aliás, é esta perda que justifica a nível mais profundo a dominância de posições defensivas. É por isso crucial definir e sustentar uma definição contra-hegemonica da crise (SANTOS, 2005, p.168)

Esta crise, segundo o autor se pauta nas transformações na produção do conhecimento, com a transição, em curso, do conhecimento universitário convencional para o conhecimento pluriversitário, transdisciplinar, contextualizado, interativo.

Compreendem-se, portanto, a partir das reflexões feitas que o histórico da Extensão Universitária retrata um conceito polissêmico, influenciado por diversos fatores sociais, uma atividade que gradativamente passou de prestação de serviços à uma tentativa de aproximação de seu compromisso social.

O que se chamou de ciência influenciou a concepção mundial sobre o conhecimento levando à equívocos nas relações entre Universidade e Sociedade e determinando algumas perspectivas de Extensão Universitária que sugerem ações de *invasão cultural*, ou seja, de sujeitos que invadem os espaços históricos com uma determinada visão de mundo, sobrepondo-a à visão de mundo dos demais sujeitos sociais.

Uma Extensão ainda ligada à *invasão cultural*, segundo Freire (2011), inaugura uma relação autoritária, bancária (de mero depósito do saber), manipulatória e de persuasão. Tal invasão contradiz a história e, portanto, a afirmação da consciência histórica dos sujeitos que se fazem nas suas relações concretas, na experiência e estar sendo no mundo.

Esta *invasão cultural* que originou uma *racionalidade ocidental* se enraizou nas tendências educacionais e modelos de Extensão Universitária. Deste modo, no atual contexto neoliberal de produtivismo acadêmico e de uma concepção educacional enquanto serviço do setor econômico se faz imprescindível a busca contínua pela *legitimidade* da Universidade na qual a Extensão se constitui enquanto aspecto fundante.

Portanto, a *reconquista da legitimidade* da/pela Universidade se daria numa reforma universitária com apontamentos em Santos (2005) que se fazem presentes, enquanto tentativa, na proposta de uma Extensão no contexto local (Programa Teia/UFV).

Para Santos (2005), a universidade não pôde, até agora, tirar proveito destas transformações, levando a uma pluralidade de fatores:

...crise financeira, rigidez institucional, muitas vezes exigida pelo mesmo Estado que proclama flexibilidade; uma concepção de liberdade acadêmica e de *expertise* que impediu de trazer para a universidade novos perfis profissionais capazes de lidar criativamente com as transformações; incapacidade de articular a preciosa experiência de interação presencial com a interação à distância; uma cultura institucional de perenidade que desvaloriza as mudanças. As reformas devem partir da constatação da perda de hegemonia e concentrar-se na questão da legitimidade (SANTOS, 2005, p.168-169).

Para o combate a esta crise, faz-se fundamental, segundo o autor, sustentar uma definição contra-hegemônica que possa concentrar-se na legitimidade social perdida pela Universidade. Dentre os aspectos apontados por Santos (2005), a *luta pela legitimidade social* colaborará na *Luta pela definição de universidade*, esta última só acontecerá quando a Universidade contemplar verdadeiramente a pesquisa, a extensão e a pós-graduação:

O grande problema da universidade neste domínio tem sido o facto de passar facilmente por universidade aquilo que o não é. Isto foi possível devido à acumulação indiscriminada de funções atribuídas à universidade ao longo do século XX... As reformas devem partir do pressuposto que no século XXI só há universidade quando há formação graduada e pós-graduada, pesquisa e extensão. Sem qualquer destes, há ensino superior, não há universidade (SANTOS, 2005, p. 169).

Posto isto, é a partir desta *luta pela definição e legitimidade* da Universidade, tendo em vista a negação da *invasão cultural* e da inferioridade atribuída às outras racionalidades diante da *racionalidade ocidental* que o Programa Teia/UFV pode tecer alguns horizontes.

Após uma breve exposição de alguns aspectos importantes da Extensão Universitária e algumas, traz-se, a diante, as contribuições do Programa com relação à Extensão.

3.2 Agroecologia, movimentos sociais e cultura local.

A Universidade Federal de Viçosa está situada no sudeste do país, na região de Mata Atlântica, conhecida como Zona da Mata Mineira, região na qual a economia do município baseia-se, essencialmente, no ensino, agricultura, pecuária e prestação de serviços especializados (comércio e construção civil).

A instituição surgiu com o predomínio de um tipo de extensão com bases americanas e segundo Azevedo (2005), inspirada nos Colleges norte-americanos, voltada aos produtores rurais de Minas Gerais, com uma proposta de modernização dos setores agrícolas e tendo a universidade como propulsora do desenvolvimento nacional. A extensão neste contexto teve um caráter de aprendizado na prática.

A instituição atualmente é reconhecida como precursora no *agronegócio*, “projeto de desenvolvimento comandado por agentes externos ao território motivados pela extração das riquezas territoriais por meio de regras econômicas, marcos legais e modelos técnico-produtivos moldados para viabilizar os mercados globalizados” (ANA, 2013, p. 2).

Contudo, a instituição também dissemina atualmente, por meio do Programa Teia e de outras ações, “a *agroecologia*, projeto construído a partir da mobilização social de agentes do território que, em resposta aos processos de expropriação (desterritorialização) impostos pelo agronegócio e por outros agentes do capital globalizado (p. ex. mineração), protagonizam dinâmicas locais de inovação técnica, social e institucional (incluindo a construção de mercados) que valorizam as riquezas territoriais em benefício da justiça e sustentabilidade ambiental, da saúde coletiva, da economia solidária e da equidade entre gêneros e gerações” (ANA, 2013, p. 2-3).

A agroecologia se dissemina na Zona da Mata Mineira com alguns processos que ocorreram na década de 1970: intensificação do processo de modernização da agricultura, com políticas estruturantes de implantação das modernas lavouras de café o que impulsionou a criação da COAVAP – Cooperativa Agropecuária do Vale do Paraíso, que abrangia 45 municípios (A cooperativa teve um papel fundamental de intensificação do uso de agrotóxico nas lavouras, pelo incentivo e a venda desses produtos aos agricultores filiados); o

desenvolvimento da exploração do carvão na Serra do Brigadeiro na Belgo Mineira e a prospecção das barragens na região que começam a ser constituídas no final dos anos 1980.

No cerne das ideias de Paulo Freire, a educação popular, nesta época lança as suas sementes, enquanto movimento educativo que atingia a América Latina norteando as ações não só de educadores, mas também de militantes, organizações civis e redes sociais. A concepção pedagógica é atrelada à prática social, incorporando a leitura crítica das realidades locais e globais.

Na Zona da Mata Mineira, na década de 1980 os agricultores familiares começam a se organizar e passam a constituir um movimento.

A organização dos agricultores familiares na zona da mata começa a se constituir enquanto movimento a partir da década de 1980 com o MOBON – Movimento Boa Nova, vinculado a Igreja Católica na corrente da teologia da libertação, e as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Todo esse processo de mobilização dos agricultores e agricultoras envolvidos nas CEBs culminou com a fundação dos sindicatos de trabalhadores rurais (STR's) no final da década de 1980. Alguns sindicatos são criados na perspectiva das comunidades eclesiais de base, com um caráter mais combativo e com assessoria direta da Comissão Pastoral da Terra – CPT, outros são criados pela FETAEMG, mas sob a mesma influência das CEB's. (ANA, 2013, p. 8)

O contexto local da Zona da Mata, vinculado a teologia da libertação, retrata como o movimento pedagógico e prática educativa emancipadores, guardavam estreita relação não só com a teologia da libertação, mas com a igreja popular, a comunicação alternativa, a perspectiva de gênero, o movimento de mulheres, a pesquisa-ação participativa e o ambientalismo (CARRILO IN STRECK & ESTEBAN, 2013).

Um marco histórico das ações engendradas em torno da agroecologia foi o movimento “Em defesa da Vida e do Meio Ambiente”, na década de 1990. Esse movimento teve uma inserção forte da saúde como temática do trabalho sindical, sendo as experiências com medicina alternativa e homeopatia fundadas nesse período principalmente em Espera Feliz (MG). Toda a crítica contra os agrotóxicos exigia propostas alternativas do movimento (ANA, 2013, p. 8).

A agroecologia surge para tratar de limites da própria ciência ao tratar: das relações sociais, da qualidade de vida, da sustentabilidade, da equidade e da segurança alimentar. Ela se propõe a construir estratégias de desenvolvimento sustentável com forte crítica ao modelo de produção e modo de vida capitalistas. A agroecologia surge enquanto crítica à direção de desenvolvimento ligada a privatização da ciência, da tecnologia e do conhecimento.

No Brasil, o novo padrão de expansão e acumulação de capital no final do século passado, faz com que “os camponeses e os trabalhadores do campo, organizados nos Movimentos Sociais, resistam a esse modelo de desenvolvimento rural, a essa lógica de agricultura que vai sendo imposta e ao modelo tecnológico e às relações de trabalho que ele impõe” (Paludo in Streck & Esteban, p. 73, 2013).

Neste sentido, ainda na década de 1990, há um processo de mobilização em torno da criação das Escolas Família Agrícola - EFA's, as quais se tornam um marco da educação do campo na Zona da Mata:

A primeira escola constituída foi em Muriaé, anos mais tarde foram se constituindo as outras escolas em Acaiaca, Ervália, Araponga, Sem Peixe, Simonésia. O movimento da educação do campo tem um caráter regional, articulado a partir da AMEFA (Associação das Escolas Família Agrícola) (ANA, 2013, p. 8-9)

Nos anos 2000, a conquista do assentamento *Olga Benário em Visconde do Rio Branco (MG)*³⁷, vinculado ao movimento dos trabalhadores rurais sem terra – MST, marca a chegada do movimento na Zona da Mata. Os conflitos ainda são atuais, na luta pela terra, principalmente nas terras vinculadas aos reassentamentos do Movimento dos Atingidos por Barragens (ANA, 2013).

Dentro do movimento agroecológico na Zona da Mata, com as *Caravanas Agroecológicas*³⁸, outro marco importante da construção da *Agroecologia*, foi realizado com

³⁷ O assentamento Olga Benário, antiga fazenda Santa Helena localiza-se em Visconde do Rio Branco, Zona da Mata de Minas Gerais (MG). O assentamento foi criado em 2005, com 760 há, planejado para 30 famílias, vindas, predominantemente, da região metropolitana de Belo Horizonte. A maioria delas passou de quatro a cinco anos acampada, e foram despejadas várias vezes antes de ser assentadas. *Território e territorialidade durante a consolidação de assentamentos rurais: assentamento Olga Benário, Visconde do Rio Branco, MG*. MATUK, F. A.; MAGNO, L., In: Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, Porto Alegre, RS, 2010, p. 2.

³⁸ A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) promoveu Caravanas Agroecológicas e Culturais em todas as regiões do País, em parceria com diversas organizações locais, como parte do processo preparatório ao III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA). As caravanas foram importantes para mostrar a diversidade de experiências agroecológicas presentes nos territórios e fortalecer os processos de mobilização social nesses locais. Também evidenciaram os projetos antagônicos em disputa nesses locais, como é o caso do perímetro irrigado a ser implantado na Chapada do Apodi (RN-CE), o crescimento da mineração na Zona da Mata (MG), as hidrelétricas previstas para o rio Tapajós, em Santarém

um diagnóstico participativo em Araponga, na década de 1990. Esse diagnóstico estabeleceu a mobilização do movimento sindical no processo de constituição do *Parque Estadual da Serra do Brigadeiro*³⁹, na qual os agricultores e agricultoras tiveram um papel fundamental na definição da área do parque (ANA, 2013).

Nos anos 2000 a UFV se envolveu com organizações de assessoria e organizações da agricultura familiar e camponesa na construção da rede sócio-técnica de desenvolvimento da agroecologia, a instituição passa também a sistematizar as experiências com sistemas agroflorestais articulando o conhecimento dos agricultores e agricultoras com o conhecimento científico. Com esta iniciativa, presente atualmente nos municípios de Araponga, Divino, Espera Feliz, Acaiaca, Muriaé, Pedra Dourada, Tombos e Eugenópolis, os Sistemas Agroflorestais na zona da mata ganham expressão nacional.

Esta iniciativa da instituição de se aproximar dos processos agroecológicos é uma relação de conflito, pois a instituição convive diretamente e se relaciona com a ampliação do agronegócio na região e no país.

Ainda nos anos 2000 ampliam-se as experiências agroecológicas e a comercialização de seus produtos, surgem outras experiências como a rede de consumidores Raízes da Mata, em Viçosa, que envolve diversos municípios da região, a exportação de café orgânico e “fair trade”, estruturação de pontos de venda das associações etc.

Atualmente, a construção da agroecologia na Zona da Mata tem impactado a região, contudo, ainda é elevado o uso de agrotóxicos, nas comunidades rurais e a disseminação de sementes transgênicas de milho na região. Os desafios postos para a agroecologia no contexto local são de enfrentamento aos principais conflitos supracitados.

Em meio a estas tensões na região da Zona da Mata Mineira e dando continuidade as lutas no campo da agroecologia é que o Programa Teia/UFV nasceu em 2005, na tentativa de

(PA) e o uso intenso de agrotóxicos no Mato Grosso, inclusive na região de Cáceres. Disponível em: <http://enagroecologia.org.br/historico/>. Acesso em 19 de jun. de 2014.

³⁹ Criado em 27 de setembro de 1996 (Decreto n.º 38.319), o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro está localizado na região da Zona da Mata, a cerca de 290 Km de Belo Horizonte. Foi aberto à visitação em março de 2005. O Decreto 44.191, publicado em 2005, alterou a área do Parque. O Parque ocupa o extremo norte da Serra da Mantiqueira ocupando terrenos nos municípios de Araponga, Fervedouro, Miradouro, Ervália, Sericita, Pedra Bonita, Muriaé e Divino. Disponível em: <http://www.ief.mg.gov.br/component/content/197?task=view>. Acesso em: 10 de jul. de 2014.

tecer diálogos e saberes entre os estudantes, a Universidade e os agricultores e agricultoras, representantes de povos e comunidades tradicionais e assessores, oportunizando a produção de saberes voltados para as experiências territoriais vivenciadas e os debates realizados.

A partir dessas experiências do campo da agroecologia o Teia/UFV procura oportunizar em suas ações: o reconhecimento regional da cultura, das questões problematizadoras da realidade das comunidades por meio da análise das experiências, a valorização do alimento local, do artesanato e dos bens comuns das populações, a preservação do solo, e demais recursos naturais da região.

O Teia se configura em um ambiente de tensão, pois questiona, permanentemente, as práticas do agronegócio, a mineração e a expansão urbana. E questiona como as propostas de políticas públicas das organizações dos/as agricultores/as e dos povos e comunidades tradicionais podem apoiar o desenvolvimento da agroecologia na região.

O Programa, segundo seu histórico, desde a sua criação em 2005, visou construir conhecimentos e autonomias dos sujeitos acadêmicos e populares na cena pedagógica da Extensão Universitária, se constitui historicamente num conjunto de iniciativas dos movimentos sociais e agroecológicos, vinculados à realidade das culturas locais, na cidade de Viçosa e em comunidades e municípios próximos, no cenário da Zona da Mata Mineira.

3.3 A Práxis e a Experiência no Programa Teia/UFV

Em 2013 começou a minha inserção enquanto integrante e pesquisadora no Programa Teia/UFV, participando das reuniões semanais ao longo do ano, o que me proporcionou a identificação de algumas *práxis* existentes no Programa, sendo que “toda *práxis* é atividade, mas nem toda atividade é *práxis*” (VÁZQUEZ 2011, p. 219).

Ao expor algumas das *práxis* identificadas no Programa, me utilizo das reflexões de Vázquez (2011) as quais propõem que para definir o conceito de *práxis* se faz necessário ter clara a distinção entre: 1) *atividade e práxis*; 2) *adequação e fins*; 3) *atividade prática* e 4) *formas de práxis*.

1. *Atividade e práxis*: Toda *práxis* é atividade, mas nem toda atividade é *práxis*. Por atividade em geral entendemos o ato ou conjunto de atos em virtude dos quais o sujeito ativo (agente) modifica uma matéria-prima dada. Nesse amplo sentido,

atividade opõe-se a passividade, e sua esfera é a efetividade, não a do apenas possível. Agente é o que age, o que atua e não o que tem apenas a possibilidade ou disponibilidade de atuar ou agir. Sua atividade não é potencial, mas sim, atual. Ocorre efetivamente sem que possa ser separado do ato ou conjunto de atos que a constituem. A atividade se mostra nas relações entre as partes e o todo, nos traços de uma totalidade. A atividade propriamente humana apenas se verifica quando os atos dirigidos a um objeto para transformá-lo se iniciam com um resultado ideal, ou fim, e terminam com um resultado ou produto efetivo, real.

2. *Adequação e fins:* Ao se falar de atividade humana é preciso que se formule nela um resultado ideal, ou um fim a cumprir, com ponto de partida, e uma intenção de adequação, independentemente de como se plasme, definitivamente o modelo original. A atividade humana é, portanto, atividade que se orienta conforme a fins, e esses só existem através do homem, como produto de sua consciência. Toda ação verdadeiramente humana exige certa consciência de um fim, o qual se sujeito ao curso da própria atividade. O fim por sua vez é a expressão de certa atitude do sujeito diante da realidade. Pelo fato de traçar um fim, adoto certa posição diante dela. O fim, portanto, prefigura aqui o resultado de uma atividade real, prática, que já não é pura atividade da consciência. Não se conhece por conhecer, mas sim, a serviço de um fim, ou série de fins que pode ter como elo inicial o da conquista da verdade, por sua vez, como já assinalamos, os fins que a consciência produz levam em seu seio uma exigência de realização, e essa realização pressupõe – entre outras coisas – uma atividade cognoscitiva sem a qual, tais fins não poderiam ganhar chão, isto é, realizar-se. A relação entre conhecimento e ação requer a mediação dos fins que o homem propõe.
3. *Atividade prática:* A atividade se manifesta no trabalho humano, na criação artística ou na práxis revolucionária é uma atividade adequada a fins, cujo cumprimento exige certa atividade cognoscitiva. O objetivo da atividade prática é a transformação da natureza, a sociedade ou os homens reais. O fim dessa atividade é a transformação real, objetiva, do mundo natural ou social para satisfazer determinada necessidade humana.

4. *Formas de práxis*: A matéria-prima da atividade pode mudar, dando lugar à diversas formas de *práxis*. O objeto sobre o qual o sujeito exerce a sua ação pode ser: a) o dado naturalmente, ou entes naturais; b) produtos de uma *práxis* anterior que se convertem, por sua vez em matéria de uma nova *práxis*, como materiais já preparados com os quais o operário trabalha ou o artista plástico cria; c) o próprio humano, trate-se da sociedade como matéria ou objeto da *práxis* política ou revolucionária, trate-se de indivíduos concretos. Em alguns casos a *práxis* tem por objeto o homem e, em outros uma matéria não propriamente humana: natural em alguns casos, artificial em outros.

Feitas essas distinções o autor conclui que toda atividade é o resultado das ações (atos físicos, psíquicos ou sociais) do sujeito ativo ou de um agente (físico ou biológico) que modifica (o resultado pode ser uma nova partícula, um conceito, um instrumento, uma obra artística ou um novo sistema social) a matéria-prima (corpo, ser vivo, vivência psíquica, relação ou instituição social) (VÁZQUEZ, 2011).

Mas somente na *atividade prática, predominantemente humana*, que é também real e objetiva a qual tem como objeto a natureza, a sociedade ou os homens que se pode falar propriamente de *práxis* como atividade material consciente e objetivamente; portanto a simples atividade subjetiva – psíquica ou espiritual que não se objetiva materialmente não se pode considerar *práxis* que é uma ação sobre a realidade natural ou humana.

Se a *práxis*, diferentemente da teoria, é, em uma de suas definições, a ação dos homens sobre a matéria e criação dela, através de uma nova realidade, pode-se falar em diversos **níveis de práxis** “... de acordo com o **grau de penetração da consciência do sujeito ativo** no processo prático e com o **grau de criação ou humanização da matéria transformada** destacado no produto de sua atividade prática.” Vázquez (2011, p. 267).

De modo que a consciência dessa ação transformadora do mundo, chamada **consciência da práxis**, se encontra de modo diverso entre os homens, sendo preciso para alcançá-la: “*ultrapassar um ponto de vista espontâneo para ascender ao plano reflexivo*” Vázquez (2011); “*passar de uma consciência ingênua para a transitivo-crítica*” Nóvoa (1979); ou de “*uma atitude de senso comum para à atitude filosófica*” Gramsci (1999). “*Com a consciência da práxis pode-se unir conscientemente pensamento e ação*” Freire (2011).

Em suma, pode-se compreender que a *consciência da práxis* se constitui no movimento da ***consciência comum para a consciência reflexiva*** e, desta para ***consciência da práxis***. O ir além da *consciência reflexiva* é o que se designa por ***conscientização*** (BATISTA, 2007).

Contudo, toda atividade prática predominantemente humana, real e objetiva que se chama de *práxis* é uma atividade material consciente e objetivamente, ou seja, possui um nível mínimo de consciência do sujeito ativo sobre sua ação de transformação da realidade.

Diante da existência de variados níveis de consciência dos sujeitos variam os ***níveis de práxis***. Diferentemente, as ***formas de práxis*** estão relacionadas à ação sobre a matéria-prima e sua transformação durante uma atividade.

Sobre as *formas de práxis*, Segundo Batista, (2007, p, 181):

... a *práxis* se apresenta sob diversas formas específicas, mas todas elas são concordantes no fato de tratar da transformação de uma determinada matéria-prima e da criação de um mundo de objetos humanos ou humanizados, essas são: a *práxis produtiva* (transformação da natureza pelo trabalho humano, em que o homem se produz, forma ou transforma a si mesmo); a *práxis artística* (que permite a produção ou criação de objetos humanos ou humanizados que elevam a capacidade de expressão e objetivação humanas); a *práxis científica* (cuja finalidade imediata é teórica); e a *práxis social* (atividade de grupos ou classes sociais que leva a transformar a organização e direção da sociedade). Ele apresenta esta última, como uma *práxis política* cuja forma mais elevada é a *práxis revolucionária*.

Além disso, *o próprio ser humano e a sociedade também se constituem objetos da práxis*. Assim, todos os *tipos de práxis* constituem formas concretas, particulares de uma *práxis total humana*, na qual o homem consciente humaniza os objetos e humaniza a si mesmo.

Diante dessas colocações, no Programa Teia/UFV a *práxis* se apresenta em determinadas formas e níveis.

É válido ressaltar que a Extensão Universitária quanto à sua *finalidade de transformação social* pode ser associada a uma *práxis política* na qual o homem é sujeito e objeto dela, isto é, uma *práxis* na qual ele atua sobre si mesmo com atos orientados para se transformar enquanto ser social e para transformar as relações econômicas, sociais e políticas.

A *práxis política* é a atividade dos sujeitos que toma por objeto um grupo social, ou a sociedade inteira, e se traduz na transformação de um objeto não humano, ou seja, na transformação do homem como ser social.

A ação transformadora enquanto uma das finalidades da Extensão pode ser identificada no Plano Nacional de Extensão Universitária - PNE (2012, p. 20), em sua diretriz de “*Impacto e Transformação Social*”:

A diretriz *Impacto e Transformação Social* reafirma a Extensão Universitária como o mecanismo por meio do qual se estabelece a inter-relação da Universidade com os outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e propiciadora do desenvolvimento social e regional, assim como para o aprimoramento das políticas públicas. A expectativa é de que, com essa diretriz, a Extensão Universitária contribua para o processo de (re)construção da Nação, uma comunidade de destino, ou de (re)construção da *polis*, a comunidade política. Nesse sentido, a diretriz *Impacto e Transformação Sociais* imprime à Extensão Universitária um caráter essencialmente político.

Esse caráter de transformação social da Extensão Universitária foi constituído historicamente em situações políticas, econômicas e sociais que influenciaram nos modelos e concepções de Extensão. As atividades de extensão historicamente não tinham a intenção original comum de transformação social, por isso podemos associá-las a uma *práxis não intencional*. Esta *práxis* se dá através das atividades práticas dos homens e mulheres criando novas condições e situações sociais que ao combinar uma diversidade de atos individuais, teve como resultado o aparecimento de uma nova maneira de pensar e fazer a Extensão Universitária.

Uma ação verdadeiramente transformadora da realidade requer ter consciência crítica, ou seja, a transformação da realidade pelos homens e mulheres se dá na medida em que são proprietários de si mesmos, sendo a *palavra*, o **diálogo**⁴⁰, um meio para que isso se concretize (FREIRE, 2011). De maneira que uma ação efetivamente transformadora da realidade por meio da Extensão Universitária se constitui numa *práxis*, sendo esta última, um instrumento e

⁴⁰ O diálogo é conceito-chave e prática essencial na concepção freireana. Paulo Freire comenta seu entendimento a respeito do diálogo: “para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber, deve, antes, colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo, reconhecendo que o analfabeto não é um homem perdido, fora da realidade, mas alguém que tem toda uma experiência de vida e por isso também é portador de um saber” (Paulo Freire, in Moacir Gadotti, Paulo Freire: Uma Biobibliografia, 1996). Disponível em: http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/pensamento/05_pensamento_dialogo%20como%20paradigma.html. Acessado em 11 de julho de 2014.

ao mesmo tempo uma finalidade para o alcance da consciência crítica dos sujeitos, um processo de *conscientização*.

A *conscientização* é o processo através do qual, homens e mulheres ao realizarem ações que transformam a realidade se transformam com a mesma por meio de olhares próprios:

Por isso mesmo, a conscientização é compromisso histórico. Não há conscientização sem compromisso histórico. Daí ser também consciência histórica. Implica que os homens assumam o papel de sujeitos fazedores do mundo, refazedores do mundo. Pede que os homens criem sua existência com o material que a vida lhes oferece e é por isso que quanto mais conscientizados mais existem (NÓVOA, 1979, p 97).

E ainda acrescenta:

A conscientização implica, portanto, que, ao perceber-se oprimido, eu saiba que só me libertarei se transformo essa situação concreta em que me encontro oprimido, e que não posso transformar essa situação em minha cabeça, porque isso seria idealismo no sentido filosófico da palavra, seria cair em uma forma de pensar filosófica na qual a consciência “cria a realidade”. Eu acreditaria que minha consciência agora seria livre. Entretanto, as estruturas continuariam sendo as mesmas e isto não realiza minha liberdade. Então, a conscientização implica esta inserção no processo, implica o compromisso histórico de transformação (NÓVOA, 1979, p 97).

Tanto as formas quanto os níveis da *práxis*, se relacionados à Extensão Universitária no que diz respeito à *diretriz de “Impacto e Transformação Social”*, são inerentes à *conscientização*, pois: uma ação verdadeiramente transformadora da realidade só ocorre com uma consciência crítica dos sujeitos, sendo a palavra verdadeira e o *diálogo* o meio para que isso se concretize. Daí que “não há palavra verdadeira que não seja *práxis*. Daí dizer que a palavra verdadeira seja transformar o mundo” Freire (1987, p. 77).

Durante as reuniões do Programa Teia /UFV que acompanhei durante o ano de 2013, o *diálogo*, enquanto *práxis* foi uma *ferramenta metodológica* utilizada pelo Programa, a qual conduziu a ação dos estudantes para a transformação das realidades dentro e fora da UFV. O diálogo foi uma ferramenta de reflexão e de ação nos projetos de extensão, bem como em outras atividades do Programa.

Os diálogos se deram em ações do Programa, das quais acompanhei: a utilização permanente da Casa dos Movimentos Sociais, o Terreiro Cultural em Guidoal, MG, os Ensaios de Instalações Pedagógicas na UFV para o evento “Troca de Saberes 2013” e o

evento “Troca de Saberes 2013” na UFV. As referidas ações transformaram materialmente o espaço universitário da instituição bem como a concepção de extensão universitária propagada pelo Programa diante da visão institucional.

Este trabalho de pesquisa a que me propus se deteve mais à realidade da extensão dentro do campus da UFV.

Ainda sobre as reuniões do Programa pôde-se identificar que os estudantes nos diálogos pensavam de maneira indissociável *ensino, pesquisa e extensão*, assim como na proposta do Programa.

O ensino era associado pelos estudantes aos *espaços de formação* que se davam nas discussões durante as reuniões e nos espaços de ação dos projetos. As reuniões do Programa eram espaços nos quais se questionava as situações trazidas diante do cotidiano dos estudantes na instituição e dos projetos e ações nos quais estavam envolvidos.

O *diálogo entre os* estudantes, professores, e homens e mulheres das comunidades envolvidas era uma *ferramenta metodológica a qual* possibilitava estabelecer as conexões, dentro e fora do espaço universitário, entre os saberes populares e locais com os saberes acadêmicos a fim de elaborar novos modos de agir. Em vista disso, a conexão e o respeito entre os diversos saberes, juntos criavam condições de pesquisa e ao mesmo tempo de extensão diferenciadas: pois o ponto de partida não era algo proposto dentro da universidade somente pelos professores e estudantes, nem tampouco algo proposto somente por homens e mulheres das realidades locais. A *pesquisa* e a *extensão*, no ambiente do Programa, brotavam necessariamente do *diálogo*, da interação e do envolvimento mútuo entre o que se fazia e pensava dentro da instituição e também nos contextos locais.

A *formação*, a *pesquisa* e a *extensão* aconteciam durante as reuniões por meio das condições criadas essencialmente pelo *diálogo* e este ultimo se efetivava por meio *da troca de saberes entre o acadêmico e o popular*, esta troca é considerada pelo Programa como sua principal ferramenta metodológica.

A noção de extensão que o Programa se propõe a buscar continuamente é a de “unir os saberes populares e acadêmicos, sem se deixar aprisionar pelas fórmulas prontas, saber ir além, superar as diferenças, buscar o novo, exercitar o poder da escolha” (ALVES et.al. 2011). De maneira que esta proposta também foi buscada no evento “Troca de Saberes 2013”, fruto dos trabalhos realizados no Programa.

As *trocas de saberes* nas quais os conhecimentos populares se enriqueciam com os científicos e estes por sua vez com os populares aconteciam: no cotidiano dos projetos nas

comunidades; nos diálogos travados dos estudantes e professores com agricultores, mestres griôs, benzedeiras líderes religiosos e movimentos sociais. Essas *trocas de saberes* com a *pesquisa* dentro e fora do espaço universitário ganhavam novos horizontes.

No que diz respeito as trocas de saberes, à pesquisa-ação é a modalidade de pesquisa que possibilita essas trocas, tendo como foco principal a disseminação da Agroecologia, um dos eixos temáticos principais do Programa

À vista disso, o tipo de pesquisa realizado pelo Programa não pode ser associado à uma ***práxis experimental ou práxis científica***:

Entre as formas de atividade prática que se exercem sobre uma determinada matéria é preciso incluir a atividade científica experimental que satisfaz, primordialmente, as necessidades da investigação teórica e, em particular, as da comprovação de hipóteses. Em forma de práxis é a que manifesta quando o investigador atua sobre um objeto material modificando à vontade as condições em que opera um fenômeno. Tal é o sentido da experimentação como práxis científica. O investigador produz fenômenos que são uma reprodução dos que se dão em meio natural, mas os produz para poder estudá-los em meio artificial – o do laboratório – sem as impurezas e perturbações com que se apresentam no meio natural e que, por essa razão, dificultam o seu estudo (VÁZQUEZ, p. 231, 2011).

As ações do Programa não podem ser associadas diretamente à *práxis científica*, pois a pesquisa que ele realiza não satisfaz primordialmente as necessidades da investigação teórica, ao contrário, através dos diálogos e dos projetos nas comunidades procura-se numa situação prática trazer melhores alternativas e formular estratégias de ação. As práticas agroecológicas nas quais se centram grande parte das ações do Programa exemplificam como a pesquisa-ação auxilia fundamentalmente, nas formas de ação social coletiva, enquanto propostas de desenvolvimento participativo para o manejo ecológico dos recursos naturais.

Logo, “... a experimentação não é privativa da ciência; cabe falar de uma atividade experimental em outros campos: artístico, educativo, econômico ou social” Vázquez (2011, p.232). De modo que é possível associar a *práxis experimental* aos *Ensaaios das Instalações Pedagógicas*⁴¹ e às *Instalações Pedagógicas*⁴² acompanhadas no Programa.

⁴¹ Os Ensaaios das Instalações Pedagógicas foram momentos propostos pelo Teia para que os estudantes os quais fossem oferecer as Instalações Pedagógicas na Troca de Saberes 2013 pudessem “ensaiar” o que pretendiam apresentar ao público a fim de aprofundar ainda mais os conteúdos e o que pretendiam trazer nas futuras discussões. Estes “ensaaios” contavam com a metodologia dos *Círculos de Cultura* ao final da experimentação visual e sensorial dos ambientes nos quais ocorriam os ensaios. Nos Círculos todos eram convidados a opinar e oferecer contribuições para enriquecer as futuras Instalações. Estes ensaios também foram

“ (...) o experimento não está a serviço direto e imediato de uma teoria, mas sim, de uma forma específica de práxis; o experimento artístico ou educativo tem por fim o impulso da atividade prática correspondente, a arte ou a educação... de modo que (...) a experimentação contribui para o desenvolvimento da práxis correspondente, mas de uma maneira direta e imediata: enquanto seus resultados se aplicam na esfera prática adequada (VÁZQUEZ, 2011, p. 232).

Se a *práxis* é a transformação da realidade e ao mesmo tempo a transformação dos sujeitos na medida em que transformam tal realidade, os Ensaios e as Instalações Pedagógicas podem ser associadas à *práxis* no Programa na medida em que transformavam os espaços dentro da UFV. As ações do Programa nos projetos e nos Terreiros-culturais na medida em que transformam as realidades locais, também se constituem em *práxis* existentes no Programa.

Posto isto, não se pode afirmar quais os *níveis de práxis* atingidos pelos sujeitos (estudantes, professores e sujeitos das comunidades) dentro das ações do Programa. Contudo, faz-se válido ressaltar que o Teia ao se utilizar das ferramentas metodológicas a que se propõe (*Círculos de Cultura, pesquisa-ação e diálogo e trocas de saberes*) torna mais suscetível o movimento da consciência dos sujeitos envolvidos para um nível mais crítico do que se encontravam antes, movimento este a que se pode chamar de *conscientização*.

Neste trabalho a delimitação ao espaço da UFV se constitui em um limite da pesquisa, pois a *práxis* no Programa também deverá ser estudada nas realidades das comunidades vinculadas por meio dos projetos de extensão. Este limite eu pretendo amenizar numa pesquisa futura a qual possa dar continuidade ao trabalho que me proponho aqui.

Ao adotar-se a *práxis* enquanto categoria para analisar o Programa Teia/UFV é ressaltar que a *práxis* é “(...) atividade prática social, transformadora, que responde as necessidades práticas e implica certo grau de conhecimento da realidade que transforma e das

importantes ao darem uma dimensão aos estudantes dos possíveis temas geradores que poderiam ser trabalhados futuramente nas Instalações Pedagógicas.

⁴² "As Instalações Pedagógicas (IP) são o lugar privilegiado de intercâmbio entre a sabedoria popular e o saber universitário... Uma IP guarda semelhanças com uma instalação artística em sua dimensão estética, na multiplicidade de “suportes” utilizados e na espacialização que monta e desmonta conforme o contexto em que se insere. A experimentação das IP advém dos programas de formação dos trabalhadores que a CUT e suas Escolas Sindicais inauguraram nos anos 1980 e 1990 (ALVES et al. 2011, p.14).

necessidades que satisfaz” (Vázquez, 2011, p. 260). Não obstante, a atividade prática não é diretamente teórica, ou seja, não se torna teórica por si mesma, fazendo-se falsa a unidade entre teoria e prática. O que existe, portanto, é uma compreensão desta prática, pois esta possui sua racionalidade, que permanece oculta e só transparece ou se manifesta a quem a lê com a ajuda de categorias teóricas. Como por exemplo: “A prática econômica – a produção – é um fato de todos os dias; mas sua verdade, sua racionalidade, apenas só se manifesta a quem a pode ler com a ajuda das categorias econômicas correspondentes” (Vázquez, 2011, p. 260).

Desta maneira as observações que se seguem sobre o Programa não pretendem “extrair” das atividades práticas do mesmo, uma teoria, mesmo sendo ela a teoria da *práxis*. O que se pretende, aqui, portanto é demonstrar que a *práxis* é uma categoria utilizada para a compreensão do tipo de extensão realizada no Programa. Portanto, teoria e prática não se identificam completamente, pois a atividade teórica não pode se transformar automaticamente em prática e vice-versa, entretanto faz-se válido ressaltar que “a prática não fala por si mesma e exige, por sua vez, uma relação teórica com ela: a compreensão da *práxis*” (Vázquez 2011, p. 261).

3.4 O Programa Teia e a Extensão: convergências e divergências

O Programa se constituiu, durante o ano de 2013, no espaço de intersecção entre os projetos e grupos durante as sextas-feiras a partir das 14 horas na Casa dos Movimentos Sociais (campus UFV em Viçosa, MG). Estudantes dos 26 projetos, sentados em círculo, inspirados nos círculos de cultura de Paulo Freire, reuniam-se na área externa, aos fundos da Casa. Todos com a mediação do professor Willer Araújo Barbosa, coordenador do Programa, discutiam temas e situações-problema do Programa e do cotidiano social.

As reuniões envolviam dinâmicas que visavam integrar o grupo, os momentos de fala dos participantes são livres, de modo que se tenha liberdade para socializar suas ideias quais fossem.

As reuniões eram um espaço de intersecções, nas quais, por meio das discussões e reflexões mútuas, o Programa fomentava a construção de ações nos projetos e grupos parceiros. O Teia acontecia na tessitura das relações de *diálogo* entre os sujeitos dos grupos e projetos envolvidos no Programa. Por conseguinte, o Programa pode se considerado um espaço no qual a educação é *diálogo* entre os saberes: científicos, leigos, populares,

tradicionais, urbanos e camponeses a fim de construir espaços de conhecimentos públicos. Em Freire (2011, p. 91), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. A extensão realizada no Programa em 2013 foi indissociável do ensino/formação e da pesquisa, se constituindo enquanto experiência material de tentativas de interconhecimento, na universidade pública. O Programa e a Troca de Saberes 2013 foram potencialidades a fim de tecer uma discussão na perspectiva de invenção de uma nova cidadania, que ao envolver o *diálogo* com os agricultores e agricultoras, mestres griôs, professores e estudantes se tornou um espaço profícuo para a voz dos atores coletivos, reafirmando o PNE (2012, p 16-17) :

A diretriz *Interação Dialógica* orienta o desenvolvimento de relações entre Universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo e troca de saberes, superando-se, assim, o discurso da hegemonia acadêmica e substituindo-o pela ideia de aliança com movimentos, setores e organizações sociais. Não se trata mais de “estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade”, mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática.

Segundo o do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) UFV 2012-2017⁴³, há uma proposta de valorização no intercâmbio entre os saberes, acadêmico e popular assim como no Programa Teia e na Troca de Saberes:

⁴³ Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI é um documento de gestão administrativa e acadêmica, instituído pelo Ministério da Educação - MEC para as Instituições de Ensino Superior - IES públicas e privadas. O PDI visa identificar a IES no que diz respeito à missão a que se propõe, à sua filosofia de trabalho, às diretrizes pedagógicas que orientam suas ações, à sua estrutura organizacional e às atividades acadêmicas que desenvolve e, ou pretende desenvolver. A partir de sua elaboração constitui-se em um compromisso da Universidade com o seu corpo social, com a comunidade científica e tecnológica, com o Ministério da Educação e com a sociedade em geral. Na UFV, a elaboração do PDI não decorre simplesmente de uma exigência legal, mas também para dar continuidade e aprimorar o processo de planejamento formalmente instituído a partir de 1996, conhecido como Plano de Gestão. Significa dizer que o PDI não poderá se constituir em um documento exclusivamente de controle burocrático, e sim, expressar as políticas acadêmicas e administrativas estratégicas da Universidade, fundamentadas na cultura, na identidade e na vocação da UFV e com aderência à sua realidade institucional. Disponível em: <http://www.pdi.ufv.br/?area=oque>. Acessado em 21 de nov. de 2013.

A produção do conhecimento por meio da extensão universitária se faz na valorização e no intercâmbio entre saberes, acadêmico e popular. Esse processo possibilita a democratização do conhecimento com a participação da comunidade. Por esse motivo, é recorrente dizer que a extensão é uma via de mão dupla, em que a comunidade acadêmica elabora na *práxis* um saber e, no retorno, a universidade, submetida à reflexão teórica, é acrescida do conhecimento acadêmico. (p. 75).

A comunidade acadêmica, portanto, é quem elaboraria o saber na *práxis*, no retorno a universidade com a reflexão teórica, acrescida do conhecimento acadêmico. Esta perspectiva, no entanto, é diversa da apontada por Freire, pois: “A educação autêntica... não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A *com* B mediatizados pelo mundo” Freire (1987, p. 84). De modo que a *práxis*, apontada pelo autor, não deve ser elaborada apenas pela comunidade acadêmica, mas também com os cidadãos. Ainda segundo o PDI-UFV (2012-2017, p. 75):

Esta dinâmica de troca de saberes acadêmico e popular tem como consequência a produção de conhecimento científico, tecnológico, artístico e filosófico, emanado da realidade brasileira e regional.

Esta dinâmica de troca de saberes, apontada pelo PDI-UFV, entre o acadêmico e o popular, demonstra ter como objetivo a geração de diversos tipos de conhecimento, não demonstrando como este conhecimento é de fato uma troca de saberes, aliado a realidade fora da Universidade.

A extensão universitária possibilita que a universidade se veja não como instituição proprietária de um saber pronto e acabado, que vai ser oferecido à sociedade, mas como parte desta e, portanto, sensível a seus problemas, suas prioridades e demandas, tornando-se, nesse processo, universidade cidadã. Sabe-se que para a formação de um profissional cidadão é imprescindível a sua interação com a comunidade. Na interação, ele se identifica culturalmente, sensibiliza-se com os problemas reais, reflete sobre o conhecimento produzido pela própria universidade e tem como referência ética a realidade concreta para sua formação técnica e acadêmica (PDI – UFRV, 2012-2017, p. 75).

Nesta perspectiva a promoção de uma formação cidadã oferecida pela Universidade se dá por meio da formação de um profissional sensibilizado com os problemas sociais. Tal perspectiva leva em conta o comprometimento com as realidades sociais em vista de ações que fomentem transformações ou que façam dos interlocutores da ação extensionista, em seus espaços comunitários, protagonistas, nos processos de busca por autonomia.

O Programa se propôs durante o ano de 2013 a descentralização das áreas de saberes e atuação que o trabalho coletivo interdisciplinar provoca, e procurou constituir-se como uma oportunidade diferenciada de formação para os envolvidos, sejam eles populares, sejam universitários, pela perspectiva interdisciplinar e vivencial. Esta perspectiva interdisciplinar e vivencial pode ser identificada nos de eixos temáticos:

A escolha dos eixos temáticos do Programa Teia vem sendo fruto da evolução dos trabalhos, primeiramente com as ações orientadas pelos temas Tecnologias Sociais, Alternâncias Educativas, Meio Ambiente e Economia Popular Solidária. Posteriormente, para esta proposta, o desenho teórico-metodológico do Teia ganhou novas dimensões com o surgimento dos Coletivos de Criação temáticos, guiados pelos eixos Tecnologias Sociais e Cultura; Agroecologia e Saúde; e, Economia Popular Solidária e Educação Popular. Entendendo que os temas anteriormente trabalhados não desaparecem, mas estão inseridos dialética e transversalmente nas temáticas dos Coletivos de Criação (BRASIL/ MEC, Secretaria do Ensino Superior, Formulário-Síntese da Proposta – SIGProj, Edital PROEXT, 2013, p. 9).

O Programa procurou uma organização dos encontros em que os participantes atuaram em Grupos de Formação Operacionais: Comunicação (responsável por produzir as relatorias das reuniões, reunir e organizar a construção da produção teórica do Programa); Articulação (articula, mobiliza e divulga ações entre os diversos projetos que compõe o Programa; Logística (responsável pelo arranjo dos recursos materiais a serem utilizados para as ações do Programa).

Cada grupo de formação operacional se reúne, conforme as demandas do Programa, uma vez por semana. Em conjunto, todos os grupos de formação operacional se encontravam simultaneamente na reunião do Teia com demandas específicas de trabalho e diálogo mútuo.

A dinâmica desses Grupos consiste, além de encontros de interação e reflexão semanais na Universidade e nas comunidades, na análise das relações interprojetos e intercoletivos, bem como na realização de feiras de trocas e oficinas de saberes na qual não só os fazeres, mas também os saberes serão valorizados (BRASIL/ MEC, Secretaria do Ensino Superior, Formulário-Síntese da Proposta – SIGProj, Edital PROEXT, 2013, p. 10).

De maneira que o Programa Teia e a Troca de Saberes partilham de uma concepção de Extensão Universitária que ainda não é articulada com o PDI-UFV atual, contudo ambas estão intimamente fundamentadas na Política Nacional de Extensão Universitária (PNE, 2012).

O PDI-UFV procura contemplar uma atividade processual articulada ao ensino e à pesquisa, ao enriquecimento do processo pedagógico, visando possibilitar meios para a

participação da comunidade na vida universitária, no entanto, o referido plano não esboça desenhos de como efetivar tais ações.

O Programa Teia, em sua proposta de articulação de diversos eixos e projetos, pode vir a colaborar para a reflexão sobre culturas e concepções epistemológicas diferenciadas das inauguradas pela Universidade desde a sua invenção, buscando, portanto, superar o discurso da hegemonia acadêmica apontado no PNE.

O Teia é uma tentativa de protagonizar um projeto alternativo de Extensão e inspirar mudanças na construção da universidade do século XXI, proposta por Santos (2005).

Neste sentido, o Teia pode ser considerado um instrumento de construção do elo entre sujeitos acadêmicos e comunitários, nas suas diversas atividades por meios de concepções e *práxis* construídas em coletividade. Tal significado presente na extensão do Teia, pressupõe que a mesma inaugure o diálogo, a escuta e o respeito à cultura do outro, e não a mera transmissão de um saber, ou seja, uma *invasão cultural* que se dá na superioridade de um saber e de sujeitos sobre outros, com raízes no que se define como ciência e também no modo como a mesma impactou na história mundial.

Paulo Freire pensa uma pedagogia na qual “o esforço totalizador da *práxis* humana, busca, na interioridade desta, retotalizar-se como ‘*prática da liberdade*’, (Freire, 1987, p. 9)” Este esforço da *práxis* se dá em meio ao contexto da pedagogia dominante de interesses de determinados grupos, classes e nações. De modo que é eminente, segundo Freire, a libertação do *oprimido* numa *prática da liberdade* que postule uma pedagogia, não para ele, mas dele.

Ainda faz-se necessária que a *prática da liberdade* encontre expressão na pedagogia, para que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica. Toda ação, assim, como a Extensão Universitária só é livre quando cria possibilidades de transformação do homem e de seu mundo, ou seja, a condição para a liberdade é a da própria possibilidade criadora do homem, de modo que a luta por uma sociedade mais livre só se dá quando, através dela, se alcança graus de liberdades individuais (FREIRE, 1987).

A Extensão enquanto *práxis humana e transformadora* pode criar condições para que os sujeitos envolvidos possam ser autores de seus destinos e não apenas meros receptores ou emissores de conhecimento vazio de sentido em suas trajetórias históricas.

Em Freire a condição da pedagogia problematizante é fazer-se enraizada na vida das subculturas, em que apenas delas e com elas se pode continuamente criar e recriar caminhos de libertação e ir adiante nesses caminhos tendo como próprio método a *prática da liberdade*:

...uma pedagogia problematizante e não de uma “pedagogia” dos “depósitos”, “bancária”. Por isto é que o caminho da revolução é o da abertura às massas populares, não o do fechamento a elas. É o da convivência com elas, não o da desconfiança delas (FREIRE, 1987, p. 135).

Pauta-se aqui pensar a Extensão Universitária, enquanto movimento e política dentro de uma *prática da liberdade*, o que demonstra a necessidade da Extensão unificar cada vez mais o seu método, sua proposta e sua teoria, de maneira a não meramente divulgar um caráter prático na formação dos estudantes, mas de ser expressão da amplitude, do processo histórico em que o homem se reconhece. Do contrário, ela estará fadada a compor o tripé ensino-pesquisa-extensão com a única função de caráter prático, ou seja, de síntese dos outros dois aspectos teóricos (ensino e pesquisa), sem o compromisso de constituir algo inédito, um novo conhecimento que não só deve estar pautado no processo histórico, mas por si mesmo é uma face deste processo. Este princípio pode ser observado no Programa:

Com foco no princípio da interligação extensão-ensino-pesquisa se utiliza da pesquisa-ação e do cotidiano gerando interdisciplinaridade através de metodologias participativas e densa dialogicidade... (BRASIL/ MEC, Secretaria do Ensino Superior, Formulário-Síntese da Proposta – SIGProj, Edital PROEXT, 2013, p. 6).

Para compreender o Teia foi preciso estar no ambiente Teia, vivenciá-lo, manusear nós, convergências e divergências que se constituem nas relações entre os sujeitos num acontecimento no espaço-tempo, no entanto, o espaço-tempo nem sempre é linear.

Segundo Santos (2005, p. 3) a concepção de tempo e de temporalidade está fundada na perspectiva ocidental de racionalidade, na qual:

“... a compreensão do mundo e a forma como ele cria e legitima o poder social tem muito que ver com concepções de tempo e da temporalidade... a característica mais fundamental da concepção ocidental de racionalidade é o de fato de, por um lado, contrair o presente e, por outro, expandir o futuro”.

A compreensão da concepção de tempo na racionalidade ocidental é inerente à compreensão da Universidade e do papel histórico da Extensão Universitária, papel este que consiste em aproximar a Universidade da Sociedade. “A Universidade... é ao mesmo tempo determinada pelas condições sociais e determinantes delas, Sousa (2010, p. 128)”. Este modelo de tempo que contrai o presente e expande o futuro acaba por desvalorizar as experiências cotidianas, as relações entre os sujeitos:

A contração do presente, ocasionada por uma peculiar concepção da totalidade, transformou o presente num instante fugidio, entrincheirado entre o passado e o futuro. Do mesmo modo, a concepção linear do tempo e a planificação da história permitiram expandir o futuro indefinidamente. (SANTOS, 2002, p. 239).

No que diz respeito ao valor da experiência dos sujeitos, Santos (2002, p. 238), a partir de um projeto que envolveu o estudo de alternativas diante da globalização neoliberal, em países como Brasil, Índia, África do Sul, Portugal e Colômbia, consolidou uma profunda reflexão epistemológica chegando as seguintes conclusões:

Em primeiro lugar, a experiência social em todo o mundo é muito mais ampla e variada do que o que a tradição científica ou filosófica ocidental conhece e considera importante. Em segundo lugar, esta riqueza social está a ser desperdiçada. É desde desperdício que se nutrem as ideias que proclamam que não há alternativa, que a história chegou ao fim e outras semelhantes (...).

Comparada às conclusões do autor, a reflexão que se faz aqui acerca do Programa Teia é em torno das experiências dos sujeitos, que “é muito mais ampla do que a tradição científica e filosófica... esta riqueza social está a ser desperdiçada” à medida que “quanto mais amplo o futuro, mais radiosas eram as expectativas confrontadas com as experiências do presente”. Santos (2002, p. 239).

Pode-se compreender que esse modelo de racionalidade ocidental, que desconsidera o presente e as experiências dos sujeitos, gera uma situação opressora:

Daí, a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que se inicia sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais. No momento, porém, em que se comece a autêntica luta para criar a situação que nascerá da superação da velha, já está se lutando pelo *ser mais* (FREIRE, 1987, p. 34).

Superar a situação opressora é um objetivo implícito aos objetivos do Programa, perceptível durante as reuniões acompanhadas, de maneira que a experiência de cada sujeito dentro de seu projeto ou grupo no Programa, ganha uma significação comum a todos. De modo que: “Quando descobrem em si o anseio por libertar-se, percebem que este anseio somente se faz concretude na concretude de outros anseios” Freire (1987, p. 34).

O Programa Teia, enquanto palco de relações e experiências que busca, em sua proposta, a valorização dos saberes científicos e populares, se constitui enquanto uma tentativa de superar a situação opressora com o reconhecimento crítico desta situação, ou seja, de superar um modelo de racionalidade, este legitima um modo opressor na sua concepção de tempo, de conhecimento e de pensamento.

No Teia as experiências dos sujeitos são uma intensa relação entre objetividade e subjetividade de maneira dialética. “Não se pode pensar em objetividade sem subjetividade. Não há uma sem a outra, que não podem ser dicotomizadas” Freire (1987, p. 37). De maneira que:

A objetividade dicotomizada da subjetividade, a negação desta na análise da realidade ou na ação sobre ela, é objetivismo. Da mesma forma, a negação da objetividade, na análise como na ação, conduzindo ao subjetivismo que se alonga em posições solipsistas, nega a ação mesma, por negar a realidade objetiva, desde que esta passa a ser criação da consciência. Nem objetivismo, nem subjetivismo ou psicologismo, mas subjetividade e objetividade em permanente dialeticidade (FREIRE, 1987, p. 37).

Durante as reuniões, as quais se constituem como espaço-tempo do Programa, as relações que se tecem entre os sujeitos são de reflexão da realidade em vista de ações ligadas ao contexto da extensão, fomentam, de modo transversal, discussões sobre ações no cenário local envolvendo aspectos como: cultura, educação, economia e ações colaboradoras para a transformação da realidade local que envolvam a participação da comunidade.

De modo que o Teia se constitui no pensamento que leva à ação e vice-versa. “Ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na realidade desta busca” Freire (1987, p. 37-38).

Posto isto, pensar ações, pensar sobre elas ou agir nos contextos reais, propostos pelo Programa, pode ser entendido como um libertar-se da realidade *domesticadora* e de sua força, muitas vezes imposta pelo modelo de Educação e de Extensão imposto pela Instituição, o que exige “indiscutivelmente a emersão dela, a volta sobre ela. É por isso que só através da *práxis* autêntica que, não sendo ‘blábláblá’, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo” Freire (1987, p. 38).

“Este fazer a ‘opressão real mais ainda opressora, acrescentando-lhe a consciência da opressão’, a que Marx se refere, corresponde à relação dialética subjetividade-objetividade.

Somente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível, a *práxis autêntica*. A *práxis*, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” Freire (1987, p. 38).

...os homens são seres da *práxis*. São seres do quefazer, diferentes, por isto mesmo, dos animais, seres do puro fazer. Os animais não “ad-miram” o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do quefazer “emergem” dele e, objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho... Mas se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É *práxis*. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é *práxis*, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação (FREIRE, 1987, p. 121).

Portanto os sujeitos envolvidos no Programa são sujeitos que se propõe à ação-reflexão, enfim, à *práxis*. E o tipo de extensão universitária que o Programa procura promover tem suas raízes na *pedagogia libertadora*.

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres destinados, objetos de um ‘tratamento’ humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados entre os opressores, modelos para a sua ‘promoção’. Os oprimidos hão de ser o exemplo para si mesmos, na luta por redenção (FREIRE, 1987, p. 41).

Fundamentado pela pedagogia libertadora, no Programa a *práxis* constitui a razão nova da consciência oprimida, ou seja, a *práxis* no Programa é a expressão da dialética entre ação-reflexão protagonizada pelos sujeitos envolvidos, o que não pode ser “nem um diletante jogo de palavras vazias – quebra cabeça intelectual – que, por ser reflexão verdadeira, não conduz à ação, nem pela ação, mas ambas, ação e reflexão, como unidade que não deve ser dicotomizada” Freire (1987, p. 53). Contudo, o que se faz eminente aqui, não é uma compreensão total das experiências dos sujeitos envolvidos no Programa e deste enquanto constituidor destas experiências, mas a compreensão das experiências enquanto um dos aspectos inerentes ao Programa e enquanto categoria empírica fundamental para a compreensão do mesmo enquanto um conjunto de relações e experiências dos sujeitos envolvidos.

Ao tomar as experiências enquanto um dos aspectos inerentes ao Programa e enquanto categoria empírica fundamental para a compreensão do mesmo configura-se do mesmo modo

a importância de se compreender como, as experiências se constituem nas relações entre *singularidade* e *pluralidades*.

Em busca da compreensão das *totalidades*, em contínua relação, que compõe o Teia, ou seja, as totalidade que são os projetos e o conjunto dos sujeitos, faz-se necessário ter clareza que o Teia é um conjunto de relações que surgem da tentativa de alcançar diversidade de conhecimentos e aprendizados recíprocos.

O aprendizado recíproco no Teia se dá na concepção de saberes que não se anulam como o acadêmico e o conhecimento popular, por exemplo. O aprendizado recíproco tem fundamentação na não-hierarquia das relações e, portanto, na não-verticalidade do conhecimento.

Desse modo, pode-se compreender que o Teia não é, o Teia acontece, na *singularidades* dos sujeitos, que em encontros, se tornam *pluralidades*. Esse encontro de singularidades que formam pluralidades acontece por meio do *diálogo*.

Os sujeitos são singulares, ou seja, possuem particularidades, convicções, ideologias, identidades e maneiras únicas de ler o mundo. Dentro de um grupo ou projeto de extensão, que compõe o Programa, os sujeitos singulares se encontram com outros sujeitos também singulares. Nestes grupos e projetos o encontro das *singularidades* forma uma *pluralidade*, de modo que cada projeto ou grupo que compõe o Teia é, em si, uma *pluralidade*.

Cada *pluralidade* é o entendimento, a construção e a compreensão coletiva das ações, objetivos e temáticas de cada projeto entre os sujeitos envolvidos.

Durante as reuniões semanais do Teia o (s) representante (s) de cada projeto se encontram para discutir as demandas do Programa e dos projetos de maneira geral. As discussões do Teia se tornam o encontro das *singularidades* em contínua relação com as *pluralidades*, formando uma totalidade, que é, em si, o próprio Teia.

O encontro semanal, ou seja, a reunião dos sujeitos, é o Teia, é o novo, o inédito, a interação das experiências dos sujeitos dentro e fora de seus grupos e projetos. Essa totalidade, contudo, ao ter o compromisso de atender a proposta do Programa, não se constitui enquanto conjunto estático de ideias e ações, mas enquanto acontecimento no tempo presente, continuamente desfeita e refeita pelos sujeitos, num movimento de contínua ressignificação das relações, das opiniões e das ações dos mesmos no Programa.

No momento em que cada representante de um projeto concebe um significado único ao que apreendeu do encontro semanal, ele é si mesmo uma nova *singularidade* que se abastece do conjunto das *singularidades* e *pluralidades*.

Depois do encontro semanal, ao retornarem para os seus projetos, os representantes compartilham com os demais sujeitos dentro do projeto, os saberes que foram construídos durante a reunião.

A partir do momento que o novo saber é compartilhado dentro dos projetos, cada sujeito, ao buscar a compreensão do conteúdo do encontro semanal, cria uma significação particular, que com novas singularidades, em conjunto no cotidiano de cada projeto, formarão novas pluralidades.

Desta forma, o Teia é uma totalidade em de natureza fragmentada, pois se constitui, das contínuas interações entre as singularidades e pluralidades com o objetivo de ampliar ideias e saberes.

A ampliação de ideias e saberes, por meio da constituição de singularidades e pluralidades se dá de maneira inerente aos discursos dos sujeitos. Os discursos dos sujeitos, por sua vez, acontecem em torno da instauração de sentido, tendo-se em vista, porém, que o sentido é elaborado por cada indivíduo, de maneira única, em experiências de ordem prática ou intelectual.

A instauração de sentidos contidos nas experiências dos sujeitos que compõe o Teia é um exercício constante, é fato primordial para se chegar à crítica da *racionalidade ocidental*. (SANTOS 2002).

Ao tecer a crítica sobre a *racionalidade ocidental*, o autor afirma que as *razões indolentes* no Ocidente tentam se constituir enquanto únicas instauradoras de sentido. A crítica à soberania de uma razão, neste caso: a razão ocidental coloca em cena o estabelecimento uma *razão metonímica*:

A forma mais acabada de totalidade para a razão metonímica é a dicotomia, porque combina, do modo mais elegante, a simetria com a hierarquia. A simetria entre as parte é sempre uma relação horizontal que oculta uma relação vertical... É por isso que todas as dicotomias sufragadas pela razão metonímica contém uma hierarquia: cultura científica/cultura literária; conhecimento científico/conhecimento tradicional; homem/mulher; cultura/natureza; civilizado/primitivo; branco/negro; Norte/Sul; Ocidente/Oriente; e assim por diante (SANTOS, 2002, p. 242).

A *razão metonímica* inaugura dicotomias em meio às quais o Programa se posiciona de maneira contrária. A dicotomia teoria/prática fomenta, na presente pesquisa, o debate eminente da trajetória histórica da *práxis*, de modo que as experiências dos sujeitos no Programa se constituem enquanto o *“inérito viável”*:

Em síntese as situações-limite implicam a existência daqueles a quem direta ou indiretamente servem e daqueles a quem negam e freiam... No momento em que estes as percebem não mais como uma “fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser”, se fazem cada vez mais críticos em sua ação, ligada àquela percepção. Percepção em que está implícito o *inédito viável* como algo definido, a cuja concretização se dirigirá sua ação (FREIRE, 1987, p. 94).

O *inédito viável* se faz imprescindível numa realidade predominantemente da razão indolente, que, com a razão *metonímica*, concebe o mundo como Norte/Sul. O inédito viável é imprescindível na “situação limite do subdesenvolvimento, ao qual está ligado o problema da dependência, a fundamental característica do Terceiro Mundo.” Freire (1987, p. 95).

O *inédito viável* visto desta maneira pode ser construído, na medida em que se constrói uma perspectiva de *ecologia de saberes* na Universidade, ou seja, uma forma de Extensão ao contrário, de fora para dentro da universidade, na qual haja a promoção do diálogo entre os saberes: científicos, leigos, populares e tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental, etc.) que circulam na sociedade (SANTOS, 2005).

A *ecologia dos saberes* se encontra entre os eixos norteadores do Programa Teia/UFV e seria o aprofundamento da pesquisa-ação:

A ecologia dos saberes são conjuntos de práticas que promovem uma nova convivência activa de saberes no pressuposto que todos eles, incluindo o saber científico, se podem enriquecer nesse diálogo. Implica uma vasta gama de ações de valorização, tanto do conhecimento científico, como de outros conhecimentos práticos, considerados úteis, cuja partilha por pesquisadores, estudantes e grupos de cidadãos serve de base a criação de comunidade epistêmicas mais amplas que interconhecimento onde os cidadãos e os grupos sociais podem intervir sem ser exclusivamente na posição de aprendizes (SANTOS, 2005, p. 76-78).

A ecologia dos saberes é, portanto, o movimento inverso às dicotomias inauguradas pela *razão metonímica* por meio da promoção de diálogos entre os diversos saberes que circulam na sociedade e dentro da Universidade, pretendendo, assim, a vasta valorização dos conhecimentos e relações mais horizontais entre os cidadãos.

A educação dentro de uma *ecologia de saberes* é, fundamentalmente, *práxis*, na medida em que a experiência prática dos sujeitos envolvidos fundamenta-se no aprendizado intelectual e vice-versa. O saber de origem prática teria diálogo com sua fundamentação teórica e a teoria com a sua aplicação e significação no contexto da realidade social. Esse

movimento entre o teórico e o prático, envolve a ação-reflexão, possibilitando aos sujeitos envolvidos no Programa uma experiência única na elaboração de sentido próprio ao aprendido.

A *práxis* nada mais é do que esta articulação contínua entre ação-reflexão, ou seja, a consolidação de um conhecimento que faça sentido aos sujeitos:

Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador educandos se arquivam na medida em quem neste distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 1987, 58).

O saber só faz sentido quando não fragmentado e preso em dicotomias, como na *razão metonímica*, que impedem a compreensão da infinitude de relações que constituem o universo. A compreensão destas relações alimenta os anseios do ser humano como sujeito de conhecimento. A *práxis*, neste sentido, abre aos sujeitos a possibilidade de construírem suas trajetórias, seus pontos de vista, suas próprias visões de mundo. Enquanto, de modo, inverso, a prática ‘bancária’ ... enfatiza, direta ou indiretamente, a percepção fatalista que estejam tendo os homens de sua situação, a prática problematizadora, ao contrário, propõe aos homens sua situação como problema.

Portanto, no Programa Teia, a singularidade de cada um, em si mesma, é ao mesmo tempo uma totalidade, uma realidade particular em contínua transformação. Uma transformação comprometida com o *ser mais*, com o *inédito viável* e com *uma ecologia dos saberes* em contínua luta contra *uma razão indolente* e *uma educação bancária*.

No Programa Teia, a totalidade de cada um mediante a totalidade do outro criam outras totalidades. De modo que o Programa é uma totalidade composta por outras totalidades em contínua transformação. Assim, o Teia se trata-se de esforços individuais que se processam no plano individual e coletivo, com o propósito de romper com o senso comum sem desqualifica-lo, mas para a instauração e valorização dos diversos saberes igualmente importantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é, em sua maior parte, a reflexão sobre as minhas experiências obtidas no Programa Teia/UFV no ano de 2013.

O Programa Teia/UFV, desde 2006 tem como perspectiva o *diálogo* entre os saberes populares e científicos. Nesta proposta, o Programa procura a articulação de ações entre projetos de extensão da Universidade Federal de Viçosa, parceiros e municípios próximos à cidade de Viçosa.

O lugar de “pesquisadora” o qual eu ocupei no ambiente pesquisado, aos poucos, se transformou em um lugar de participação, convivência e diálogo com os demais integrantes do Programa.

Pude identificar uma *práxis criadora* na constante *(re)organização* não apenas do grupo de pessoas, mas das necessidades do grupo. De maneira que a minha participação pôde ser associada a esse tipo de *práxis*, que é em sua essência criativa, mas que também se faz na alternância com o imitativo.

Nas ações observadas do Programa convivia tanto uma *consciência prática* quanto consciências maiores, ou seja, *consciências da práxis*, como por exemplo, no objetivo das ações extensionistas que o Programa se propõe enquanto tentativas de transformação das realidades dentro e fora do Programa.

Foi nítida, em várias reuniões, a busca por estratégias metodológicas que nortegassem as ações do Programa para o respectivo ano, por conseguinte, procurou-se manter o trabalho em equipe, por meio de Grupos Operacionais.

As ações como o *Terreiro-cultural em Ribeirão Preto* e a *Troca de Saberes 2013* retrataram algumas estratégias metodológicas em comum como: as *Instalações Pedagógicas e os Círculos de Cultura*. Em ambas as ações houve o objetivo do Programa em aproximar o âmbito universitário com os desejos e expectativas dos cidadãos.

O *Terreiro* se mostrou um espaço diversificado de saberes com um caráter essencialmente criador.

A *Troca de Saberes 2013* foi uma tentativa de interação com a realidade da agricultura familiar da Zona da Mata Mineira. O evento foi baseado metodologicamente no Programa Teia tendo como foco a disseminação da Agroecologia. Além de ser também uma tentativa de consolidar uma *ecologia de saberes*, como denomina Boaventura de Sousa Santos, através da

ressignificação e reelaboração dos conhecimentos produzidos entre a universidade e a dimensão popular da sociedade.

A *Troca de Saberes em 2013* foi associada a uma *práxis imitativa*, ou seja, no aspecto que se trata de sua proposta e de sua metodologia, enquanto um ideal que permanece imutável, pois já se sabe de antemão, antes do próprio fazer, o que se quer fazer e como fazê-lo.

Em momentos como a *Troca de Saberes* e o *Terreiro-cultural* a *práxis criadora* se dá: no significativo das memórias dos sujeitos das comunidades; nas histórias; nas práticas religiosas; nas crenças, enfim, no particular dos sujeitos; nas suas *experiências*.

Nas reuniões de preparação para a *Troca de Saberes* bem como os *Ensaios das Instalações Pedagógicas*, as preparações e ornamentação dos espaços, e as demandas por condições materiais para a realização do evento se constituíram em uma série de atividades práticas. De maneira que o papel da *consciência prática* dos estudantes nesse momento foi o de traçar e idealizar os atos práticos. Mas a *práxis* enquanto transformação da realidade oscilava entre os níveis: criador e imitativo, pois dentro das criações feitas pelos estudantes sempre havia resquícios de algo já pensado anteriormente em outras *Trocas de Saberes*.

Durante a *Troca de Saberes* foi perceptível certo distanciamento entre os saberes de alguns dos sujeitos envolvidos que residem, entre, outros fatores: no *tempo*; na *tradição*; na *linguagem* e na *comunicação*.

A *escuta sensível*, enquanto uma das estratégias metodológicas do evento *é um dos* frutos da interação e *diálogos* entre a universidade e a sociedade, ao dar voz aos/as agricultoras (es), de maneira que as demandas por eles levantadas se transformem em objeto de pesquisa e investigação.

As categorias: *ferramentas metodológicas*, *pesquisa-ação*, *diálogo*, *trocas de saberes*, *experiência dos sujeitos* e *escuta sensível* trouxeram contribuições para a identificação de algumas formas que a *práxis* assume no Programa Teia/UFV e em suas ações.

A minha experiência na *Troca de Saberes 2013* enquanto integrante da Equipe de Relatoria se constituiu em um desafio metodológico que demonstrou a necessidade tanto do Programa, quanto do evento anual da Troca de Saberes, em aprofundar a pesquisa-ação enquanto ferramenta metodológica para que, deste modo, a observação dos integrantes não seja dissociada da própria experiência, de maneira que o estudante seja alguém que troca experiências e saberes e não somente as observa e assimila.

Lidar com o exercício de atuar na realidade e ao mesmo tempo se distanciar em momentos de reflexão foi um acontecimento permanente e, portanto, inerente à minha trajetória no Programa Teia e também à trajetória dos demais integrantes.

Os estudantes do Ambiente Teia, de fato, tem certa consciência dos fatos práticos, nos quais vigoram princípios ideológicos como a Agroecologia, posto isto, a consciência destes atos não está esvaziada de certa bagagem teórica adquirida ao longo de suas vidas e dentro da Universidade. Mas estes sujeitos possuem diversos níveis de consciência, os quais não podem ser medidos. Dentro das pluralidades que vivem eles são convidados a transcender no real por meio da Extensão Universitária enquanto uma *práxis* no processo de *conscientização* viabilizada pelo *diálogo*, no sentido de Freire (2011). A Troca de Saberes 2013, contudo, reflete a dificuldade em se medir o grau de envolvimento e de consciência dos estudantes sobre as suas próprias experiências.

O papel dos registros atuais do Programa possui predominantemente um caráter de acúmulo da *aprendizagem coletiva e de partilha de experiências para a formação acadêmica*. Foi perceptível identificar que a inserção dos estudantes no Programa se dá pela *inserção em ambientes de lutas sociais, relações de amizade e interesses afins* dentro de ações ligadas diretamente ou indiretamente ao Programa.

Diante do relato de uma professora, foi perceptível identificar que foi primordial para a criação do Programa o desejo inicial comum entre as pessoas de articular projetos com temáticas em comum, o que só foi possível por meio de uma *Política Pública de Extensão Universitária do Governo Federal*.

Articular projetos de extensão com discussões em comum e identificar neles uma proximidade no fazer da extensão se reflete enquanto uma *consciência da práxis*. As vivências dos integrantes nos movimentos sociais e na formação de um dos professores influenciaram os rumos que o Programa tomou a partir de sua criação por meio da *travessia entre a base social e a formação universitária*.

O Teia/UFV é uma teia montada com o objetivo de *buscar a unidade* entre os projetos, o que se constitui em um constante desafio diante da complexidade deste processo, bem como o risco da *dispersão*.

O *significado* atribuído ao Programa se dá no campo da *marginalidade* e do *conflito*, bem como da *mudança* versus a *rigidez da instituição*. A *formação* que o Programa oferece se constitui enquanto *compromisso social*, processo de *conscientização* e de diálogo entre os diferentes conhecimentos acadêmicos.

As ações significativas do Programa para os entrevistados foram o *Terreiro-cultural de Ribeirão Preto* e a *Troca de Saberes* ambos os eventos expressam uma intervenção no mundo e a formação de um entendimento da realidade, ou seja, um processo de conscientização dos sujeitos à medida que intervém no mundo por meio da *práxis* e da *consciência da práxis*.

Deste modo, a *práxis criadora* na qual se funda essencialmente o Programa é construída em discussões com a comunidade dentro da universidade. A devolução dos resultados de pesquisa às comunidades se dá na perspectiva de *buscar a unidade, a articulação e a compreensão* de como se dão os processos de *formação, de construção do conhecimento* e de *interação do conhecimento acadêmico e popular*:

Em meio a um jogo de forças entre o acadêmico e o popular, não há uma imposição do primeiro para com o segundo. A afetação do Programa nas comunidades se dá na *formação dos estudantes com a partilha do conhecimento*, ou seja, no modo como as pessoas voltam com esses conhecimentos para suas comunidades e constroem, por exemplo, *benefícios materiais*, enquanto uma *práxis produtiva*.

As ações de pesquisa se dão de diferentes maneiras dentro dos projetos de extensão, há também os momentos em que predominam ora a *formação* ora o *ensino*. Contudo, foi difícil para os entrevistados pontuar ações respectivamente de *ensino, pesquisa e extensão*, devido ao caráter de *indissociabilidade* que habita o Programa.

Os depoimentos acabaram por enfatizar os *ambientes formadores*, mais do que ações de ensino, pois o ensino ainda é associado ao caráter tradicional, num processo no qual há aquele que ensina para aquele que aprende, numa relação horizontalizada. De modo diverso, o caráter formativo é fundamentado numa *ecologia de saberes* e numa *perspectiva dialógica* no sentido Freireano no qual todos aprendem e ensinam em comunhão. De maneira que a *perspectiva dialógica* ainda é uma realidade distante dos processos de ensino na própria Universidade.

Segundo Boaventura de Sousa Santos é perceptível o modo como a ciência nega outras formas de conhecimento e, em um sentido único, não leva em consideração a existência da *diversidade epistêmica*. Contudo, a Extensão neste cenário se constitui na própria fronteira entre o técnico e o social, que deve ser redefinida através das contribuições de todos os envolvidos. Pois a educação é *conscientização* e a Extensão é fundante para a *práxis* e meio para a *conscientização*. Pensar um novo paradigma de extensão requer olhar paradigmas locais e globais e lutar por uma *legitimidade da Universidade* e por uma

globalização alternativa que levem em conta a reciprocidade e o benefício mútuo, por meio das tecnologias de informação e comunicação, por novos compromissos nacionais, locais, globais e pela resolução coletiva de problemas sociais, ou seja, tudo isso deve constituir um novo contrato universitário no âmbito do mundo globalizado.

Posto isto, é a partir desta *luta pela definição e legitimidade* da Universidade, e o direito a uma *ecologia de saberes* que não fira às outras racionalidades que o Programa Teia/UFV pode tece alguns horizontes.

O Programa, desde a sua criação em 2005 se constitui num conjunto de iniciativas dos movimentos sociais e agroecológicos locais em articulação nacional no cenário da Zona da Mata Mineira.

A *formação*, a *pesquisa* e a *extensão* aconteciam nas reuniões por meio essencialmente do *diálogo* o qual caracterizava a *troca de saberes entre o acadêmico e o popular*. O *diálogo é práxis*, na medida em que concretiza enquanto *ferramenta metodológica* para a ação e transformação das realidades dentro e fora da UFV.

Não se pode afirmar quais os *níveis de práxis* atingidos pelos sujeitos (estudantes, professores e sujeitos das comunidades) dentro das ações do Programa. Contudo, faz-se válido ressaltar que o Teia ao se utilizar das *ferramentas metodológicas* a que se propõe (*Círculos de Cultura, pesquisa-ação e diálogo e trocas de saberes*) torna mais suscetível o processo de *conscientização*.

Nesta perspectiva a promoção de uma formação cidadã oferecida pela Universidade se dá no comprometimento com as realidades sociais em vista de ações que fomentem transformações ou que façam dos interlocutores da ação extensionista, em seus espaços comunitários, protagonistas, nos processos de busca por autonomia.

O Teia, deste modo, se constitui em uma tentativa de protagonizar um projeto alternativo de Extensão e inspirar mudanças na construção da universidade do século XXI, proposta por Boaventura de Sousa Santos.

Pauta-se aqui pensar a Extensão Universitária, enquanto movimento e política, o que demonstra a necessidade da Extensão unificar cada vez mais o seu método, sua proposta e sua teoria, de maneira a não meramente divulgar um caráter prático na formação dos estudantes, mas de ser expressão da amplitude, do processo histórico em que o homem se reconhece.

Ao tomar as experiências enquanto um dos aspectos inerentes ao Programa e enquanto categoria empírica fundamental para a compreensão do mesmo configura-se do mesmo modo a importância de se compreender as *singularidades, pluralidades e totalidades* presentes no

Programa. A instauração de sentidos contidos nas experiências dos sujeitos que compõe o Teia é um exercício constante.

Assim, o que se espera com as reflexões deste trabalho é que o Programa Teia/UFV possa apontar luzes para o *inédito viável* proposto por Boaventura de Sousa Santos, visto desta maneira, pode ser construído, na medida em que se constrói uma perspectiva de *ecologia de saberes* na Universidade, ou seja, uma forma de Extensão na qual haja a promoção do *diálogo* entre os saberes: científicos, leigos, populares e tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental, etc.) que circulam na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEIXO, Izabela; DAYER, Vladimir; ARAÚJO, Laís; FIORINI, **Anôr Agricultura Urbana na Comunidade do Morro do Escorpião: O Que Podemos Aprender?** In: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Fortaleza/CE, Dezembro de 2011.

ALVES, Claudio Ferreira Alves; BARBOSA, Willer Araujo; CARDOSO, Irene Maria; MÂNCIO, Antônio Bento; JUCKSCH, Ivo; COELHO, Edgar Pereira; SANTOS, Marcelo Loures dos. **Troca de Saberes 2011**. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Universidade Federal de Viçosa – MG. 2011

ALVIM, Mayara Helena; BARBOSA, Willer Araujo; ZEFERINO, Jaqueline Cardoso; VILAÇA, Aline Serzedello das Neves. **Cultura Puri e arteeducação - potenciais artísticos/subjetivos na construção e valorização de experiências contra-hegemonicas**. In Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Fortaleza/CE, dezembro de 2011.

ANA - ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA – Caravana Cultural e Agroecológica da Zona da Mata Mineira – MG, Caderno do Participante, Viçosa, Minas Gerais, 2013.

ARAÚJO, Amanda Couto; MAIA, Eduardo, BAVUSO, Juliana. *Educação Popular: Ética e Cidadania no Cursinho Popular do DCE*. Universidade Federal de Viçosa, V- SEU, Novembro, 2007.

AZEVEDO, D. S. de. **Melhoramento do homem, do animal e da semente**. O projeto político pedagógico da Escola Superior de agricultura e veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): organização e funcionamento. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005 (tese de doutorado).

BARBOUR, Rosaline. **Grupos Focais**. Porto Alegre, Atmed, 2009.

BATISTA, Aline Maria de Melo. **Práxis, consciência de práxis e educação popular: algumas reflexões sobre suas conexões**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 21, n. 42, p. 169-192, jul.-dez. 2007.

BAUER. Carlos. **Introdução crítica ao humanismo dialógico de Paulo Freire**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

BRASIL/MEC. **Plano Nacional de Extensão. Coleção Extensão Universitária**, V. 1. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Ministério da Educação. Ilhéus: Editus, 2001a.

BRASIL/ MEC, **Secretaria do Ensino Superior. Teia - interações múltiplas por uma ecologia de saberes**. Formulário-Síntese da Proposta – SIGProj, Edital PROEXT, 2013

BRASIL. **Sistema de dados e informações: base operacional de acordo com o Plano Nacional de Extensão**. Coleção Extensão Universitária, V.3. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Rio de Janeiro: NAPE, ERJ, 2001b.

BRASIL. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Manaus, UFMA. 2012.

CAON, Priscila Gregório; FREITAS, Dayana Gonzaga Souza; MÉIER, Martin; GOMES, Carolina Rodrigues; CARDOSO, Irene Maria; PRONSATO, Laura; BARBOSA, Willer Araujo; VILLAR, **Juliana Padula. Teia - tecer relações solidárias por uma universidade popular**. Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. 4º - CBEU. 2009. Dourados – MS.

CARRILO, Afonso Torres. In: STRECK, Danilo R. & ESTEBAN, Maria Teresa (orgs). **Educação Popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013.

COELHO, Renato Lopes; PANEGASSI, Rubens Leonardo; QUINTÃO, Paulo Henrique Cotta; ARAÚJO, Tiago Varizzi. **Cultura e cidadania: Arte, educação e cultura popular pelo desenvolvimento, transformação e mobilidade socioeconômica do indivíduo sobre outra perspectiva**. In: Resumos do Simpósio de Integração Acadêmica – UFV, 2013.

CUNHA, L. S. **Extensão na Universidade Federal Fluminense: gênese, natureza, amplitude e compromissos**. Niterói, RJ, 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Fluminense, 1990.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e Contradição**. São Paulo, Cortez, 1989, 4ª ed.

FAGUNDES, J. **Universidade e Compromisso Social. Extensão, limites e perspectivas. Campinas: Universidade Estadual de Campinas**. 170p. (Tese de Doutorado), 1985.

FIGUEIREDO, Ana Luísa Silva; QUADRA, Raissa Rosa. **Projeto Crianças Arteiras e Casa Cultural do Morro: Novas possibilidades para crianças e jovens da periferia viçosense**. Disponível em: <http://ecos-periferia.blogspot.com.br/2012/08/projeto-criancas-arteiras-e-casa.html>. Acesso em 20 de mai. de 2014.

FONTES, Vinícius Lage; COSTA, Bianca Aparecida Lima; RIBEIRO, Heitor Novais; LOPES, Jaqueline de Holanda; NEVES, Júlio César Costa Lage; BENTO, Oséias Lopes; FERREIRA, Raphael Fontes. **Economia Solidária e Redes: O Papel da ITCP-UFV no Apoio e Fomento à Rede Raízes da Mata**. In: Resumos do Simpósio de Integração Acadêmica – UFV, 2013.

FRANCISCO, Talita de Cássia; MUGGLER, Cristine Carole Muggler; SOUZA, Juliana Nedina; ALEIXO, Thaís Marielen. **Projeto Conhecer e Gostar de Solos: Sensibilização Ambiental na Escola Municipal Paulo Mário del Giudice**. In: Resumos do Simpósio de Integração Acadêmica/UFV SIA, Viçosa, 2013.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo, Paz e Terra, 2011, 15ª ed.

_____, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, 38ª ed.

FREITAS, Dayana Gonzaga Souza e; VILLAR, Juliana Padula; BARBOSA, Willer Araujo. **Teia - Fios que Interligam o Ensino, a Pesquisa e a Extensão** - UFV /XIX SIC – Viçosa-

MG, 2009

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 2012. 10ª ed.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. V. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. [Tradução e edição de Carlos Nelson Coutinho]

_____. Antônio. **Cadernos do Cárcere**. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. [Tradução e edição de Carlos Nelson Coutinho]

GURGEL, M.R. **Extensão Universitária: Comunicação ou Domesticação?** São Paulo: Cortez. Universidade Federal do Ceará, 1986.

HADDAD, Sérgio; MARPHATIA, Akanksha A.; AINGER, Anne-Marie; SILVA, Camila Croso; ARCHER, David; AZZI, Diego; GONZALEZ, Marina; MUSSIÉ, Rachel; BOCK, Renato; BRUGIER, Yana Scavone. **Banco Mundial, OMC e FMI: o impacto nas políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 2008.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

LOPES, Leandro; CONTE, Guilherme ; CRUZ, Nina A.; CARDOSO, Irene M; AMORIM JR., Paulo. **Troca de saberes: vivenciando metodologias participativas para a construção dos saberes agroecológicos**. In: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Porto Alegre/RS, 2013.

MACHADO, Diogo Faria; CRUZ, Nina Abigail Caligorne; PIRES, Felipe Jacob; BORGES, Karina Schulz; ANDRADE, Amanda de Oliveira; MAIA, Hérksson Mota. **Sauípe - saúde integral em permacultura**. In: Resumos do VIII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Porto Alegre/RS, novembro de 2013.

Marx, Karl & Engels, Friedrich- **O Manifesto Comunista**, Martin Claret, 2000.

MIRANDA, Élide Lopes; SILVA, Lourdes Helena da; ZANELLI, Fabrício Vassalli; BHERING Marilane Souza. **Troca de saberes: novos enfoques metodológicos na construção do conhecimento agroecológico na Zona da Mata Mineira**. In: Simpósio de Integração Acadêmica/UFV. SIA Viçosa, MG, 2012.

NÓVOA, Carlos Alberto Torres. **A práxis educativa de Paulo Freire**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

OLIVEIRA, Leonardo Abud Dantas de; CARDOSO, IRENE MARIA. **Sistemas agroflorestais na Zona da Mata de Minas Gerais: sistematizar as experiências para apreender as lições**. In: Resumos do Simpósio de Integração Acadêmica – UFV, 2013.

PEIXOTO, Karoline Querubim; BARBOSA, Willer Araujo. *Educação Popular a Partir de Jovens do Campo - Mediações de Acesso Universitário*. In: Resumos do Simpósio de Integração Acadêmica – UFV, 2013.

PINTO, Alice Regina et al. **Manual de normalização de trabalhos acadêmicos**. Viçosa, MG, 2011. 70 p. Disponível em: <<http://www.bbt.ufv.br/>>. Acesso em: 15 de abr. 2013

Protocolo do SIGProj. 110154.480.31374.12042012. De: 01/01/2013 à 01/01/2014. **Teia - interações múltiplas por uma ecologia de saberes**

RICHARDSON, Roberto Jarry (et al). **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999. 3ª ed.

SANTOS, Ana Flávia Machado dos; MOREIRA, Maria Aparecida Scatamburlo; LOBO; GOMES, Annelise Aila; CARDOSO, Irene Maria; MASCARENHAS, Isabela Normando; BIGARDI, Lucas Rafael; BEVILACQUA, Paula Dias; FURTADO, Sílvia Dantas Costa. **Criação Animal na Transição Agroecológica: Aprofundando Reflexões em Manejo Nutricional e Sanitário**. In: Resumos do Simpósio de Integração Acadêmica – UFV, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Revista Crítica de Ciências Sociais, p. 237-280. 2002

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Universidade do Século XXI**. São Paulo. Cortez, 2005, 2ª ed.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2005b.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MIGNOLO, Walter D. **Conhecimento Prudente para uma Vida Decente**. São Paulo. Cortez, 2006, 2ª ed.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.

SANTOS, Marcelo Loures dos; BARBOSA, Willer Araújo; KÖLLN, Manuelli. **Programa de extensão TEIA/UFV: formação universitária para uma ecologia de saberes**. In: Educação em Revista. Vol. 29. N. 4 Belo Horizonte, 2013.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A História das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: Ed. Universitária / UFPB, 1999, 2ª ed.

SERRANO, R. M. S. M.. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire**. 2010. Disponível em m:<http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007, 23. ed

SILVA, E. W. **Extensão Universitária – concepções e práticas nas universidades gaúchas**. Porto Alegre. UFRGS, maio de 2003. Tese de Doutorado.

SILVA, Kim Sá da; OLIVEIRA, Leonardo Abud Dantas de; CARDOSO, Irene Maria, BARBOSA, Willer Araújo, CRUZ, Nina Abigail Caligiorne. **Terreiro-cultural – semeando a agroecologia, resgatando histórias e ressignificando identidades na zona da mata mineira**. 2013. Disponível em:

<http://www.agroecologiaemrede.org.br/experiencias.php?experiencia=113>. Acesso em 20 de dez. de 2013.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A História da Extensão Universitária**. Campinas–SP: Alínea, 2010, 2ª ed.

SOUSA Diego Neves de; MILAGRES, Cleiton Silva Ferreira; DIAS, Marcelo Miná; SOUSA, Dayane Rouse Neves; MILAGRES, Cléverson Silva Ferreira. **Formalização e Geração de Renda: O Caso da Assessoria à Padaria Artesanal Comunitária "Mãos de Fibra"**. In: Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável (RBAS), v.2, n.1. p.21-25, Julho, 2012.

TEIXEIRA, Pereira; FARIA, Britoiv; ROCHA, Silva. In: Revista Brasileira de Ciências da Amazônia. **Agroecologia: uma estratégia sustentável para a conservação dos recursos hídricos na agricultura familiar em Rondônia**. v2, n1, p. 105, 2013.

Disponível em: <file:///C:/Users/Priscila/Downloads/805-2773-1-PB.pdf>. Acesso em 11 de jul. de 2014.

TEIXEIRA, Thais H; BARBOSA, Willer A.; CRISCUOLO, Myriam R.; PEIXOTO, Karoline Q.; ANGELO, Marília da S. **Alternâncias educativas e homeopatia agrícola: uma investigação etnográfica sobre a reconversão agroecológica do Assentamento Pe. Jesus – Espera Feliz–MG**. In: Resumos do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Fortaleza/CE, dezembro de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Pró-reitoria de Extensão e Cultura. **Divisão de Extensão. Áreas Temáticas de Extensão e Áreas de Conhecimento do CNPq**. Disponível em: < <http://www.ufv.br/pec/files/pag/divext.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) UFV 2012-2017**. Acesso em: 15 abr. 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. **Política de Extensão**. Disponível em: < http://www.ufv.br/soc/files/pag/cepe/completa/2007/07_07.htm > Acesso em: 15 abr. 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Semana do Fazendeiro**. Disponível em: <http://www.semanadofazendeiro.ufv.br/?area=semana_faz> Acesso em: 15 abr. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Semana do Fazendeiro - Troca de Saberes**. Disponível em: <http://www.semanadofazendeiro.ufv.br/?area=troca_sab> Acesso em: 15 abr. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Relatório sobre os Impactos Socioambientais do Mineroduto da Ferrous na microrregião de Viçosa-Mg** – AGB, Seção Local Viçosa. 2012.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2011, 2ª ed.

ANEXO 1

MODELO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES E ESTUDANTES ENVOLVIDOS NO PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA TEIA/UFV

O modelo de entrevista para os 3 estudantes participantes desta pesquisa contemplou as seguintes questões:

1. Qual foi a sua trajetória até chegar ao Programa Teia?
2. Como você descreveria o projeto ao que está inserido dentro do Programa? (principais atividades, participantes, princípios)?
3. Pontue respectivamente ações de pesquisa e ensino que você já participou no Programa Teia/UFV.
4. Como você acha que o Teia afeta as comunidades envolvidas no Programa?
5. Qual o significado que você atribui ao Teia dentro da UFV?
6. Pontue ações significativas nas quais você participou no Programa.

O modelo de entrevista para os 2 professores participantes desta pesquisa contemplou as seguintes questões:

1. Qual foi a sua trajetória até chegar ao Programa Teia?
 2. Pontue respectivamente ações de pesquisa e ensino que você já participou no Programa Teia/UFV.
 3. Como você acha que o Teia afeta as comunidades envolvidas no Programa?
 4. Qual o significado que você atribui ao Teia dentro da UFV?
- Pontue ações significativas nas quais você participou no Programa.